

**unesp**  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**Faculdade de Ciências e Letras**  
**Campus de Araraquara - SP**

LORENNA MAYARA FORNEL

**EDITORIAL E CARTA DO EDITOR:** uma análise  
dialógica do discurso



ARARAQUARA – S.P.  
2021

LORENNA MAYARA FORNEL

## **EDITORIAL E CARTA DO EDITOR:** uma análise dialógica do discurso

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

**Linha de pesquisa:** Estrutura, Organização e funcionamento discursivos e textuais.

**Orientadora:** Profa. Dra. Marina Célia Mendonça

ARARAQUARA – S.P.  
2021

F727e Fornel, Lorena Mayara  
EDITORIAL E CARTA DO EDITOR: : uma análise dialógica do  
discurso / Lorena Mayara Fornel. -- Araraquara, 2021  
107 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),  
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara  
Orientadora: Marina Célia Mendonça

1. Gêneros do discurso. 2. Editorial. 3. Carta do editor. 4. Esfera  
jornalística. 5. Estudos bakhtinianos. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de  
Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

LORENNA MAYARA FORNEL

## **EDITORIAL E CARTA DO EDITOR:** Uma análise dialógica do discurso

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

**Linha de pesquisa:** Estrutura, Organização e funcionamento discursivos e textuais.

**Orientador:** Profa. Dra. Marina Célia Mendonça

Data da defesa: 28/05/2021

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador:** Profa. Dra. Marina Célia Mendonça (UNESP/FCLAr)

---

**Membro Titular:** Profa. Dra. Renata Coelho Marquezan (UNESP/FCLAr)

---

**Membro Titular:** Profa. Dra. Ana Lúcia Furquim Campos-Toscano (Uni-FACEF)

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
**UNESP – Campus de Araraquara**

Ao meu avô, Esmeraldo, que ficaria muito feliz por esta conquista.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por não me desamparar e por me conceder a plena saúde em um contexto de tanta angústia e medo;

À minha orientadora, Marina Mendonça, pela dedicação, empenho, competência, compreensão e por todo conhecimento partilhado. Minha admiração pela professora que é e por transmitir a nós sua sabedoria e amor pela docência, obrigada pela paciência e cuidado em cada correção e orientação. Agradeço, principalmente, pelo cuidado e empatia que teve em um momento tão desafiador como a pandemia que estamos vivendo;

Aos meus pais, Paulo e Flávia, por não medirem esforços e me apoiarem em todas minhas decisões, por me ouvirem e me acolherem quando mais precisei. Sou grata a vocês por toda luta até o mestrado para que fosse possível eu ter acesso ao estudo;

À minha irmã e amiga, Lauanne, por me trazer a tranquilidade e me permitir compartilhar um pouco do que é desenvolver uma pesquisa, que eu possa te ajudar a seguir nos caminhos dos estudos;

Ao meu namorado, Leonardo, pela compreensão, apoio e companheirismo, por ouvir minhas reclamações e lágrimas quando mais precisei, por me incentivar desde a graduação a não desistir e acreditar nas minhas decisões;

À minha grande amiga, Laura, companheira fiel do mestrado, que me acolheu em Araraquara em cada disciplina, que me fez rir e chorar de emoção com tantas histórias compartilhadas. Minha admiração e gratidão por dividir esta conquista com você, que possamos seguir juntas nesta vida acadêmica tão desafiadora;

Ao meu grande amigo, Leonardo, por me permitir compartilhar a trajetória do mestrado nos momentos de conquistas, nos erros e nos medos, pelas horas em videochamadas para conversarmos sobre a pesquisa e a vida em um momento de tanta solidão;

À minha amiga e sempre orientadora, Ana Lúcia, que me acolheu na graduação e é a grande responsável por eu não ter desistido de seguir na pesquisa do mestrado, obrigada pelas palavras de acolhimento e por acreditar em mim desde o primeiro projeto em 2015. Agradeço também pela disponibilidade e tantas contribuições na banca de qualificação;

Às professoras Renata, Assunção e Heloísa, pela leitura e contribuições fundamentais para o desenvolvimento do trabalho;

Aos colegas do SLOVO e da FCLAr, pela disponibilidade, pelos esclarecimentos, pelas reflexões e trocas ao longo desta trajetória;

Às escolas e aos meus colegas de trabalho, professores e gestores que sempre me motivaram e torceram por mim nestes anos;

Aos meus amigos e familiares que de certa forma participaram deste processo torcendo por esta conquista;

Aos professores que tive a oportunidade de conhecer em disciplinas e congressos nesta trajetória do mestrado, pelo conhecimento partilhado e por tantas contribuições na minha pesquisa;

À Unesp, pelo ensino público de excelência e pela oportunidade de desenvolver esta pesquisa.

*“Cada expressão linguística das impressões do mundo externo, quer sejam imediatas quer sejam aquelas que se vão formando nas entranhas de nossa consciência e receberam conotações ideológicas mais fixas e estáveis, é sempre orientada para o outro, até um ouvinte, inclusive quando este não existe como pessoa real.”*

Valentin Volochínov (2013, p.157)

## RESUMO

A esfera jornalística é composta por gêneros discursivos específicos que visam a estabelecer a comunicação e a interação dos indivíduos, seja por meio da formação de opiniões, disseminação de informações ou de fatos que ocorrem no corpo social. Estes gêneros se organizam em suportes/aplicativos como jornais impressos, revistas impressas, portal de notícias na internet e blogs jornalísticos. Cada enunciado, em diferentes gêneros discursivos e meios de produção/circulação, estabelece uma relação distinta com o seu destinatário: tem-se a notícia retratando fatos, há a entrevista com questionamentos a um sujeito a fim de obter informações e posicionamentos sobre determinado tema, há artigos e reportagens que expõem informações e discutem aspectos da realidade sócio-política, e há, enfim, os editoriais e cartas do editor de revistas – *corpus* desta pesquisa –, os quais são compostos por enunciados em que a redação expõe seu posicionamento em relação à temática abordada na edição, e nos quais é comum a objetividade na exposição das ideias, por meio do resumo sobre o conteúdo do número da revista. Estes gêneros possuem semelhanças quanto aos aspectos composicionais, estilísticos e temáticos, bem como uma arquitetura, aspectos que os constituem e os caracterizam como tal. Assim, nesta pesquisa, indagamo-nos se esses aspectos se alteram de acordo com o projeto de dizer do veículo e, ainda, quais as relações entre esses gêneros e as divergências e aproximações na relação com o leitor. A partir destes questionamentos, nosso objetivo neste trabalho foi verificar a construção estilística e composicional da carta do editor e do editorial em cada veículo pesquisado, no caso as revistas *Realidade* e *Fórum*, respectivamente, para identificarmos as estabilidades ou instabilidades nesta construção. Buscamos compreender os enunciados em sua forma arquitetônica: a relação do autor com o público-alvo das revistas e com os valores ideológicos do contexto sócio-histórico em que os gêneros se materializam. A análise nos possibilitou constatar que a seleção dos gêneros ocorre de acordo com o intuito de aproximação da revista com seu público-alvo e, em relação às especificidades dos gêneros, identificamos que diferente da estabilidade concebida pelo jornalismo, os textos são instáveis e alteram-se de acordo com a situação comunicativa. Para esta discussão, foi realizada uma seleção qualitativa de cartas do editor da revista impressa *Realidade* (1966-1976), disponível em seu acervo virtual, e de editoriais da revista *Fórum*, seja em sua versão impressa veiculada no site, seja nos textos publicados também no site da empresa. A metodologia para o desenvolvimento da pesquisa se pautou nas reflexões do Círculo de Bakhtin, especificamente na Análise Dialógica do Discurso, com o cotejamento dos gêneros carta do editor e editorial.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gêneros do discurso. Editorial. Carta do editor. Esfera jornalística. Estudos bakhtinianos.

## ABSTRACT

The journalistic sphere is composed by specific discursive genres that aim to establish the communication and the interaction of the individuals. either through the formation of opinions, the dissemination of information or facts that occur in the social body. These genres are organized in supports/applications such as printed newspapers, printed magazines, internet news portal, journalistic blogs. Each statement, in different discursive genres and means of production/circulation, establishes a different relationship with its addressee: there is the news portraying facts, there is the interview with questions to a subject in order to obtain information and positions about a particular topic, there are articles and reports that expose information and discuss aspects of the socio-political reality, there are, finally, the editorials and letters of the magazine editor - *corpus* of this research -, which are composed of statements in whereupon the editors expose their position in relation to the theme addressed in the edition, and in which objectivity in the presentation of ideas, in a synthetic way, is common. These genres have similarities in terms of compositional, stylistic and thematic aspects, as well as an architectural form, aspects that constitute and characterize them as such, however, in this research, we ask ourselves if these aspects change according to the conduit project of expression, and still what are the relationships between these genres, the divergences and approximations in the relationship with the reader. Based on these questions, our objective in this work is to analyze the relationship between these genres and verify the stylistic and compositional construction of it in each conduit researched, in this case the magazines *Realidade* and *Fórum*, to identify the stabilities or instabilities in this construction. We seek to understand the statements in their architectural form: the relationship between the author and the target audience of the magazines and with the ideological values of the socio-historical context in which the genres materialize, it allowed us to verify that the change in genres occurs according to the situation in which the journalistic company is inserted and the support of texts and environment where the statement is constituted. For this discussion, a qualitative selection of letters was made by the editor of the printed magazine *Realidade* (1966-1976), available in its virtual collection, and from editorials of the Forum magazine, whether in its printed version published on the website or not, presented on the company's website. The methodology for the development of the research was based on the reflections of Bakhtin's circle, specifically in the Dialogic Discourse Analysis, with the comparison of the genres letter of the editor and editorial.

**KEYWORDS:** Genres of discourse. Editorial. Letter from the Editor. Journalistic sphere. Bakhtinian studies.

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b>	Os gêneros discursivos carta do editor e editorial	43
<b>Tabela 2</b>	Cartas do editor na revista <i>Realidade</i>	53
<b>Tabela 3</b>	Editoriais da revista <i>Fórum</i>	58

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	Processo de recepção da informação	35
<b>Figura 2</b>	Capa da revista Realidade edição 1	46
<b>Figura 3</b>	Capa da revista <i>Fórum</i> edição 1	47
<b>Figura 4</b>	Disposição dos assuntos no site da revista <i>Fórum</i>	57
<b>Figura 5</b>	Tópicos dos conteúdos apresentados no site da <i>Fórum</i>	57

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2 REFLEXÕES BAKHTINIANAS DO DISCURSO.....</b>	<b>18</b>
2.1 Metodologia.....	20
2.2 Sobre os gêneros discursivos: enunciado concreto, a língua como acontecimento.....	23
2.2.1 Forma composicional, estilo, tema e forma arquitetônica.....	29
2.3 Signo ideológico e Ideologia.....	32
<b>3 A ESFERA JORNALÍSTICA: espaço de transmissão de informação e formação de opinião.....</b>	<b>36</b>
3.1 Gêneros opinativos no jornalismo: o editorial e a carta do editor.....	41
3.2 A revista como veículo de informação.....	45
<b>4 A CARTA DO EDITOR E O EDITORIAL EM REVISTA: uma análise dialógica do discurso .....</b>	<b>53</b>
4.1 As cartas do editor na revista Realidade.....	62
4.2 Os editoriais na revista Fórum .....	81
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>98</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>103</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A discussão acerca dos gêneros do discurso em autores do Círculo de Bakhtin possibilita a compreensão de como se desencadeia a comunicação dos indivíduos em sociedade. É possível nos indagarmos qual a relação dos enunciados e como estes se organizam a fim de promover o ato de se comunicar nas esferas de atividade humana, como no jornalismo. A esfera jornalística possibilita a interação da sociedade e o acesso aos fatos políticos que ocorrem no cotidiano, ao divulgar e posicionar-se sobre temas e decisões políticas na sociedade por meio de gêneros discursivos distintos, o que torna esta como fundamental para a vida sociopolítica. À luz de tal perspectiva, visto a presença de tais gêneros na formação de opinião do corpo social, dedicamo-nos nesta pesquisa a analisar e a buscar compreender como se dá a construção dos gêneros carta do editor na revista impressa *Realidade* e editorial na revista *Fórum*, sendo esta em duas situações de veiculação: na reprodução digital dos editoriais da revista impressa e na publicação de editoriais desvinculado de número do periódico.

Estas revistas despertaram nosso interesse pela pesquisa diante das temáticas políticas e sociais abordadas nos diferentes momentos sócio-históricos. A revista *Realidade*, que teve seu período de circulação de 1966 a 1976, interessou-nos pois foi considerada o periódico que deu início a uma mudança no jornalismo, ao propor um desenvolvimento dos fatos da sociedade em edições extensas com detalhamento e abordagens reflexivas em uma situação de censura, no contexto da ditadura militar no Brasil. Notamos que mesmo diante de um contexto repressor a revista buscou atuar de modo crítico e constatamos isso nas cartas do editor, com uma interlocução que visava aproximar o leitor e, ainda, promover o trabalho da redação da revista. Já a revista *Fórum*, que iniciou em 2001 com a revista impressa e hoje mantém o trabalho editorial apenas no meio digital, chamou nossa atenção diante da forma como se posiciona em relação aos fatos da realidade e a contribuição sócio-política que ela promove, ao apresentar seu posicionamento de modo explícito para seu leitor desde as primeiras edições, o que podemos identificar como um estilo da revista visto a escolha por debater temas sociais e políticos mantendo o mesmo posicionamento valorativo.

Além das discussões selecionadas pelas instituições, a questão da presença dos gêneros editorial, na revista *Fórum*, e carta do editor, na revista *Realidade*, promoveu questionamentos sobre a constituição destes gêneros e se estes podem ser compreendidos a partir de uma mesma funcionalidade na organização de uma revista, visto que inseridos nesta

esfera são compreendidos como gêneros opinativos que apresentam o posicionamento da instituição e visam a formar a opinião pública, mas quais aspectos realmente os distinguem?

Ademais, desde a graduação em Letras, as questões relacionadas aos gêneros jornalísticos são de interesse da autora com o desenvolvimento da pesquisa “Mais que informação. Reflexão.”, financiado pelo CNPq, entre os anos de 2016 e 2017 durante a graduação no Uni-FACEF. A pesquisa foi desenvolvida sob orientação da Profa. Dra. Ana Lúcia Furquim Campos-Toscano e selecionamos a revista *Brasileiros* que despertou o nosso interesse pela pesquisa a partir do nome e slogan que trazia “Mais que informação. Reflexão.”. A partir desses elementos, iniciamos uma seleção de edições para entender como a revista buscava cumprir a proposta do slogan e quais os discursos concebidos por ela ao promover que contemplaria temas relacionados ao Brasil e aos seus cidadãos (devido ao nome *Brasileiros*). Analisamos gêneros discursivos que circulam no jornalismo como a reportagem, o artigo de opinião e o editorial em revista, assim como os autores selecionados para a redação dos conteúdos e quais os temas e valores debatidos na revista. Com a pesquisa, foi possível identificarmos que a revista concebia posicionamentos vinculados à ideologia política de esquerda ao retratar sobre a sociedade brasileira e, para garantir o cumprimento de seu slogan, trazia autores de diversas áreas de estudo com o intuito de garantir a reflexão proposta. Além disso, notamos que os responsáveis pela redação dos textos das edições se alteravam de acordo com o tema e esses autores tinham vínculos com pesquisas ou eram grandes estudiosos contemporâneos, demonstrando a escolha por um discurso de autoridade que buscava evitar a refutação. Esse trabalho contribuiu para os estudos relacionados aos gêneros discursivos na esfera jornalística, assim como propomos neste trabalho.

Sobre esta esfera, cabe ressaltar que participa do elo comunicativo de interação humana ao apresentar enunciados que reportam fatos cotidianos e da vida sócio-político-cultural e debatem temas e posicionamentos relacionados a situações sobre a vida cotidiana. Esse ato de disseminação de informação e posicionamentos se dá por meio dos diversos gêneros discursivos, os quais objetivam essa transmissão por meio de reflexo

es, análises e discussões, cada gênero cumprindo com sua finalidade na cadeia discursiva. Como mencionado, os gêneros carta do editor e editorial nos chamaram atenção diante da relevância destes como gêneros que retratam o posicionamento dos veículos jornalísticos a fim de promover e formar a opinião pública. Nas revistas, verificamos que há a presença do editorial e da carta do editor, postos em seções específicas, para a apresentação da revista e posicionamento desta. Ao analisarmos a recorrência e a constituição destes gêneros,

indagamo-nos por que estes são distinguidos, e, se são divergentes, quais as diferenças apresentadas? Quais as estabilidades e instabilidades destes gêneros na relação entre as duas revistas? Como os aspectos ideológicos ajudam a constituir o enunciado desses gêneros? Quais as relações entre o estilo, a temática e o público-alvo de cada gênero?

A partir destes questionamentos traçamos os objetivos gerais que nortearam esta pesquisa e que foram cumpridos ao longo de seu desenvolvimento: analisar, pela perspectiva do Círculo de Mikhail Bakhtin, os gêneros discursivos editorial e carta do editor nas revistas *Realidade e Fórum*, investigando não só instabilidades e estabilidades desses gêneros, mas também a possível relação entre eles. Como objetivos específicos, buscamos: 1) Verificar a construção estilística e composicional desses gêneros que compõem cada veículo e responder à questão: há estabilidades ou instabilidades nesta construção? 2) Analisar a relação possível entre os gêneros em questão; 3) Compreender esses gêneros em sua forma arquitetônica: a relação do autor com o público-alvo das revistas e com os valores ideológicos do contexto sócio-histórico em que o gênero se materializa.

Tais aspectos foram analisados a partir da análise dialógica do discurso, com o cotejamento dos editoriais e cartas do editor das revistas selecionadas e a verificação de como se constitui o diálogo entre estes gêneros e o contexto sócio-histórico, além da relação entre redator-leitor. O desenvolvimento teórico-metodológico está pautado nas reflexões do Círculo de Bakhtin acerca dos gêneros do discurso, diálogo, arquitetônica e ideologia. Para isso, nos pautamos nas reflexões de Bakhtin (2009, 2011, 2017) e Volóchinov (2013, 2018, 2019), além de seus comentadores, entre eles Geraldi (2012); Amorim(2001); Freitas, Jobim e Souza, Kramer (2003); Faraco (2003); Miotello (2007); Machado (2005); Brait (2005) e Fiorin (2006).

O jornalismo opinativo tem por sua essência apresentar relato e reflexão crítica sobre uma realidade, desse modo, visa a formar a opinião pública e promover discussões sobre a realidade para seus leitores a partir do ponto de vista da instituição. Com isso, os diversos gêneros discursivos presentes neste campo apresentam projeto de dizer relacionado a essa funcionalidade mais geral. Nesse sentido, além das discussões bakhtinianas, vamos nos pautar nos estudos do jornalismo discutidos por Cristóvão (2001), Faro (1999), Lage (2001), Marques de Melo (1985), Meditsch (1997), Rodrigues (2001), Silva (2011).

A partir desses pressupostos teórico-metodológicos e a fim de contemplar os objetivos postulados, apresentamos na seção 1, intitulada “Reflexões bakhtinianas do discurso”, discussões acerca dos estudos dialógicos do discurso. Para isso, realizamos uma revisão bibliográfica das obras do Círculo de Mikhail Bakhtin, primeiramente dissertamos sobre o

conceito de enunciado concreto e os gêneros do discurso, com ênfase nos conceitos de estilo, tema, forma composicional e forma arquitetônica para compreendermos como os gêneros atuam nas diversas esferas de comunicação. Em seguida, discutimos os conceitos de ideologia e signo ideológico, com o fito de estabelecermos como os enunciados são valorados ideologicamente na historicidade.

Na seção 2, intitulada “A ESFERA JORNALÍSTICA: espaço de transmissão de informação e formação de opinião”, apresentamos de que modo a esfera jornalística atua na sociedade ao suscitar a propagação de informação e, principalmente, a formação da opinião pública. Desse modo, desenvolvemos reflexões acerca da constituição das revistas e enfatizamos a análise dos textos opinativos editorial e carta do editor. Em seguida, desenvolvemos a contextualização das revistas selecionadas e as especificidades de cada imprensa.

Após a discussão acerca do jornalismo, introduzimos a análise do *corpus* selecionado das revistas *Fórum* e *Realidade* na seção 3, em que nos dedicamos à reflexão e discussão de como se constituem os gêneros discursivos apresentados. Para isso, traçamos como método de análise da pesquisa o cotejamento dos gêneros editoriais e carta do editor nas revistas que foram selecionadas. A seleção das cartas do editor na revista *Realidade* foi realizada de modo qualitativo, assim, após a coleta das 120 edições que circularam entre 1966 e 1976, identificamos em quais edições havia carta (não eram todas as edições que apresentavam) e em seguida buscamos selecionar nove cartas a partir da alteração de título e assinatura, além de preferir ao menos uma carta referente às fases que a revista teve ao longo dos anos de sua circulação. A primeira fase foi baseada em uma postura revolucionária no jornalismo, enquanto a segunda e a terceira foram marcadas pela mudança na redação da revista e a tentativa de censura diante dos atos institucionais instaurados na época. Em relação à revista *Fórum*, primeiramente realizamos uma pesquisa no site e identificamos que a partir da palavra “editorial” é possível encontrar os textos que foram publicados na revista impressa entre 2012 e 2014, os quais são reproduzidos no site, e nos deparamos com editoriais publicados no próprio site da revista. Importante ressaltar que não há um espaço dedicado aos editoriais no site, questão que discutiremos na seção 3. A partir da pesquisa no meio digital da revista, realizamos a coleta do *corpus*, selecionando oito editoriais a partir dos títulos. Buscamos trazer editoriais que foram reproduzidos no *site*, mas que possuíam uma edição impressa, e outros que foram publicados diretamente no endereço eletrônico da revista.

Diante desta seleção, na seção 3 realizamos a análise do corpus coletado a fim de responder à problematização da pesquisa, identificando estabilidades e instabilidades do gênero em cada revista, os valores ideológicos concebidos e qual a relação entre estes gêneros. Por fim, apresentamos as considerações finais a fim de reiterarmos os objetivos do trabalho e apresentarmos resultados gerais desta pesquisa, além de considerar possíveis desdobramentos para analisar o papel dos gêneros carta do editor e editorial no jornalismo contemporâneo. Ressaltamos também a relevância da análise desses gêneros e deste estudo para o campo científico, com enfoque para os estudos discursivos, e o jornalístico, visto que podemos nos indagar sobre a concepção destes gêneros opinativos pelo jornalismo.

## 2 REFLEXÕES BAKHTINIANAS DO DISCURSO

Nesta seção, apresentamos o subsídio teórico da pesquisa acerca do discurso para refletirmos sobre os gêneros discursivos carta do editor e editorial em revista na sociedade, a partir da perspectiva do Círculo de Mikhail Bakhtin. É importante ressaltarmos que trataremos do Círculo como um conjunto de reflexões discutidas por Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov e Medvedev<sup>1</sup>, a fim de buscarmos caminhos consistentes para uma análise do discurso. A perspectiva bakhtiniana possui diversas concepções e estudos na contemporaneidade visto nos grupos de estudos, no Brasil, os quais optam por denominações distintas. Aqui nos dedicaremos a uma Análise Dialógica do Discurso, conceito cunhado pela pesquisadora brasileira Beth Brait, a qual situa os estudos bakhtinianos como base para análise das interações na linguagem, em que o pesquisador como um sujeito histórico estabelece relações entre as situações da vida e a língua, assim propõe que:

Iniciar a apresentação da análise/teoria dialógica do discurso dessa maneira significa de imediato, conceber estudos da linguagem como formulações em que o conhecimento é concebido, produzido e recebido em contextos históricos e culturais específicos e, ao mesmo tempo, reconhecer que essas atividades intelectuais e/ou acadêmicas são atravessadas por idiosincrasias institucionais e, necessariamente, por uma ética que tem na linguagem, e em suas implicações nas atividades humanas, seu objetivo primeiro. (BRAIT, 2006, p.10)

Buscaremos neste trabalho compreender, mediante a Análise Dialógica do Discurso, os aspectos constituintes dos gêneros discursivos em questão para verificarmos como se dão sua produção e sua recepção no contexto histórico e cultural situado. Entendemos que, assim como discutido por Brait (2006), embora o Círculo não tenha realizado inicialmente uma proposta de análise da linguagem em diversas esferas de atividade - com conceitos e preceitos formados - o estudo proposto contribuiu de forma precisa para a reflexão sobre a linguagem e a interação humana. Esta concepção se concretizou a partir dos estudos da linguagem na relação dialógica entre estética e ética no campo literário, especificamente no gênero romance, e que contemporaneamente estendeu-se a outras atividades humanas. Considerando estes aspectos, é diante desta concepção que trataremos dos gêneros carta do editor e editorial na esfera de atividade humana jornalística.

A linguística ao propor o estudo da linguagem, estabelece análises de como se dá a comunicação humana, e numa perspectiva histórica foi se alterando e agregando novos

---

<sup>1</sup> As questões de autoria possuem grande discussão, para isso, aqui assumimos o termo Círculo ou até mesmo Bakhtin para se referir aos estudos desenvolvidos pelo grupo russo.

conceitos para se pensar a linguagem. Ao vislumbrar as teorias formalistas da década de 60, advindas dos pressupostos de Saussure, denota-se que a língua era concebida como uma reflexão sobre ela mesma, em uma perspectiva metalinguística. No entanto, o Círculo, em outro contexto científico e na primeira metade do século XX, propôs uma reflexão que ia além de uma análise puramente linguística, mas aqui se pensa a linguagem na sua relação entre o interno e o externo, o que configura uma perspectiva dialógica (BRAIT, 2006) e propõe uma linha de estudos que denominaram de translinguística.

Esta concepção foi inicialmente estabelecida, como já elencamos, por meio do estudo das relações dialógicas no gênero romance, mas que possibilitaram a análise do uso da língua nas diversas esferas de atividades humanas. Ao considerar a Análise Dialógica do Discurso, entendemos que o estudo da linguagem não se dá apenas na observação de orações ou textos isolados, mas sim mediante a verificação dos enunciados que se dão em um determinado contexto por indivíduos inseridos socialmente, e analisa-se a interação verbal, posto que os discursos estão presentes na atividade humana e são constituídos por enunciados dialógicos, os quais são concretizados na relação entre o eu e o outro. Para isso, como pesquisadores, vamos pensar nas relações humanas e nos enunciados que estão inseridos em cada situação, como Bakhtin (2011) postula:

O encontro (produção de discurso) como um todo entra em um campo inteiramente novo da comunicação discursiva (como unidade desse novo campo) que não se presta à descrição e à definição nos termos e métodos da linguística e – em termos mais amplos – da semiótica. Esse campo é dirigido por uma lei específica e para ser estudado requer uma metodologia especial e, pode-se dizer francamente, uma ciência (uma disciplina científica). O enunciado enquanto totalidade não se presta a uma definição nos termos da linguística (e da semiótica). O termo “texto” não corresponde de maneira nenhuma à essência do conjunto todo do enunciado. Não pode haver enunciado isolado. Ele sempre pressupõe enunciados que o antecedem e o sucedem. Nenhum enunciado pode ser o primeiro ou o último. Ele é apenas o elo na cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado. Entre os enunciados existem relações que não podem ser definidas em categorias nem mecânicas nem linguísticas. Eles não têm analogias consigo.

A proposta bakhtiniana não contempla uma análise isolada dos enunciados, pois para o Círculo a comunicação é concretizada por meio da interação de outros enunciados e este, sob o olhar bakhtiniano, deve ser pensado a partir da relação humana de modo contextualizado, no elo da cadeia comunicativa, o que não possibilita uma descrição e definição estável e fechada do ato de se comunicar. A compreensão de que, para o Círculo, as discussões sobre o discurso estão intrinsecamente relacionadas à vida estabelece-se visto que este só acontece no ato ético.

Bakhtin, ao propor a análise do uso da língua, tece reflexões sobre a o ato de linguagem, o qual é discutido na obra “Para uma filosofia do ato responsável”, escrita em 1920 e publicada postumamente apenas em 1986, a qual , de forma bastante original, possibilitou pensar a língua como um ato responsável e o indivíduo como responsável por seu discurso. Além disso, pressupõe-se que tal discurso seja constituído pelo outro e, assim, a alteridade se concretiza. A linguagem como ato coloca-nos como ativos na comunicação e, desse modo, todo discurso proferido tem única e total responsabilidade do eu, somos livres ao produzir os mais diversos enunciados em seus contextos e suas relações dialógicas, no entanto, assumimos a responsabilidade de concretizá-los e atuamos segundo os desdobramentos gerados por estes. Esta lógica torna-se fundamental para a compreensão de como se estabelecem estes atos discursivos, ao compreendermos sua atuação no meio social, como na esfera jornalística que compreende o *corpus* desta pesquisa.

Visto esta contextualização, nesta seção refletimos sobre alguns conceitos bakhtinianos que nortearão nossas discussões ao longo do trabalho. Inicialmente, apresentamos a metodologia do trabalho a partir da concepção bakhtiniana de discurso, em seguida, discutimos as especificidades do gênero discursivo e do enunciado concreto, em que abrimos uma subseção para compreendermos melhor as noções de forma composicional, estilo, tema e forma arquitetônica. Na seção 1.3, apresentamos discussões acerca da ideologia a fim de contribuir para a compreensão dos valores concebidos nos enunciados concretos e, no tópico 1.4, abordamos questões voltadas para a autoria, para entendermos como esta se constitui nos gêneros editorial de revista e carta do editor.

## **2.1 Metodologia**

O Círculo de Bakhtin dedicou-se a estudar o enunciado, o entendimento estava pautado na confirmação de que o homem só produz linguagem nas relações, como Miotello (2012) apontou ao discutir que a proposta dialógica do Círculo estabelece que o sujeito só se constitui no meio social por meio do outro. Bakhtin (2011), inserido na concepção dialógica, apresenta três relações: 1) entre objetos, 2) entre sujeito e objeto e 3) entre sujeitos, sendo a última a que primordialmente é discutida pelo Círculo, o elo entre as consciências, visto que estas são personificadas. Cabe ressaltar que as demais relações não são descartadas pelo filósofo russo, pois estas podem ser personificadas também e concebidas como a relação entre sujeitos.

Os vínculos estabelecidos no ato ético são irrepetíveis e mutáveis, ou seja, são singulares e particulares às relações entre sujeitos estabelecidas em dada instância (GERALDI, 2012), por isso, pautado nesta concepção, o olhar bakhtiniano visa à análise dialógica para evidenciar como são constituídas as interações humanas, as quais são concretizadas na linguagem. Partindo deste pressuposto, em “Metodologia das Ciências Humanas”, Bakhtin discorre sobre o atuar do pesquisador e estabelece qual o objeto de estudo das Ciências Humanas: “o ser expressivo e falante”, que se realiza em um campo de encontro das consciências do eu e do outro.

Ao verificar o material de expressão do sujeito na vida, dedicado às Ciências Humanas, destaca-se a questão da memória diante da necessidade de se analisar o falante no passado e a inacabável interpretação que é suscetível. Pode-se afirmar que este material é o conhecimento que pode ser ressignificado de acordo com a instância temporal, pois trata-se de um objeto mutável e instável de acordo com as transformações promovidas pelo momento histórico inserido. Esta visão está relacionada ao aspecto de que há um diálogo infinito em que nenhum sentido morre, pois, todo contexto retoma contextos anteriores. Por isso, para pensar em um metodologia em Bakhtin, analisamos primeiramente o que “costuma desenvolver-se no espaço estreito do pequeno tempo, isto é, da atualidade do passado imediato e do futuro representável – desejado ou assustador” (BAKHTIN, 2011, p.407), para então estabelecer a relação de sentido com o grande tempo.

Acerca do sentido, torna-se pertinente constatar que, nas Ciências Humanas, a noção de grande tempo é fundamental visto as possibilidades e alterações existentes em relação às possíveis interpretações na historicidade, entendendo que “cada texto é o correlacionamento de dado texto com outros textos” (BAKHTIN, 2011, p. 400). Para a compreensão do enunciado, portanto, é fundamental o entendimento do contexto, o qual pode ser constatado quando buscamos relacionar os editoriais e cartas do editor das revistas Realidade e Fórum, respectivamente, com a situação social, cultural e histórica vigente. Por isso, o caminho metodológico na visão do Círculo busca contemplar a relação de textos com outros e na presente pesquisa salientamos que vamos verificar o elo entre os gêneros discursivos em análise para compreender como estes se constituem na esfera jornalística. Sobre a concepção e entendimento dos enunciados na perspectiva dialógica, Bakhtin (2011, p.401) disserta:

O texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo. Salientamos que esse contato é um contato dialógico entre textos (enunciados) e não um contato mecânico de “oposição”, só possível no âmbito de um texto (mas não do texto e dos contextos) entre os

elementos abstratos (os signos no interior do texto) e necessário apenas na primeira etapa da interpretação (da interpretação do significado e não do sentido). (BAKHTIN, 2011, p.401)

A lógica dialógica, para Bakhtin (2011), permite que a análise dos textos estabeleça um movimento retrospectivo, com contextos do passado, e um movimento prospectivo com a antecipação de contextos futuros. Desse modo, na discussão que nos propomos nesta pesquisa, compreendemos o cotejamento como metodologia de análise, verificando os diálogos existentes entre os gêneros discursivos analisados a fim de compreendermos a constituição destes na esfera jornalística e os discursos sociais evidenciados nos enunciados, identificando o contexto de produção, e, como afirma Geraldi (2012, p.33), “recuperando parcialmente a cadeia infinita de enunciados a que o texto responde, a que se contrapõe, com quem concorda, com quem polemiza”.

A compreensão do enunciado em um contexto também deve ser avaliada a partir do tom, da entonação, de como se constitui o texto na interação social. Na análise dialógica, a entonação do discurso também expressa os valores ideológicos concebidos na situação determinada.

Pensando nas questões aqui discutidas, concebemos como mecanismos de análise os caminhos metodológicos que Bakhtin (2011) pontua, assim, buscaremos verificar as especificidades dos editoriais e cartas do editor analisados no *corpus*, a compreensão do sentido e entonação desses enunciados, a relação entre estes e a situação social e histórica postas junto às ideologias que refratam a realidade, como proposto ao definir como se dá a análise de atos particulares e concretos:

A percepção psicofisiológica do signo físico (palavra, cor, forma espacial). 2. Seu reconhecimento (como conhecido ou desconhecido). A compreensão de seu significado reprodutível (geral) na língua. 3. A compreensão de seu significado em dado contexto (mais próximo e mais distante). 4. A compreensão ativo-dialógica (discussão-concordância). A inserção no contexto dialógico. O elemento valorativo na compreensão e seu grau de profundidade e de universalidade. (p.398)

Na pesquisa, o papel do pesquisador é assumir uma posição distanciada e com isso propor questões relacionadas ao conhecimento do enunciado do outro, a partir da construção de hipóteses provisórias sobre o que objetivamos analisar (MENDONÇA, 2012). A visão metodológica evidenciada nos subsidiará para a análise proposta e, a partir desses pressupostos, apresentamos a seguir a discussão dos conceitos bakhtinianos que nortearão nosso estudo.

## 2.2 Sobre os gêneros discursivos: enunciado concreto, a língua como acontecimento

Como propomos, deter-nos-emos à análise dialógica que compreende os enunciados concretos como constitutivos da interação entre os sujeitos, em que estes são atos singulares nas situações sociais. O sujeito assume responsabilmente os discursos formulados. O enunciado só tem sua existência no aqui e agora, sendo assim um ato suscetível de responsabilidade dos seus participantes e suas particularidades.

Cada um de meus pensamentos, com o seu conteúdo, é um ato singular responsável meu, é um dos atos de que se compõe a minha vida singular inteira como agir ininterrupto, porque a vida inteira na sua totalidade pode ser considerada como uma espécie de ato complexo: eu ajo com toda a minha vida, e cada ato singular e cada experiência que vivo são um momento do meu viver-agir. Tal pensamento, enquanto ato, forma um todo integral: tanto o seu conteúdo-sentido quanto o fato de sua presença em minha consciência real de um ser humano singular, precisamente determinado e em condições determinadas. (BAKHTIN, 2017, p.44)

Os enunciados concretos podem ser concretizados como textos verbais, imagéticos, multimodais, em várias linguagens. São atos que possuem responsabilidade, diante das relações sociais, o sujeito assume um posicionamento; para Bakhtin analisa-se a linguagem na sua atuação no social, sendo digno de responsabilidade e ativo - um discurso passivo não nos integra como indivíduo que atua socialmente e assume sua responsividade no ato comunicativo. Para uma análise dialógica, tomamos o enunciado como um ato discursivo, um acontecimento, como um evento a partir do eu que, pautado em outros enunciados que o antecedem e projetam outros, constitui a teia discursiva. Por meio da linguagem, posicionamo-nos socialmente, ou seja, é na relação do interior com o exterior que concretizamos nosso discurso. A seguir, podemos verificar como se dá tal ato no *corpus* de nosso trabalho:

### CARTA DO EDITOR

Temos o prazer de apresentar o primeiro número de REALIDADE, novo lançamento da Editora Abril. Há 16 anos vimos editando revistas para o público brasileiro, acompanhando a extraordinária evolução do País. O Brasil vai crescendo em todas as direções. Voltado para o trabalho e confiante no futuro, prepara-se para olhar de frente os seus muitos problemas a fim de analisá-los e procurar solucioná-los. E é por isso que agora surge REALIDADE. Será a revista dos homens e das mulheres inteligentes que desejam saber mais a respeito de tudo. Pretendemos informar, divertir, estimular e servir a nossos leitores. Com seriedade, honestidade e entusiasmo. Queremos comunicar a nossa fé inabalável no Brasil e no seu povo, na liberdade do ser humano, no impulso renovador que hoje varre o País, e nas realizações da livre iniciativa. Assim é com humildade, confiança e prazer que dedicamos REALIDADE a centenas de milhares de brasileiros lúcidos, interessados em conhecer melhor o presente para viver melhor o futuro.

Victor Civita

(REALIDADE, 1966, p.3)

O enunciado apresentado está situado historicamente e evidencia um posicionamento da revista, representado pelo diretor da redação Victor Civita, que naquela circunstância inaugurava sua presença no meio jornalístico. A revista *Realidade* tem um compromisso ético, expõe enunciados à população e é responsável pelos seus discursos veiculados, os quais concretizam valores ideológicos. Este enunciado, neste dado momento histórico, permite verificarmos que a revista faz uso de um discurso carregado de valores nacionalista diante da concepção que considerava os brasileiros como “lúcidos” e “inteligentes”, o que pode ser compreendido como uma estratégia comunicativa da empresa para conseguir se manter no mercado editorial naquele momento. Esta carta do editor será retomada na seção 3 deste trabalho, mas por esta breve verificação, compreendemos como o enunciado no processo de interação suscita e concretiza valores morais da época, além de evidenciar que por meio da linguagem uma instituição se posiciona, a partir da perspectiva de um sujeito sócio-historicamente situado para destinatários imediatos previstos, o que comprova que é um ato, pois é um evento irrepetível e único.

Visto que o Círculo de Bakhtin, ao analisar a linguagem, dedica-se a estudar e trabalhar com o enunciado concreto a partir da perspectiva de que este é um acontecimento, um evento e, desse modo, é único e irrepetível, afirmamos que o ato enunciativo acontece em um determinado contexto definido pelos participantes deste ato discursivo. Para definir tal conceito, podemos pensar em uma esfera na qual foi definido um discurso e, se em outra situação, ocorre o mesmo discurso possivelmente não suscitará os mesmos atos de seus participantes. Aqui é fundamental distinguir que para o Círculo não se pensa um enunciado apenas como uma oração sintaticamente organizada, pois, primordialmente, analisa-se o contexto de acontecimento de tal evento. Sem contexto não há enunciado, mas sim uma oração solta e desvinculada. Assim, Bakhtin distingue oração de enunciado:

Não se intercambiam orações como se intercambiam palavras (em rigoroso sentido linguístico) e grupos de palavras; intercambiam-se enunciados que são construídos com o auxílio das unidades da língua: palavras, combinações de palavras, orações; ademais, o enunciado pode ser construído a partir de uma oração, de uma palavra, por assim dizer, de uma unidade do discurso (predominantemente de uma réplica do diálogo), mas isso não leva uma unidade da língua a transformar-se em unidade da comunicação discursiva.(BAKHTIN, 2011, p.278)

Bakhtin (2011) afirma que a comunicação humana se dá por meio de gêneros os quais precisamos verificar a partir da situação em que estão inseridos, pois assim os discursos

são veiculados a partir da situação dada. Um gênero pode ser desde uma conversa cotidiana até um gênero mais formal, como o editorial e a carta do editor, publicados na esfera jornalística, e que vamos considerar neste trabalho.

O uso da língua, na perspectiva bakhtiniana, é um acontecimento, pois não se repetirá, em cada situação os indivíduos participantes estão em outras condições que são definidas tanto pela sua individualidade como pelo contexto. O enunciado é pensado e proferido a partir da sua situação de acontecimento e seus participantes. Assim, a língua é utilizada de acordo com as condições discursivas daquele enunciado.

Para isso, Bakhtin (2011) define que um gênero é constituído de uma forma composicional, estilo e tema. Em relação à forma, numa concepção inicial, pensamos na organização textual deste enunciado; para o estilo e tema vamos pensar nas escolhas linguísticas e nos sentidos daquele enunciado. Partindo deste pressuposto, Bakhtin define que o emprego da língua se dá por meio de enunciados e, nas diversas esferas de atividades humanas, constitui os gêneros discursivos, os quais cumprem com as situações discursivas.

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*". (BAKHTIN, 2011, p. 261-262, grifos do autor)

Os enunciados além de únicos são relativamente estáveis pois, tendo em vista que são constituintes a partir do contexto e de seus participantes no elo comunicativo, estão suscetíveis a alterações, seja na forma composicional, no modo de exposição ou até no seu mecanismo de divulgação. Desse modo, analisamos o vínculo intrínseco entre a linguagem e o contexto, uma vez que os enunciados são organizados de acordo com a situação colocada, o que leva à criação dos gêneros, os quais permitem a comunicação e são relativamente estáveis pois estão sempre em dinamicidade. Assim, Bakhtin (2011) disserta:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. Cabe salientar em especial a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), nos quais devemos incluir as breves réplicas do diálogo do cotidiano (saliente-se que a diversidade das modalidades

de diálogo cotidiano é extraordinariamente grande em função do seu tema, da situação e da composição dos participantes), o relato do dia-a-dia, a carta (em todas as suas diversas formas), o comando militar lacônico padronizado, a ordem desdobrada e detalhada, o repertório bastante vário (padronizado na maioria dos casos) dos documentos oficiais e o diversificado universo das manifestações publicísticas (no amplo sentido do termo: sociais, políticas); mas aí também devemos incluir as variadas formas das manifestações científicas e todos os gêneros literários (do provérbio ao romance). (p.262)

O conceito de gêneros do discurso, discutido por Bakhtin (2011) em seu ensaio “Os gêneros do discurso”, propõe uma análise de como se concretizam os enunciados no processo de comunicação humana. No texto, trata os gêneros como primários ou secundários, sendo primários definido pelo autor como aqueles simples, voltados a contextos mais ligados ao cotidiano como um bilhete; já os gêneros secundários, a perspectiva bakhtiniana categoriza como aqueles complexos, os quais são organizados com um maior desenvolvimento, como o romance.

A distinção entre primário e secundário é uma discussão fundamental, mas não se pode pensar no gênero isoladamente, pois um gênero pode estar inserido em outro e assim sucessivamente. A exemplo, podemos pensar no gênero charge, o qual possui suas características e cumpre com determinada finalidade comunicativa, como provocar humor e tecer críticas sociais. No entanto, quando se tem uma charge em uma esfera da educação, como a aula, tem-se o gênero aula o qual é construído a partir de outros gêneros. Ademais, um gênero deve ser analisado em sua historicidade, pois a partir do pressuposto de que é um acontecimento, suas condições de existência estão ligadas ao momento sócio-histórico-cultural em que ele está inserido.

No elo comunicativo, os gêneros vão se alterando conforme as mudanças intrínsecas do uso da língua, diante do ambiente e dos participantes do diálogo e a partir das condições sociais que são dadas. Com isso, podemos proferir o mesmo enunciado em diversas esferas e em cada uma ele poderá atuar de um modo distinto. É importante ressaltarmos as questões que condicionam a atuação de determinado gênero, tendo em vista que há uma finalidade a se cumprir, mas que não necessariamente ela ocorre. Um enunciado, no seu momento de acontecimento, carrega as necessidades do contexto, o que leva o sujeito a formar o projeto de dizer. No seu projeto, o sujeito busca se expressar de modo que seu enunciado é projetado para suscitar respostas; dependendo da relação entre sujeitos, essa resposta pode ser uma ressalva, uma aprovação ou uma reprovação.

Compreendendo que o gênero é constituído de enunciados concretos organizados e que estabelece o ato comunicativo, é fundamental retomarmos a concepção de

linguagem, na perspectiva bakhtiniana, a qual acontece a partir da relação do eu com o outro e, assim, os enunciados são dialógicos, pois carregam as subjetividades de seus participantes do discurso, e sempre retomam ou serão retomados a partir de outros enunciados, projetado sempre a partir de um novo destinatário que possui novas concepções, como Volóchinov dissertou:

Efetivamente, o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados, e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado, por assim dizer, pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence. *A palavra é orientada para o interlocutor*, ou seja, é orientada para *quem* é esse interlocutor: se ele é integrante ou não do mesmo grupo social, se ele se encontra em uma posição superior ou inferior em relação ao interlocutor (em termos hierárquicos), se ele tem ou não laços sociais mais estreitos com o falante (pai, mãe, marido, etc.). (VOLÓCHINOV, 2018, p.204, grifos do autor)

O diálogo, conceito muito discutido pelo Círculo, diz respeito não só ao diálogo face a face, mas também a como os enunciados dialogam com outros que podem ser dados no momento da enunciação mas que são ligados a outros já proferidos, pois a consciência do indivíduo é por sua vez dialógica. “Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2011, p.272) e por isso não há um discurso inaugural, pois, todo falante retoma um enunciado, ele é respondente e suscita uma resposta.

O enunciado é inerente à comunicação humana e, assim, constitui os gêneros, suscita uma resposta, está inserido no contexto sócio-histórico-cultural de uma sociedade, e carrega as individualidades do eu e do outro.

Em sua essência, *a palavra é um ato bilateral*. Ela é determinada tanto por aquele *de quem* ela procede quanto por aquele *para quem* se dirige. Enquanto palavra, ela é justamente o *produto das inter-relações do falante com o ouvinte*. Toda palavra serve de expressão ao “um” em relação ao “outro”. Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro. Ela apoia uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor. A palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor. (VOLÓCHINOV, 2018, p.205, grifos do autor)

A partir dessa citação podemos pensar em como Bakhtin concebe o sujeito participante do discurso, um sujeito dialógico o qual se constitui a partir do outro. O “eu” está em intrínseca relação com o outro em sociedade, todos atos comunicativos são permeados pelos valores sociais do contexto e dos indivíduos que atuam neste meio. A construção do eu se dá em um processo de relação do eu para mim, para o outro e do outro para mim, o que significa que tecemos nossos posicionamentos e somos responsáveis por eles, mas são organizados a partir do eu alheio.

É no discurso que nos posicionamos em sociedade e então é na palavra que pretendemos demonstrar quem somos, mediados pelo outro que concebe o enunciado do “eu” e por toda coletividade que o representa. A palavra, dessa maneira, é fonte de conhecimento de um corpo social, define e declara um determinado contexto histórico e esclarece o sujeito e suas valorações. Ao estarmos inseridos em um contexto já nos posicionamos, nossos atos e expressões são escolhas axiológicas e por isso nos constituem como sujeitos responsáveis por nossos atos. Para Bakhtin é nas nossas escolhas valorativas que nos posicionamos e resistimos a outras ideologias.

A vida é dialógica, pois é realizada a partir do elo entre o sujeito e o outro que está na teia comunicativa. Para a relação do eu e do outro articula-se o conceito de alteridade (VOLÓCHINOV, 2017), e, é a partir deste, que se entende e se concretiza a proposta dialógica do Círculo, pois nos constituímos como sujeitos mediante as retomadas discursivas e as relações que tecemos na sociedade. Aqui é importante ressaltar que os postulados bakhtinianos destacam a responsabilidade e importância do eu em seu posicionamento histórico, mas que é constituído em sociedade com o outro. A responsabilidade para o filósofo russo compreende o ato de resposta responsável, como SOBRAL (2006, p.20) desenvolve que o “objetivo é designar por meio de uma só palavra tanto o aspecto responsivo como o da assunção de responsabilidade do agente que envolve necessariamente um compromisso ético do agente.”

A alteridade está em todas esferas da atividade humana e pressupõe que nossas ações estão ligadas ao outrem, ao projeto de dizer e à situação sócio-histórico posta. Assim, o sujeito e suas subjetividades são expostos nos mais diversos gêneros, sejam verbais (orais, escritos) ou não-verbais. Nossas escolhas são materializadas no discurso, o qual pode expressar nossa concordância ou discordância. Tal recorrência se dá pela entonação interior, orientada por um apelo ou pedido por exemplo, mas pode ser evidenciada pelo silêncio também.

A avaliação social tem uma enorme importância, mesmo em um enunciado com um sentido mais amplo e apoiado em um vasto auditório social. Apesar de essa avaliação não ser expressa adequadamente por meio de uma entonação, ela determinará a escolha e a ordem de todos os principais elementos significantes do enunciado. Não existe um enunciado sem avaliação. Todo enunciado é antes de tudo uma *orientação avaliativa*. Por isso, em um enunciado vivo, cada elemento não só significa, mas também avalia. (VOLÓCHINOV, 2018, p.236, grifos do autor).

O enunciado a partir do que foi discutido nesta seção é um ato que pressupõe uma relação eu-outro, que se constrói de modo contextualizado e concretiza valores por meio da forma de expressão. Este, ainda, deve ser entendido como atividade responsiva que suscita as mais diversas reações na comunicação, seja por meio de concordâncias ou discordâncias.

Para compreendermos os gêneros editorial e carta do editor em revista, conceberemos esta definição para entendermos que os gêneros inseridos na esfera jornalística são enunciados concretos que estabelecem a relação entre o periódico, seus leitores e a vida. Por isso, na seção seguinte discutimos as partes que constituem um enunciado a fim de verificarmos como estas atuam nos gêneros jornalísticos aqui investigados.

### **2.2.1 Forma composicional, estilo, tema e forma arquitetônica**

O enunciado concreto na constituição de um gênero discursivo, compreende a forma composicional e arquitetônica, estilo e tema, partes que analisaremos nesta subseção para compreendermos suas funções na efetivação de um enunciado. Como já foi mencionado no tópico anterior, o enunciado está intimamente relacionado e só acontece como um evento no contexto social com os participantes do discurso e isto se dá a partir das partes constituintes do enunciado. Como forma composicional pensa-se na forma do enunciado, sua organização interna, e por isso não há um único conjunto para determinar como este se constitui pois se estabelece de modo dependente ao gênero em situação. A forma composicional de um enunciado pode compreender apenas uma oração ou um conjunto extenso de orações que são utilizadas com o fito de organizar o projeto de dizer do sujeito enunciadador. A exemplo, podemos pensar no caso do gênero discursivo editorial, que em sua forma composicional compreende a organização de um texto verbal que tem a autoria do responsável pela redação do periódico, pode apresentar título ou não e representa o posicionamento da revista. A forma composicional se dá a partir de como se organiza o gênero, e os participantes do discurso e o contexto permitem a delimitação de tal organização.

Neste ponto é importante a discussão da noção de arquitetônica, a qual Bakhtin desenvolve no ensaio “O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária” e evidencia que a forma arquitetônica do gênero está relacionada ao “exterior” do enunciado, à relação entre o autor e seus destinatários e ao contexto da produção do enunciado. Ao pensar a arquitetônica de um gênero, podemos dizer que a forma composicional se insere na arquitetônica, pois enquanto esta se constitui na relação do interior com o exterior de um enunciado aquela está ligada à estrutura interior do enunciado e suas especificidades. Desse modo, a arquitetônica está ligada ao modo como se dá a produção e recepção de um discurso, enquanto a forma composicional está no âmbito de como este enunciado se organiza textualmente.

A arquetônica é um conceito fundamental para refletirmos como o gênero estrutura-se internamente em sua relação com o leitor, o outro, que constatará ou comungará com os enunciados propostos pelo periódico. Nesta relação interior com a exterior, Bakhtin propõe além de uma análise da organização e recepção do gênero, pois “torna-se uma alternativa para pensar o mundo dos sentidos, da diversidade, da cultura, sem precisar eliminar as análises formais, mas entendendo o movimento das relações dialógicas” (CAMPOS, 2012, p.253), visto que os gêneros se estabelecem no vínculo entre eu-outro. Esta concepção, tão cara para se pensar na proposta teórico-metodológica que aqui nos propusemos, permite-nos verificar como se dá a atividade do discurso, como esta ocorre no diálogo na vida. Considerando o *corpus* proposto, quando pensamos na forma composicional, como mencionamos, trataremos de como os gêneros editorial e carta do editor se organizam internamente, enquanto na concepção arquetônica buscaremos evidenciar como esta organização interna se relaciona com os fatores extralinguísticos interligados ao leitor deste enunciado, levando em conta os valores e a cultura em que o gênero está situado.

Compreendida a forma composicional e arquetônica do gênero, têm-se as questões estilísticas que o compõem. O estilo do gênero está também relacionado à situação comunicativa e ao que se busca cumprir, fatores que o definem, inseridos na forma composicional. As escolhas estilísticas são promovidas pelo sujeito da enunciação, condicionadas ao seu receptor e ao gênero posto na situação de comunicação. O estilo compreende desde as escolhas lexicais até a entonação do enunciado, que são tomados a partir de aspectos sociais e individuais.

No estilo, observa-se que a individualidade está condicionada também ao tipo de gênero que se tem, tendo em vista que determinados gêneros permitem uma maior expressão da subjetividade enquanto outros não têm essa possibilidade, como acontece com os gêneros oficiais, nos quais não há um estilo que privilegie o individual. Entende-se que tais mudanças estilísticas também se dão pelas alterações do gênero discursivo.

Todo estilo está indissolivelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso. Todo enunciado – oral e escrito, primário e secundário e também em qualquer campo da comunicação discursiva – é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual. Entretanto, nem todos os gêneros são igualmente propícios a tal reflexo da individualidade do falante na linguagem do enunciado, ou seja, ao estilo individual. (BAKHTIN, 2011, p.265)

Como já refletido, além do estilo ser uma questão individual e relacionada ao gênero em uso, trata-se também de um aspecto social, tendo em vista que delimita como um

enunciado vai se constituir de acordo com as relações no contexto. Ademais, visto que o enunciado estabelece uma relação de alteridade, no estilo há, além do “eu”, o “outro” que é o receptor e constitui o enunciado também. Assim, Volóchinov discute:

O estilo é o homem”, mas podemos falar que o estilo é, pelo menos, dois homens, mais precisamente, o homem e seu grupo social na pessoa do seu representante autorizado, ou seja, o ouvinte que é um participante constante do discurso interior e exterior do homem. (VOLÓCHINOV, 2019, p.143)

A partir da questão do estilo no gênero, tem-se as suas alternâncias de acordo com a unidade temática também, uma vez que esta delimita como será conduzido o enunciado. O tema de um enunciado está ligado ao que se fala em determinado contexto, com isso não se pode restringir tema a assunto de um gênero, já que ao conceber o enunciado como um acontecimento, seu tema também se dá de acordo com a situação em que este é colocado. Todo enunciado ganha sua unicidade no evento da comunicação.

O tema é um complexo sistema dinâmico de signos que tenta se adequar ao momento concreto da formação. O tema é uma reação da consciência em constituição para a formação da existência. A significação é um artefato técnico de realização do tema. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 217, grifos do autor)

Um enunciado, em sua unidade temática, é compreendido como um fenômeno histórico. Assim, é fundamental postular que todo enunciado é em menor ou maior grau uma resposta a um sujeito ou um determinado grupo social e seus valores. A palavra, para Bakhtin, só cumpre sua compreensão diante de uma atitude responsiva e ativa, o que torna fundamental o entendimento do tema em um enunciado para a comunicação entre os participantes do discurso.

A compreensão, como uma questão ligada ao eu e seu outro, trata-se do entendimento de tema de um enunciado. Tal compreensão é dada a partir de uma atitude responsiva, que pode vir por meio de uma resposta imediata, posterior ou até pelo próprio silêncio. Por isso, não é possível restringir compreensão a significação pois esta é superficial e estável, enquanto o enunciado possibilita uma infinidade de sentidos e mudanças ao longo do percurso histórico. “Por isso, a significação – elemento abstrato e idêntico a si – é absorvida pelo tema e dilacerada por seus conflitos vivos, para depois voltar como uma nova significação com a mesma estabilidade e identidade transitórias.” (VOLÓCHINOV, 2018, p.238). As respostas dos sujeitos participantes do discurso podem ser expressas mediante aspectos da entoação de tal resposta. Assim, a forma com a qual um enunciado é entoado ou a entoação das escolhas lexicais, demonstram o ato responsivo ativo do sujeito e a compreensão do determinado tema.

Ainda, ao se ter uma compreensão, aquele que recebe e entoa tal resposta possibilita uma ressignificação do enunciado, permitindo que ele se altere a partir da resposta que se dá. O ato de ressignificar é “a transferência da palavra de um contexto valorativo para outro. A palavra ou é elevada a uma potência superior, ou é degradada a uma inferior” (VOLÓCHINOV, 2018, p.237).

O enunciado a ser compreendido também é inacabado, pois pode suscitar outros enunciados, nunca está conclusivo. Com isso, há sempre uma possibilidade de resposta, a qual só acontece a partir de três fatores (BAKHTIN, 2011):

- 1) Exaurir o sentido do que se diz no enunciado, o que dependerá dos participantes da enunciação;
- 2) Projeto de dizer do falante, que ao propor seu discurso pressupõe determinadas respostas que nem sempre serão suscitadas;
- 3) Conhecimento do enunciado e do gênero que é constituído.

É indubitável que a comunicação só acontece diante de tais aspectos, pois o sujeito só pode participar verdadeiramente de uma situação discursiva com conhecimento do gênero do qual está participando. Seria impossível estabelecermos comunicação se não compreendêssemos o gênero e suas especificidades. Os falantes no discurso adequam-se ao gênero e, conseqüentemente, ao estilo, forma, tema, inseridos na situação discursiva. O sujeito da comunicação planeja a ocorrência de uma resposta e isso condiciona a seleção que é realizada no projeto de dizer. No *corpus* do trabalho, propomo-nos a entender de que modo os gêneros são organizados e, a partir desses três aspectos, entender como se estabelece a relação entre o periódico e seu leitor.

### **2.3 Signo ideológico e Ideologia**

Ao tratarmos de como se constitui um enunciado é importante postularmos a concepção da palavra para o Círculo. Nesse contexto, quando se pensa na forma que a Linguística estruturalista concebe, tem-se os estudos de Saussure, o qual se dedicou a analisar *langue*, pensando no objeto da língua, e *parole*, analisando o uso da língua - mas isoladamente. No entanto, ao tecer as primeiras questões da linguagem, os estudos saussureanos não

adentraram para as questões contextuais. Neste ponto, o Círculo se propõe a estender a análise da linguagem, como já esclarecemos, e por isso pensa o signo linguístico em um contexto, o que promove o pressuposto de que a língua em uso, sendo intimamente ligada às questões sociais, é fundamentalmente ideológica. Neste tópico, vamos discutir como se constitui a ideologia e como ela está presente nos signos linguísticos.

Em “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, Volóchinov tece críticas à abstração da língua e já postula que vai se dedicar aos estudos do enunciado como um ato, o qual tem sua força em dado contexto e constitui uma análise que foge do que é puramente linguístico, mas estende-se ao extralinguístico. Com isso, define que é impossível separar a forma linguística de seu conteúdo ideológico, pois se é social então há ideologia. O signo, como uma representação linguística, especifica e nomeia a vida, mas para Volóchinov, na historicidade do enunciado, ele representa os valores do meio que ele representa e, assim, defende que todo enunciado é produzido por signos ideológicos os quais refletem e refratam a realidade. Faraco (2003, p.49) postula que:

Os signos não apenas refletem o mundo (não são apenas um decalque do mundo); os signos também (e principalmente) refratam o mundo. Em outras palavras, o Círculo assume que o processo de transmutação do mundo em matéria de significante se dá sempre atravessado pela refração dos quadros axiológicos.

Como reflexão entende-se aqui o que disseminado na realidade, mas além de um discurso refletir a realidade ele também refrata, pois esta realidade pode ser constituída por meio dos valores sociais. Sendo assim, verifica-se a reflexão sobre a realidade, a reprodução; mas, principalmente, evidencia-se a refração do mundo, em que se busca conduzir a realidade a partir de uma determinada ideologia.

Volóchinov (2018) discute que há a situação da realidade e que esta é interpretada de acordo com o sujeito e suas vivências, o que possibilita não haver uma única e incontestável concepção, tendo em vista que cada sujeito, em seus discursos, carrega consigo suas ideologias e axiologias e postula refrações. Tal recorrência pode ser exemplificada na esfera jornalística, à qual vamos nos dedicar nesta pesquisa, pois nos diversos veículos midiáticos verificam-se enunciados que retratam o mesmo contexto, mas que podem se divergir nos valores que são concebidos. Desse modo, podemos perceber que há a reflexão do acontecimento da realidade, porém as refrações são diversas pois cada um assume uma perspectiva, levando em conta suas escolhas valorativas na sociedade.

O trabalho do Círculo para se discutirem as questões ideológicas do discurso tem suas raízes nos conceitos marxistas. A palavra ideologia, historicamente, é concebida a partir de variadas perspectivas, inclusive de modo pejorativo, representando dominação. A ideologia, em Bakhtin, está estreitamente relacionada com a primeira concepção tida por Karl Marx. Para Volóchinov (2018), o ideológico em Marx está associado a uma unidade econômica e faz parte de uma falsa consciência do indivíduo e seu mascaramento da realidade. Desse modo, a ideologia é vista como uma “consciência possível” e é uma forma de dominação como uma ação inconsciente do sujeito. No entanto, enquanto Marx define que na sociedade há sempre uma ideologia dominante e subdivide o corpo social nas esferas de infra e superestrutura, Volóchinov (2018) complementa que como sujeitos ativos e responsivos no discurso, respondemos às ideologias, seja compactuando ou refutando. Partindo deste pressuposto, em Bakhtin a ideologia é uma unidade da linguagem e engloba fatores que constituem ideais, pensamentos a serem refletidos, que geram posicionamentos como filosofia, política, religião, ciência, ética, arte. É um produto axiológico social e individual na sociedade em que vive, ou seja, resultado de valores morais e éticos concebidos pelo sujeito. Nesse ponto, ele considera os postulados marxistas e ao mesmo tempo busca tecer um novo olhar. Volochínov (2013) define a ideologia cotidiana como a responsável por evidenciar o mundo exterior em relação com o interior do sujeito, desse modo busca definir o conceito:

Estabelecamos o acordo de chamar de ideologia cotidiana a todo conjunto de sensações cotidianas – que refletem e refratam a realidade social objetiva – e as expressões exteriores imediatamente a elas ligadas. A ideologia cotidiana dá significado a cada ato nosso, a cada ação nossa e a cada um de nossos estados “conscientes”. Do oceano instável e mutável da ideologia afloram, nascem gradualmente as inumeráveis ilhas e continentes dos sistemas ideológicos: a ciência, a arte, a filosofia, as teorias políticas. (2013, p.151)

Em “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, Volóchinov (2018) ainda discute as questões das ideologias oficiais e do cotidiano, sendo estas as do dia a dia que estão no universo do discurso interior e exterior que concebe todo nosso ato “consciente”, e aquelas são ligadas aos grandes sistemas ideológicos. As ideologias cotidianas e as oficiais se dão no embate, constituem-se na relação, e as ideologias se cristalizam no corpo social a partir da atuação destas.

No discurso, como proposto em Volóchinov (2018), há uma luta de vozes sociais e, é na infraestrutura, nas ideologias cotidianas, que surgem as lutas de classe e movimentam as ideologias estáticas concentradas na superestrutura, as ideologias oficiais. Ao considerar esta afirmação, entende-se que ocorre a atuação de forças na linguagem em sociedade, sendo

centrípetas quando centralizam um pensamento tradicionalmente aceito e estável no corpo social, e forças centrífugas, as quais descentralizam e buscam revolucionar um pensamento na sociedade. Bakhtin (2015, p.40) estabelece que “enquanto a língua está viva e em desenvolvimento; ao lado das forças centrípetas da língua, ao lado da centralização verboideológica e da unificação desenvolvem-se incessantemente os processos de *descentralização e separação*”. Esse embate demonstra o teor dialógico da interação discursiva, pois é na tensão entre os enunciados que ocorre a comunicação, o que Faraco (2009) reflete em:

Fica claro, então, que o Círculo de Bakhtin entende as relações dialógicas como espaços de tensão entre enunciados. Estes, portanto, não apenas coexistem, mas se tensionam nas relações dialógicas. Mesmo a responsividade caracterizada pela adesão incondicional ao dizer de outrem se faz no ponto de tensão deste dizer com outros dizeres (vozes sociais): aceitar incondicionalmente um enunciado (e sua respectiva voz social) é também implicitamente (ou mesmo explicitamente) recusar outros enunciados (outras vozes sociais) que podem se opor dialogicamente a ela (FARACO, 2009, p.69).

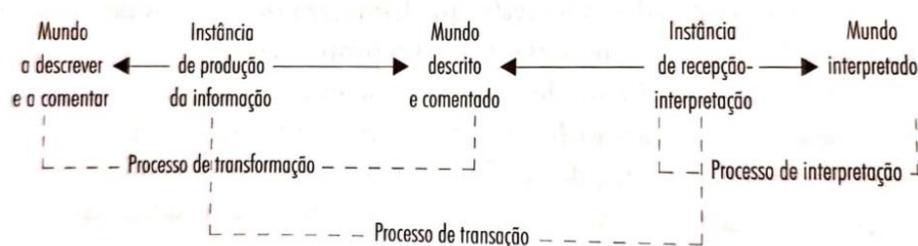
Ao compreender que o enunciado, que é um ato, constitui-se ideologicamente, os posicionamentos discursivos de resposta são ideológicos e suscitam a luta de vozes que ocorre na linguagem. Na esfera jornalística, nosso objetivo é verificar quais os valores que são concebidos nos gêneros analisados e de que modo estes se estabelecem na relação com o leitor, visto que há a voz da revista que visa ao posicionamento em relação ao seu leitor. Para esta compreensão, no tópico seguinte refletiremos acerca das questões de autoria entendendo a relação eu-outro e o caráter ideológico do enunciado.

### 3 A ESFERA JORNALÍSTICA: espaço de transmissão de informação e formação de opinião

O jornalismo, em sua definição, é uma atividade que “coleta, investiga, analisa e transmite informações através de jornal, revista, rádio, televisão, etc” (VILLAR, 2011, p. 563), transmite à população o que acontece no cotidiano e vai além da informação ao marcar valores sociais e ideológicos. Está presente em nossas vidas com os meios de comunicação e contribui para o conhecimento dos sujeitos em relação ao que acontece na sociedade. Assim como Marques Neto (1985) disserta, “o que move o jornalismo, o que lhe dá a razão de ser, é a necessidade social da informação”, por isso, pode-se afirmar que o ato de informar estabelece a comunicação do indivíduo com o corpo social, fator que garante sua relevância na vida humana, cabe ressaltar que esta concepção de jornalismo se alterou na contemporaneidade visto os processos que desinformam também a população.

Sobre o processo de disseminar a informação, vale ressaltar que esta, segundo Charaudeau (2019), é pura enunciação e depende do receptor e do emissor, no caso os meios de comunicação jornalísticos, para que ocorra efetivamente a transmissão de saberes. A dependência do emissor evidencia que o ato comunicativo é dialógico, pois pressupõe-se um receptor imbuído de saberes e valores que norteará o enunciado a ser produzido com o objetivo de levar um conteúdo para a sociedade. Cabe às empresas jornalísticas conduzirem suas publicações de modo condizente com suas propostas e com seu público-alvo para firmarem o discurso almejado. Para este processo, Charaudeau (2019) esquematiza como se dá o processo de seleção e recepção das informações, exemplificando um processo de transação e interpretação das informações, como organizado no esquema a seguir:

**Figura 1:** Processo de recepção da informação



**Fonte:** CHARAUDEAU, 2019, página 42.

O diagrama organizado pelo autor explica o processo de produção e de recepção das informações, desencadeado a partir do “mundo a descrever e a comentar” que, em seguida, transforma-se em conteúdo a ser divulgado nas empresas jornalísticas, as quais expõem o “mundo descrito e comentado”. Este é direcionado ao público-alvo na “instância da recepção”, que ao conceber as informações recebidas encaminha-se para o mundo interpretado. A transformação dos fatos em conteúdo a ser divulgado e a interpretação do público são os fatores que pressupõem a interação no jornalismo.

A esfera jornalística, ao propagar informações sobre fatos cotidianos, auxilia na construção do “conhecimento de mundo”, na compreensão da realidade e na formação de opinião pública em um corpo social. Pode-se dizer que garante o “conhecimento de mundo”, pois busca retratar para seu espectador a realidade que o cerca, permitindo a ele a reflexão sobre o meio, formando seu conhecimento e posicionamento acerca das situações ocorridas no contexto social e político de uma sociedade. Esse processo ocorre mediado pela mídia responsável e é importante ressaltar a infinitude de definições para informação, visto que esta pode advir de campos diversos os quais são estabelecidos a partir dos objetivos de cada empresa.

Por exemplo, os periódicos analisados nesta pesquisa, os quais evidenciam escolhas distintas para apresentar as informações, pois, enquanto a revista *Realidade* buscou transmitir fatos ligados desde ao cotidiano social, econômico e político até temáticas relacionadas à saúde, bem-estar e entretenimento, a revista *Fórum* privilegia a retratação dos fatos ligados às questões políticas e sociais. Além da amplitude temática, o tratamento das informações pode ser distinto a depender da forma de disseminação, seja no meio televisivo, no meio impresso ou sonoro, no entanto, visto ser uma esfera de atividade humana, a organização dos enunciados possui estabilidade e há os gêneros específicos para firmar a comunicação, como a existência das notícias para evidenciar situações cotidianas e os gêneros editoriais e carta do editor para apresentar nas revistas e nos jornais o que será apresentado na edição posta.

Os diversos gêneros são organizados a partir da proposta da empresa midiática em questão e, para isso, há funções jornalísticas que determinam como as organizações atuam na disseminação de informação:

- a) A instituição jornalística assume o papel de observadora atenta da realidade, cabendo ao jornalista proceder como vigia, registrando os fatos, os acontecimentos e informando-os à sociedade. Essa função corresponde ao jornalismo informativo.

b) Além disso, reage diante das notícias, difundindo opiniões, seja as opiniões próprias, seja as que lê, ouve ou vê. Nesse sentido assemelha-se à instituição do *Forum* na Grécia Antiga, atuando como conselheira, como formadora de opinião. Essa função corresponde ao jornalismo opinativo.

c) Na medida em que informa e orienta, também contribui para enriquecer o acervo de conhecimentos da coletividade. Isso se efetiva por intermédio de informações que esclarecem o que está acontecendo e não é percebido claramente pelo público. Os fatos são portanto esclarecidos, explicados, detalhados. Essa função corresponde ao jornalismo interpretativo.

d) Finalmente, preenche os momentos de ócio das pessoas ou comunidades, oferecendo informações não necessariamente utilitárias, mantendo seções que buscam entreter, ou abrindo espaço para prender o interesse do público, divertindo-o. Essa função corresponde ao jornalismo diversional. (MARQUES DE MELO, 1985, p.19)

Essa distinção, segundo Marques Neto (1985), ainda não era um consenso entre os jornalistas na década de 60, visto que os conceitos de jornalismo interpretativo e diversional não eram bem compreendidos ao se aproximarem das características apresentadas no jornalismo informativo e opinativo, como os *fait divers* que buscam surpreender o leitor e se assemelham com o intuito da função diversional de entreter o leitor ou telespectador. Nesta pesquisa, concentraremos nossas reflexões no jornalismo opinativo, pois, por meio dos gêneros editorial e carta do editor, deparamo-nos com textos que apresentam de modo explícito ao leitor a opinião das empresas jornalísticas sobre temas abordados em notícias e reportagens desenvolvidas pela própria organização.

As categorias que organizam a produção jornalística sintetizam a definição de jornalismo como atividade de compartilhamento de informação e conhecimento, responsável por ser a condutora do conhecimento sobre a realidade para o corpo social. Vale ressaltar que a atuação jornalística possui um papel ético e social diante da responsabilidade de propagar informações à população, garantindo que esta será transmitida seguramente à sociedade. Meditsch (1997) discute sobre a necessidade de o jornalismo permitir o acesso a informações seguras e verídicas para garantir o esclarecimento, o que reitera o compromisso da empresa com o público que tem acesso às publicações. Essas podem ser organizadas de formas distintas, mas garantindo a reflexão da realidade, ou seja, temos a retratação do mesmo fato sob perspectivas diferentes, seja pelo contexto de divulgação, ideologia ou estilo da organização. Visto que há a reflexão da realidade, mas que é alicerçado mediante particularidades da empresa responsável, deparamo-nos com a reflexão bakhtiniana de que temos nos enunciados a reflexão e a refração de uma conjuntura. Nos diversos gêneros que constituem a esfera jornalística, inseridos nos distintos periódicos, temos a organização de discursos que objetivam retratar os

acontecimentos da realidade, mas refratados a partir do olhar e concepção da empresa responsável.

Por este caminho, procura-se distinguir a verdade que um enunciado pode conter da realidade mesma, a realidade referente que se encontra fora do enunciado. Falar de “a verdade”, enquanto substantivo, atributo coisificado, assim vai perdendo o sentido. Mais apropriado será se falar no adjetivo, no enunciado “verdadeiro”. E poderão existir muitos enunciados verdadeiros, eventualmente até contraditórios entre si, ainda que cada um coerente com seus pressupostos, porque nenhum enunciado é capaz de esgotar a realidade inteira. Os diferentes gêneros de discurso vão abordar a realidade de diferentes maneiras, definindo verdades diversas, cada uma pertinente a um objetivo ou a uma situação. Os argumentos validados num campo do saber poderão ser considerados absurdos em outro. Ao mesmo tempo, grande parte do que costuma ser considerado descoberto e sabido hoje, por nossa civilização, provavelmente é ignorado por nove entre dez seres humanos civilizados. (MEDITSCH, 1997, p.4)

Tal reflexão demonstra que no contexto jornalístico a demonstração de comprovações e constatações são de responsabilidade da empresa, o que concretiza a realidade contemporânea em relação ao processo das fake news em que as informações são tratadas de acordo com os valores concebidos por cada grupo. Marques de Melo (1985) destaca como o jornalismo está vinculado não só aos interesses ideológicos do momento sócio-histórico, mas também aos mercadológicos, posto que as empresas lucram a partir da obtenção de leitores e patrocinadores que financiam as publicações. Por trás da necessidade de informar, verifica-se que o jornalismo é uma prática circundada por questões econômicas, portanto, as escolhas e a condução das informações são dependentes dos fatores que mantêm as empresas.

Discutimos que no jornalismo ocorre a retratação da realidade e o tratamento das informações para cumprir com os objetivos da empresa. Para isso, além de buscar esclarecer os fatos do meio em que se vive, o discurso jornalístico precisa de garantir que seu leitor e espectador está convencido do conteúdo exposto. Nos textos jornalísticos, Lage (2017) evidencia que há um propósito de esclarecer, mas a retratação da conjuntura associa-se à necessidade de convencer e uma mesma informação pode suscitar concepções divergentes.

O que caracteriza o texto jornalístico é o volume de informação factual. Resultado da apuração e tratamento dos dados, a presunção é de que pretende informar, não convencer. Isso significa que o relato está, por definição, conforme o acontecimento – este sim, passível de crítica e capaz de despertar reações distintas nos formadores de opinião e entre os receptores da mensagem em geral.(p.110)

A concepção de que o jornalismo visa apenas a informar deve ser compreendida também como uma busca de convencer seu interlocutor da verdade expressa naquele meio, tendo em vista os objetivos que as empresas visam para garantir a participação social e o lucro.

Ao conceber esta tentativa de esclarecer e convencer sobre o conteúdo disseminado, Marques de Melo (1985) também disserta que os enunciados jornalísticos se inserem na sociedade de modo a refletir, mas também propor as contradições inerentes à sociedade de acordo com o julgamento proposto pela organização. Esta constatação desconstrói o conceito de imparcialidade que por muito tempo os ideais norte-americanos postularam, ao conceberem que o jornalismo deveria estar isento de posicionamentos da empresa e apenas expor os fatos, isentos de um tom parcial. Entretanto, não há um discurso neutro e a atividade jornalística é política ao não excluir “a reprodução verdadeira dos acontecimentos, seja qual for a orientação ideológica da instituição ou de seus profissionais” (MARQUES DE MELO, 1985, p.58), posto que é a partir da difusão de informação que se constroem confrontos e consonâncias sobre a realidade. Os posicionamentos e valores ideológicos concebidos pelas empresas jornalísticas concentram-se nos diversos enunciados divulgados nesta esfera, não restringindo a um único espaço.

Não obstante a definição das categorias do jornalismo, a questão de expressar e difundir uma opinião não está restrita aos gêneros opinativos que neste trabalho vamos analisar, mas nestes gêneros há o pressuposto de que o leitor vai se deparar com o posicionamento da empresa. O posicionamento de um periódico é evidente desde as escolhas temáticas e estilísticas realizadas, visto que o tratamento dos fatos na conjuntura é realizado a partir da concepção concebida. O processo de seleção e posterior apresentação do conteúdo proposto nas instituições jornalísticas estão vinculados aos interesses dessas, como já reiterado, e filtrados a partir do público em questão que se deseja atingir.

Ainda em relação a este processo de seleção das informações, vale ressaltar que os meios jornalísticos possuem uma linha editorial a qual expressa as ideologias da instituição, as preferências temáticas e assim evidencia o estilo do grupo que divulga o conteúdo. Esta linha é responsável por esclarecer quais informações são privilegiadas e de que modo a empresa vai atuar na sociedade para manter um conteúdo autêntico e isento de alterações discrepantes entre as edições publicadas, no caso das revistas, o objetivo é garantir o acesso do leitor a uma mesma forma de tratamento das informações nas edições que este lerá, independente dos fatos que são abordados de acordo com o contexto. Em uma linha editorial há as escolhas do veículo, mas pode ocorrer a interferência dos indivíduos que participam do processo de produção dos textos jornalísticos desde que se mantenha a seleção proposta pela empresa. Neste contexto, Marques Melo reflete que:

A seleção da informação a ser divulgada através dos veículos jornalísticos é o principal instrumento de que dispõe a instituição (empresa) <sup>2</sup> para expressar a sua opinião. É através da seleção que se aplica na prática a linha editorial. A seleção significa, portanto, a ótica através da qual a empresa jornalística vê o mundo. Essa visão decorre do que se decide publicar em cada edição privilegiando certos assuntos, destacando determinados personagens, obscurecendo alguns e ainda omitindo diversos. Mas até que ponto a seleção da informação reflete exatamente a opinião da empresa? Ou seja, até onde os dirigentes de uma organização jornalística controlam o que vai ser publicado? (1985, p.59)

A partir desta questão: “até que ponto a seleção de informação reflete exatamente a opinião da empresa?”, podemos compreender que a compreensão dos valores sociais concebidos pelas instituições em cada edição divulgada relaciona-se ao momento e situação histórica postulada, visto que, apesar da tentativa de manter e seguir o proposto em uma linha editorial, a instituição pode evidenciar outros posicionamentos diante de uma dada situação. Na linha editorial, além do posicionamento do veículo, é importante ressaltar as questões voltadas à temática proposta, por exemplo, nas revistas analisadas nesta pesquisa tem-se a *Realidade* que aborda temáticas abrangentes do cotidiano educacional, econômico, político, cultural e social, enquanto Fórum privilegia a discussão de temas políticos e sociais. Dessa maneira, em cada instituição a abordagem dos recortes temáticos situa o leitor a partir da perspectiva proposta por estes.

### **3.1 Gêneros opinativos no jornalismo: o editorial e a carta do editor**

Nesta seção, discutiremos sobre os gêneros opinativos que analisaremos neste trabalho: o editorial e a carta do editor. Como já ressaltamos, os enunciados no jornalismo são organizados para disseminar informações e podem suscitar o entretenimento, a formação de opinião e o acesso ao conhecimento. Esses enunciados organizam-se em gêneros com projetos de dizer distintos e coerentes com o contexto de cada empresa e sua realidade, posto que o jornalismo atua em diversas modalidades, como a escrita – com os jornais e revistas impressos e on-line – , a sonora e a audiovisual, com a rádio e a televisão, respectivamente. Dedicar-nos-emos, neste trabalho, a analisar os gêneros jornalísticos editorial e carta do editor no contexto da revista impressa, os quais integram a categoria opinativa do jornalismo visto que buscam expor de modo explícito para o leitor o posicionamento da instituição. Por isso, neste momento

---

<sup>2</sup> Ao mencionar instituição jornalística, concebemos que são as empresas e corporações.

trataremos da manifestação da opinião na esfera jornalística para buscarmos compreender os gêneros discursivos que propomos analisar nesta pesquisa.

A manifestação de opinião no jornalismo contemporâneo não é um fenômeno monolítico. Por mais que a instituição jornalística tenha uma orientação definida (posição ideológica ou linha política), em torno da qual pretende que as suas mensagens sejam estruturadas, subsiste sempre uma diferenciação opinativa (no sentido de atribuição de valor aos acontecimentos). As condições de produção do jornalismo atual exigem a participação de equipes numerosas, donde a impossibilidade de controle total do que se vai divulgar. (MARQUES DE MELO, 1985, p.77)

À luz de tal reflexão, compreendemos que a opinião faz parte da esfera jornalística e que há gêneros que possibilitam essa manifestação, garantindo o acesso do público ao posicionamento das instituições. Os gêneros discursivos no jornalismo desenvolvem um projeto de dizer voltado às intenções que são propostas pela instituição responsável, como já reiteramos, e, visto que nos dedicaremos à análise das cartas do editor publicadas na revista *Realidade* e aos editoriais da revista *Fórum*, gêneros discursivos que contêm a opinião das instituições, compreenderemos quais as escolhas e preferências de cada revista, assim como a constituição do projeto de dizer das revistas em questão.

Entendemos que os gêneros analisados neste trabalho são responsáveis por expressar diretamente a opinião das empresas jornalísticas, especificamente nas revistas. Buscaremos defini-los a seguir para identificarmos as aproximações e distanciamentos entre editorial e carta do editor, objetivo desta pesquisa, visto que ambos pertencem ao jornalismo opinativo e demonstram semelhanças em sua constituição.

O gênero editorial em uma definição objetiva abrange a apresentação da opinião da instituição jornalística e, assim como discute Marques de Melo (1985), é dirigido para constituir e auxiliar a opinião pública, conseqüentemente, dedica-se à coletividade. No Brasil, as instituições estabelecem no editorial um diálogo com as acepções da esfera política, visto que as empresas integram os interesses políticos aos corporativos que defendem. Desse modo, o editorial faz parte de um projeto da empresa de apresentar seu posicionamento para a população seguindo os pressupostos que regulamentam o Estado.

Os editoriais são organizados pela direção editorial da empresa, os responsáveis pela redação das edições, e são analisados e revisados para que se mantenha a organização coerente com as propostas do veículo informativo, a linha editorial. Marques de Melo (1985) analisa a produção destes gêneros e explicita que em determinados momentos os jornais e revistas eram dirigidos por pequenos grupos e assim os textos eram assinados pelos próprios donos, fator que se altera nos editoriais contemporâneos em que as grandes corporações são

gestoras de diversos periódicos e, assim, não há a expressão da opinião do diretor responsável pela empresa, mas do grupo que coordena a redação daquele determinado jornal ou revista.

Ao analisar a estrutura do editorial, concebendo aqui os pressupostos bakhtinianos em relação às estabilidades que definem um gênero discursivo, pode-se afirmar que este é um enunciado organizado a partir do projeto de dizer da revista, faz uso de linguagem formal e impessoal e apresenta no desenvolvimento o que será discutido na edição da revista. A partir desses pressupostos, Marques de Melo (1985) esclarece quatro atributos que constituem este gênero:

- 1) Impessoalidade: não é atribuída uma assinatura, utiliza-se a terceira pessoa do singular ou a primeira do plural;
- 2) Topicalidade: possui uma delimitação temática, mesmo sem o domínio do público ainda, visto que a revista apresenta os assuntos que ainda serão retratados na edição por meio deste gênero;
- 3) Condensabilidade: há ênfase às afirmações, evitando detalhamentos e demonstrações;
- 4) Plasticidade: possibilidade de mudança e flexibilidade do conteúdo.

Diante de tais atributos, entende-se como é apresentado um editorial, quais as estabilidades deste gênero que compõem o *corpus* do trabalho. Evidenciamos a seguir a carta do editor e as características que a qualificam como tal. A carta do editor também é um gênero discursivo que tem por finalidade apresentar os conteúdos que serão retratados na edição da revista de modo resumido e evidenciar para o leitor os posicionamentos da instituição. O interlocutor apresentado no enunciado é o chefe de redação da revista, responsável por organizar e selecionar os fatos reportados na edição, dispõe-se de um discurso objetivo e pautado no projeto de estabelecer contato com seu leitor. Silva (2011), ao realizar a análise das cartas do editor e dos editoriais a partir das revistas publicadas desde a chegada da família real no Brasil em 1808, verificou que a inserção dos gêneros que hoje concebemos como editorial e carta do editor deu-se a partir da publicação de cartas dos leitores que posteriormente foram respondidas e então iniciou-se um processo de não só resposta do redator, mas a apresentação de uma carta de apresentação sobre os temas discutidos naquela edição. Essas cartas publicadas em jornais no século XIX “buscavam divulgar a opinião do jornal sobre determinado

assunto, mas a partir de aspectos formais típicos de uma carta (por exemplo, um destinatário explícito e a assinatura do responsável pela carta)” (p.68).

Nas discussões sobre o jornalismo opinativo, Marques de Melo (1985) esclarece que as revistas com temáticas culturais ou políticas privilegiam o uso de editoriais, enquanto periódicos de informações gerais escolhem cartas dos editores, definindo estas como “merchandising” jornalístico. Diante de tal definição, entendemos que “merchandising” define as cartas como um gênero que visa convencer e evidenciar para o leitor a relevância da instituição ao apresentar o conteúdo que será veiculado na edição. Além disso, Silva (2011) aponta que as cartas do editor estão vinculadas à tradição do gênero epistolar e por isso há uma aproximação maior com o leitor ao evidenciar a assinatura do editor responsável, garantindo que este é um representante da instituição.

A partir de tais perspectivas, objetivamos verificar as proximidades e distanciamentos entre o gênero carta do editor e editorial em revistas por meio da análise de como se concretizam esses gêneros na esfera jornalística brasileira, uma vez que ambos são definidos como enunciados que visam evidenciar as informações que serão desenvolvidas na edição e trazem o posicionamento da instituição. Podemos verificar que a partir das concepções de Marques de Melo (1985) e Silva (2011), temos as seguintes especificidades dos gêneros carta do editor e editorial, que posteriormente serão verificadas por meio da análise dos textos apresentados pelas revistas *Realidade* e *Fórum*:

**Tabela 1 – Os gêneros discursivos carta do editor e editorial**

GÊNERO DISCURSIVO	FUNÇÃO JORNALÍSTICA	ESPECIFICIDADES
<i>Carta do Editor</i>	<i>Apresentar as informações que serão retratadas na edição de modo objetivo a fim de esclarecer, denunciar ou defender a instituição acerca do tema abordado na edição.</i>	<i>Para Silva (2011), é um texto que se aproxima da carta, por isso assinada, para estabelecer um vínculo com o leitor. Para Marques de Melo (1985), trata-se de um merchandising jornalístico, o qual tem como finalidade promover a instituição em pauta.</i>
<i>Editorial</i>	<i>Texto de opinião voltado para a apresentação do posicionamento da</i>	<i>Marques de Melo (1985), caracteriza o editorial como um texto impessoal; plástico,</i>

	<i>instituição acerca das discussões em pauta na sociedade, com o objetivo de convencer o leitor da opinião apresentada.</i>	<i>visto que está condicionado aos temas em questão, mas sempre objetiva manter o posicionamento da instituição.</i>
--	--	--

**Fonte:** Quadro desenvolvido pela autora.

Os gêneros em questão parecem-nos que são tidos equivalentes, visto que nas revistas ambos são colocados no mesmo espaço, geralmente no início da edição após o sumário. No entanto, a partir das discussões apresentadas podemos evidenciar que há divergências no âmbito da forma composicional e arquitetônica, pois a interação entre a revista e os leitores e os projetos de dizer dos gêneros se alteram. No capítulo seguinte, apresentamos a análise do corpus para constatar as distinções entre os gêneros. A seguir, dedicamo-nos a apresentar a revista na esfera jornalística e a seleção de revistas que serão analisadas no trabalho: *Realidade e Fórum*.

### 3.2 A revista como veículo de informação

Os gêneros editorial e carta do editor estão inseridos na esfera jornalística e são tipicamente apresentados em jornais e revistas. Reiteramos que nos dedicaremos à análise desses nas revistas que compõem nosso *corpus*, por isso, neste momento buscamos expor as características da revista para então apresentarmos o *corpus* da pesquisa que posteriormente será analisado.

Quando se analisa a presença do jornalismo na sociedade brasileira, verifica-se que muito já se evoluiu e ainda evolui desde sua primeira manifestação com o jornal *A Gazeta do Rio de Janeiro*, por ocasião da chegada da família real ao Brasil. Segundo *A revista no Brasil (2000)*, a revista impressa teve sua primeira aparição no Brasil em janeiro de 1812, quando ainda era mais conhecida por folhetos semanais. A partir da publicação dos folhetos deu-se a popularização das revistas, as quais atuavam como noticiários e permitiam o acesso a informações de modo detalhado, com pequenas imagens inicialmente e reportagens. Desde então os periódicos foram se aperfeiçoando sendo um meio de divulgação de informação e pesquisas realizadas pelos jornalistas e profissionais envolvidos, com temáticas que iniciaram de modo amplo e, posteriormente, foram organizadas em revistas com temas específicos a determinado público e área do conhecimento. Na contemporaneidade, temos acesso a uma

diversidade de revistas e temas, cada qual com suas especificidades, público-alvo e diferentes abordagens. Há revistas que tratam desde fatos gerais do país e do mundo até aquelas que buscam abordar apenas uma temática como a educação ou a ciência. Além de temas políticos, sociais e econômicos, tem-se a presença de revistas de entretenimento voltadas a diferentes públicos.

A revista é apresentada com um conjunto de gêneros que retratam temáticas de amplas áreas de conhecimento. Apesar de parecida com as abordagens de um jornal, possui um projeto gráfico mais complexo e traz matérias com maiores informações e detalhes. Além disso, assim como o jornal e outros suportes, hoje atua por meio das versões impressa e digital. Geralmente suas publicações são semanais ou mensais, como apresentação, as revistas possuem capa a fim de chamar a atenção do leitor para as informações que estão inseridas em seu interior, o sumário que conduz o leitor e já apresenta traços do que será abordado e antes de iniciar a exposição dos textos da edição há o editorial ou a carta do editor, momento em que é desenvolvida uma visão geral da edição da revista. Após esta introdução, há a apresentação das reportagens, notícias, entrevistas e artigos sobre os temas que são propostos a cada edição. Além desses elementos que encontramos na maioria das revistas, em algumas, também há uma seção voltada para a opinião do leitor, a presença da publicidade e citações de pessoas influentes na sociedade.

As revistas são constituídas por diversos gêneros, como reportagem, entrevista e artigo de opinião, que buscam, a partir dos seus enunciados, veicular e refletir a informação, o conhecimento e as ideologias propostas pelas revistas.

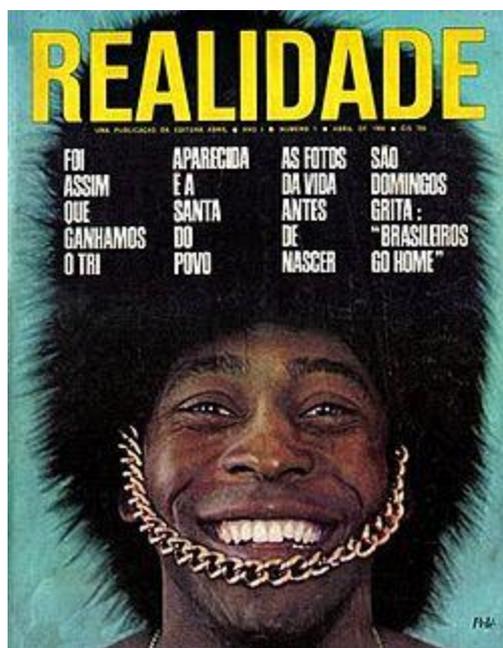
Desse modo, consoante aos postulados do Círculo de Bakhtin, os quais apontam que a comunicação humana se dá na interação dos indivíduos nas esferas de atividade humana por meio de gêneros discursivos, verifica-se que há gêneros pertinentes a diversas situações de cada esfera, os quais possuem especificidades e formas com a finalidade de promover a comunicação. Sendo assim, é com esse objetivo que aqui vamos buscar compreender os propósitos do jornalismo na revista por meio dos gêneros editorial e carta do editor. Bakhtin (2011) discute sobre a presença dos diversos enunciados inseridos nas esferas de atividade humana além de especificar o processo de análise desses enunciados sob a perspectiva do pesquisador:

O estudo da natureza do enunciado e da diversidade de formas de gênero dos enunciados nos diversos campos da atividade humana é de enorme importância para quase todos os campos da linguística e da filologia. Porque todo trabalho de investigação de um material linguístico concreto - seja de história da língua,

de gramática normativa, de confecção de toda espécie de dicionários ou de estilística da língua, etc. opera inevitavelmente com enunciados concretos (escritos e orais) relacionados a diferentes campos da atividade humana e da comunicação - anais, tratados, textos de leis, documentos de escritório e outros, diversos gêneros literários, científicos, publicísticos, cartas oficiais e comuns, réplicas do diálogo cotidiano (em todas as suas diversas modalidades), etc. de onde os pesquisadores haurem os fatos linguísticos de que necessitam. Achamos que em qualquer corrente especial de estudo faz-se necessária uma noção precisa da natureza do enunciado em geral e das particularidades dos diversos tipos de enunciados (primários e secundários), isto é, dos diversos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2011, p.265)

Visto a relevância da reflexão sobre as particularidades e a natureza dos gêneros discursivos, buscamos apresentar os gêneros editorial e carta do editor em revista para que possamos compreender como estes atuam neste suporte e verificarmos as escolhas, especificidades e divergências entre os gêneros. Para ilustrar tal discussão, apresentamos a seguir as revistas que compõem o corpus deste trabalho: *Realidade* e *Fórum*, as quais têm as capas de edições apresentadas a seguir:

**Figura 2:** Capa da revista Realidade edição 1



**Fonte:** REALIDADE, abril de 1966, edição 1, acervo digital<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Disponível em [http://memoria.bn.br/pdf/213659/per213659\\_1966\\_00001.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/213659/per213659_1966_00001.pdf).

**Figura 3:** Capa da revista *Fórum* edição 1



**Fonte:** FÓRUM, setembro de 2012, edição 112, online<sup>4</sup>

A revista *Realidade* teve seu período de circulação entre 1966 e 1976. *Realidade* era organizada pela editora Abril, tinha como diretor chefe Victor Civita, também responsável pela Abril, que naquele momento almejava deslocar os leitores da revista *Cruzeiro*<sup>5</sup> para a *Realidade*. O suporte trazia reportagens detalhadas, resultado de longas pesquisas e trabalho dos repórteres, e com discussões voltadas aos problemas econômicos e sociais brasileiros, não possuía uma restrição temática e foi considerada um marco para a imprensa da época, considerando-se os objetivos revolucionários que foram propostos desde a sua primeira edição. Faro (1999) evidencia que as temáticas desenvolvidas nas edições contemplavam a finalidade de promover a nova tendência jornalística que se instaurava no momento, de não restringir as discussões, mas, inseridas na linha editorial de cada veículo, expressarem uma visão ampla da realidade para o leitor a fim de que este tivesse acesso aos diversos campos de conhecimento. Assim:

Realidade recuperou as linhas principais com que o jornalismo brasileiro se fez ao longo de sua história, ao mesmo tempo em que se tornou contemporânea

<sup>4</sup> Disponível em <https://revistaforum.com.br/revista/a-outra-face-do-progresso/>.

<sup>5</sup> A revista *O Cruzeiro*, comandada por Assis Chateaubriand, permaneceu em circulação de 1928 a 1975. Antes de *Realidade*, inseriu um novo formato de revista com temáticas nacionais e internacionais, layout e design inovadores com muitas ilustrações que atraíam a população para a modernização da imprensa no Brasil.

dos principais problemas colocados à sua época, rejeitando - desde seu início - a idéia de um suposto jornalismo objetivo, produzindo textos de profundo envolvimento do repórter e, com isso, permitindo que suas características extrapolassem os limites das transformações verificadas na imprensa e se tornassem um fenômeno cultural de dimensões mais amplas. (FARO, 1999, p.10)

Foi atuante em um momento sócio-histórico em que a imprensa foi fortemente atacada, no período da ditadura militar brasileira, que se estendeu de 1964 a 1974, momento de muitos problemas sociais e econômicos, passando por diversas fases que reprimiram a população e revelaram privilégios a pequenos grupos. Ademais, os valores ideológicos deste período eram extremamente conservadores e não permitiam a liberdade de escolha individual, período este marcado por uma visão unilateral em que a imprensa foi impedida da liberdade de expressão. Surge então o que Kucinski (1991) postulou como imprensa alternativa - o autor discorre ser *Realidade* uma revista que representou a presença de um periódico com tendências de esquerda atuante em um meio repressor.

A revista *Realidade*, atuante no mercado editorial deste momento, representou a busca por promover a reflexão e discussão sobre temáticas que para a época eram consideradas tabus e por isso promoveu embates com o governo vigente. Durante o período de publicação, passou por fases que alteraram a linha editorial devido à censura imposta e, segundo Faro (1999), a revista deixou o caráter reflexivo e crítico das notícias e passou a expor os fatos sem se vincular em temáticas polêmicas ou que explicitasse o posicionamento contrário da empresa. Além do contexto vigente, outro fator que corroborou a alteração da revista e desencadeou inclusive a sua saída do mercado editorial foi o investimento em revistas com tendências ilustrativas e com textos considerados “objetivos”. A própria editora Abril auxilia o processo de fechamento de *Realidade* com o surgimento da revista *Veja* em 1968.

Apesar das mudanças ocorridas decorrentes do contexto ditatorial e dos processos que levaram a seu fechamento, a revista representou o jornalismo literário pelo tratamento das informações de modo aprofundado que visavam oferecer ao leitor um conteúdo autêntico e completo, as revistas da época, como *O Cruzeiro*, não conseguiam atingir a profundidade do projeto editorial proposto por *Realidade*.

Nem por isso, no entanto, essa conjuntura chegou a aniquilar a existência de um jornalismo crítico que resistia ao clima de autoritarismo implantado no país. Pela via do humor, da mordacidade, do anti-convencionalismo e até mesmo em razão dos espaços que eram deixados pelas indefinições de um regime militar que não se assumia como ditadura e que fazia concessões às liberdades defendidas pelas elites civis, várias iniciativas, tomadas ainda na época dos governos populistas, conseguiram atravessar o golpe e chegavam ao presente intocadas e com ânimo redobrado. Outras manifestações da imprensa

já denunciavam o isolamento em que o regime militar iria progressivamente se envolvendo. (FARO, 1999, p.68)

Nos anos de circulação a revista debateu temáticas sociais importantes e foi irreverente na forma como conduzia suas reportagens, o depoimento do redator-chefe José Hamilton Ribeiro discutido por Faro (1999) demonstra que os jornalistas da época buscavam ingressar na redação da revista devido ao novo olhar diante de um contexto em que a imprensa era perseguida e à concretização dos anseios dos jornalistas. O nome *Realidade* derivou da intenção de garantir a disseminação de um conteúdo que transmitisse a realidade efetivamente para o leitor, por isso os dados eram vivenciados pelos repórteres<sup>6</sup>, pois o propósito da revista era trazer “matérias nascidas em grande criatividade e para serem 'vivas' profunda e corajosamente. E depois transcritas com toda 'verdade' possível. Daí o nome: Realidade” (FARO, 1999, p.82).

A revista passou por três fases durante sua circulação, até o ano de 1968, vivenciou um momento de apogeu em que superou o número de revistas vendidas diariamente e os leitores aclamavam a qualidade das reportagens e temas selecionados. No entanto, com o Ato Institucional nº 5 (AI-5) decretado no mesmo ano, a revista foi impedida de manter as discussões que eram consideradas subversivas por ferir “a moral e os bons costumes” garantidos no documento. A imprensa foi censurada e, para manter-se no mercado editorial, Realidade adequou os conteúdos e a abordagem, o que descaracterizou o tom irreverente que até então era o diferencial da revista. Além das imposições do AI-5, grande parte dos jornalistas saíram da redação e essa saída desencadeou mudanças na forma de condução das reportagens. Após esta primeira fase, as edições de 1969 apresentaram uma nova Realidade, menos ousada em suas abordagens e com um estilo ausente de denúncias. Essa fase desencadeia um terceiro momento que leva ao encerramento das atividades da revista em 1976. A partir de 1973 a revista altera sua organização gráfica e a procura pela revista passa por um momento decadente. Torres (2005) discute que este processo se dá devido ao momento que a imprensa brasileira vivia de transformação:

---

<sup>6</sup> O redator-chefe José Hamilton Ribeiro retratou que na primeira edição de Realidade, quando foi convidado para participar da redação da revista, a primeira reportagem era sobre negros e ele precisava de vivenciar como o brasileiro negro vivia no país. Por isso, foi a dermatologista para ver a possibilidade de tornar-se negro para de fato conduzir a reportagem, como relatou em seu depoimento que Faro(2011) analisa: "Arranjei primeiro um dermatologista da USP, em São Paulo, que ia - através de remédios, de banhos de infra-vermelho e outros recursos - fazer minha pele escurecer. Não deu certo. Tentei um professor da Medicina de Ribeirão Preto, também não deu certo. Como eu não conseguia ficar preto por dentro, resolvemos tentar por fora: o maior maquiador brasileiro me fez um imenso crioulo por uma noite, e foi até divertido; mas não deu matéria. Realidade exigia muito mais. "Minha primeira reportagem na revista 'furou', mas o 'amor' repórter-revista já estava selado. Eu iria viver, em Realidade, os meus mais emocionantes, mais premiados e mais dramáticos dias de jornalista brasileiro.”(p.83)

A Copa de 70 desencadeou a venda de televisores em massa; em 1974, o modelo newsmagazine inaugurado por *Veja* começa a funcionar; em julho de 1975, dá-se a falência total de *O Cruzeiro*, ícone das revistas ilustradas. *Realidade*, um veículo que mescla características da TV, das newsmagazines e das fotomagazines e que já passava por um processo de decadência, perde agora completamente sua identidade e mostra-se sem fôlego para renovação. (p.45)

A relevância da revista *Realidade* em um contexto político de embates sociais e o aspecto revolucionário na imprensa promoveram a ânsia pela escolha deste periódico como parte do *corpus* do trabalho, visto que a revista apresenta o gênero carta do editor. A seguir, apresentamos a revista *Fórum*, suporte dos editoriais que serão analisados na pesquisa.

A revista *Fórum* foi publicada pela primeira vez em 2001, com inspiração no Fórum Social Mundial<sup>7</sup>, evento que inclusive foi escolhido para nomear a revista. Desde então atua no mercado editorial brasileiro com o objetivo de apresentar em suas edições conteúdos voltados a questões políticas e sociais que se associam aos debates promovidos no evento mundial. A revista desde sua criação está sob a direção do jornalista e doutor em Comunicação Renato Rovai, que conduziu a revista impressa até 2013 e atualmente organiza os conteúdos que são produzidos no site da revista.

*Fórum* se posiciona de modo a valorizar os aspectos sociais e desde a apresentação no site já evidencia que o objetivo é exaltar os movimentos sociais e romper com os discursos tradicionais da mídia brasileira. Na hodiernidade, a revista que outrora foi impressa é apresentada apenas online como um site de notícias, não há mais o formato de revista. A seguir, temos a apresentação do grupo para os assinantes e usuários da internet que acessam ao site da revista.

Inspirada no Fórum Social Mundial, a *Fórum* foi lançada com a cobertura do primeiro evento, realizado em janeiro de 2001 em Porto Alegre. Foi lá na Porto Alegre daqueles que sonhavam um outro mundo possível que a *Fórum* nasceu. Não é a publicação oficial do FSM, mas a revista traz no seu DNA a força dos movimentos e a certeza de que é na multiplicidade de vozes que se faz um mundo melhor.

O número zero foi lançado em abril daquele 2001 e, devido ao sucesso junto aos movimentos sociais brasileiros, tornou-se periódica ainda em setembro.

---

<sup>7</sup> O redator-chefe José Hamilton Ribeiro retratou que na primeira edição de *Realidade*, quando foi convidado para participar da redação da revista, a primeira reportagem era sobre negros e ele precisava de vivenciar como o brasileiro negro vivia no país. Por isso, foi a dermatologista para ver a possibilidade de tornar-se negro para de fato conduzir a reportagem, como relatou em seu depoimento que Faro(2011) analisa: "Arranjei primeiro um dermatologista da USP, em São Paulo, que ia - através de remédios, de banhos de infra-vermelho e outros recursos - fazer minha pele escurecer. Não deu certo. Tentei um professor da Medicina de Ribeirão Preto, também não deu certo. Como eu não conseguia ficar preto por dentro, resolvemos tentar por fora: o maior maquiador brasileiro me fez um imenso crioulo por uma noite, e foi até divertido; mas não deu matéria. *Realidade* exigia muito mais. "Minha primeira reportagem na revista 'furou', mas o 'amor' repórter-revista já estava selado. Eu iria viver, em *Realidade*, os meus mais emocionantes, mais premiados e mais dramáticos dias de jornalista brasileiro."(p.83)

Até dezembro de 2013, suas edições em papel tiveram circulação mensal de 20 a 25 mil exemplares e eram vendidas em banca. Desde janeiro de 2014, a Fórum é só digital.

Fórum traz, diariamente, matérias, reportagens e entrevistas que buscam uma visão de mundo diferente da presente nos grandes meios de comunicação tradicionais. Hoje é uma das maiores audiências no segmento jornalístico nacional. (FÓRUM, online)<sup>8</sup>

Ao longo dos anos de publicação de revista impressa, como expresso na citação acima, as edições eram divulgadas mensalmente, o que não ocorre nos dias atuais visto que a revista possui um fluxo de publicação no *site*, evidenciando que teve a alteração de organização e divulgação diante dos mecanismos tecnológicos que hoje auxiliam e modificam o mercado editorial. Destaca-se na apresentação anterior o direcionamento ao público interessado por temáticas sociais, visto que objetiva valorizar as “multiplicidades de vozes”, e ainda, visa desconstruir os tradicionalismos propostos nos demais meios jornalísticos. Tais objetivos se cumprem ao verificar que há a preferência de apresentar temas que promovem a discussão social e há referências sobre a visão tradicional de outros veículos jornalísticos.

---

<sup>8</sup> Disponível em <https://revistaforum.com.br/sobre-a-revista/>. Acesso em 23 set. 2020.

#### **4 A CARTA DO EDITOR E O EDITORIAL EM REVISTA: uma análise dialógica do discurso**

Diante das reflexões postuladas sobre os gêneros discursivos e a esfera jornalística, apresentamos neste capítulo o desenvolvimento da análise da pesquisa. A seleção do *corpus* analisado foi realizada a partir da leitura das cartas do editor da revista *Realidade*, disponíveis no acervo digital da revista, e dos editoriais disponíveis no site da revista *Fórum*, os quais foram encontrados a partir do mecanismo de pesquisa no endereço digital da instituição. Mediante o acesso aos textos, realizamos uma seleção qualitativa do material, para isso verificamos na revista *Realidade* qual a recorrência dos títulos, quando apresentavam “Carta do editor”, “Nota da Redação” ou o resumo do tema que foi discutido no texto; e as assinaturas das cartas, visto que ao longo dos anos vários editores assinaram, assim, selecionamos os textos assinados por distintos redatores. Além disso, separamos cartas publicadas nas diferentes fases da revista, sendo a primeira entre 1966 e 1968, um período de muita participação da revista da sociedade; a segunda até 1973, um período de mudança na redação pois muitos jornalistas saíram da revista e a terceira fase até 1976, que demonstra uma mudança na forma de conduzir os temas. Os critérios mencionados permitiram a seleção de nove cartas do editor publicadas nos anos de 1966, 1967, 1969, 1970, 1972, 1973 e 1976.

Na revista *Fórum*, realizamos a escolha por meio da análise dos títulos com o tema que era discutido na edição ou naquele momento no site, buscando trazer os editoriais que discutiam polêmicas na sociedade. Além do critério qualitativo, retiramos os editoriais que foram reproduzidos na página virtual, mas que tiveram sua divulgação na edição impressa, e os enunciados publicados no site sem uma edição específica, a fim de verificarmos as mudanças desencadeadas neste modo de circulação. Na revista *Fórum*, selecionamos oito textos, sendo cinco de edições impressas que foram reproduzidos no site nos anos de 2012 e 2013, e três editoriais publicados no site da revista em 2016 e 2020.

Inicialmente, analisamos as edições de *Realidade*, as quais são disponíveis de modo integral digitalizadas, permitindo o acesso às revistas de acordo com o ano de publicação. Elaboramos um levantamento das cartas do editor presentes nas edições a fim de verificarmos a recorrência destes e especificidades em cada edição. As cartas do editor na revista, quando apresentadas, eram dispostas antes do sumário e do desenvolvimento do conteúdo da edição, não havia um tópico no sumário que indicasse este texto ou uma menção no início da página dizendo que ali estava a seção de carta do editor, havia apenas a apresentação do enunciado.

A seguir, apresentamos as edições em que se encontra a carta do editor, além de citar os números em que não aparece esse gênero ou outro texto que objetive apresentar a edição; evidenciamos também a presença de título, que em alguns casos foi apresentado de modo genérico como “Carta do editor” ou “Nota da redação” e se há ou não assinatura.

**Tabela 2:** Cartas do editor na revista *Realidade*

<b>EDIÇÃO</b>	<b>DATA</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>ASSINATURA</b>
1	Abril de 1966	Carta do Editor	Victor Civita
2	Maior de 1966	“Voto de confiança”	Não há
3	Junho de 1966	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
4	Julho de 1966	“Pedimos desculpas”	Não há
5	Agosto de 1966	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
6	Setembro de 1966	“Juventude diante do sexo”	Não há
7	Outubro de 1966	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
8	Novembro de 1966	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
9	Dezembro de 1966	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
10	Janeiro de 1967	“O trabalho que elas deram”	Roberto Civita
11	Fevereiro de 1967	“A apreensão de realidade”	Não há
12	Março de 1967	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
13	Abril de 1967	“Aos nossos leitores”	Não há
14	Maior de 1967	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
15	Junho de 1967	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
16	Julho de 1967	“Um retrato da juventude”	Não há
17	Agosto de 1967	“Nota da Redação – Um convite ao leitor”	Não há
18	Setembro de 1967	“Aqui estão os jovens”	Não há
19	Outubro de 1967	“Carta do editor”	Victor Civita
20	Novembro de 1967	“Nota da Redação”	Não há
21	Dezembro de 1967	“Nota da Redação”	Não há
22	Janeiro de 1968	“Nota da Redação”	Não há
23	Fevereiro de 1968	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
24	Março de 1968	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
25	Abril de 1968	“Carta do editor”	Victor Civita
26	Maior de 1968	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
27	Junho de 1968	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
28	Julho de 1968	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
29	Agosto de 1968	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
30	Setembro de 1968	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
31	Outubro de 1968	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
32	Novembro de 1968	“Liberada edição sobre ‘A mulher brasileira hoje’	Não há
33	Dezembro de 1968	“Nota da Redação”	Não há
34	Janeiro de 1969	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
35	Fevereiro de 1969	“Nota da Redação”	
36	Março de 1969	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-

37	Abril de 1969	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
38	Maio de 1969	“O estudante com a palavra”	Não há
39	Junho de 1969	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
40	Julho de 1969	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
41	Agosto de 1969	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
42	Setembro de 1969	“Nota da Redação”	Paulo Mendonça
43	Outubro de 1969	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
44	Novembro de 1969	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
45	Dezembro de 1969	“Nota da Redação”	Paulo Mendonça
46	Janeiro de 1970	“Nota da Redação”	Paulo Mendonça
47	Fevereiro de 1970	“Nota da Redação”	Paulo Mendonça
48	Março de 1970	“Nota da Redação”	Paulo Mendonça
49	Abril de 1970	“Nota da Redação”	Paulo Mendonça
50	Maio de 1970	“Nota da Redação”	Paulo Mendonça
51	Junho de 1970	“Nota da Redação”	Paulo Mendonça
52	Julho de 1970	“Carta do Editor”	Victor Civita
53	Agosto de 1970	“Nota da Redação”	Paulo Mendonça
54	Setembro de 1970	“Nota da Redação”	Paulo Mendonça
55	Outubro de 1970	“Nota da Redação”	Paulo Mendonça
56	Novembro de 1970	“Nota da Redação”	Paulo Mendonça
57	Dezembro de 1970	“Nota da Redação”	Paulo Mendonça
58	Janeiro de 1971	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
59	Fevereiro de 1971	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
60	Março de 1971	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
61	Abril de 1971	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
62	Maio de 1971	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
63	Junho de 1971	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
64	Julho de 1971	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
65	Agosto de 1971	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
66	Setembro de 1971	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
67	Outubro de 1971	“Carta do Editor”	Victor Civita
68 – A e B	Novembro de 1971	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
69	Dezembro de 1971	“O nosso cérebro, um mundo maravilhoso”	Victor Civita
70	Janeiro de 1972	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
71	Fevereiro de 1972	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
72	Março de 1972	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
73	Abril de 1972	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
74	Maio de 1972	“Carta do Editor”	
75	Junho de 1972	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
76	Julho de 1972	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
77	Agosto de 1972	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
78	Setembro de 1972	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
79	Outubro de 1972	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
80	Novembro de 1972	“Carta ao Leitor”	Milton Coelho
81	Dezembro de 1972	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
82	Janeiro de 1973	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
83	Fevereiro de 1973	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-

84	Março de 1973	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
85	Abril de 1973	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
86	Maios de 1973	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
87	Junho de 1973	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
88	Julho de 1973	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
89	Agosto de 1973	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
90	Setembro de 1973	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
91	Outubro de 1973	“Uma nova Realidade”	Victor Civita
92	Novembro de 1973	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
93	Dezembro de 1973	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
94	Janeiro de 1974	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
95	Fevereiro de 1974	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
96	Março de 1974	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
97	Abril de 1974	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
98	Maios de 1974	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
99	Junho de 1974	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
100	Julho de 1974	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
101	Agosto de 1974	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
102	Setembro de 1974	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
103	Outubro de 1974	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
104	Novembro de 1974	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
105	Dezembro de 1974	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
106	Janeiro de 1975	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
107	Fevereiro de 1975	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
108	Março de 1975	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
109	Abril de 1975	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
110	Maios de 1975	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
111	Junho de 1975	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
112	Julho de 1975	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
113	Agosto de 1975	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
114	Setembro de 1975	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
115	Outubro de 1975	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-
116	Novembro de 1975	“Nossa Realidade “	Alessandro Porro
117	Dezembro de 1975	“Nossa Realidade”	Alessandro Porro
118	Janeiro de 1976	“Nossa Realidade “	Alessandro Porro
119	Fevereiro de 1976	“Nossa Realidade “	Alessandro Porro
120	Março de 1976	<i>Não apresentou carta do editor</i>	-

**Fonte:** Quadro desenvolvido pela autora.

Nas 120 edições consultadas, constatamos que em 78 não há presença da carta do editor ou outro texto no espaço direcionado a este, em 7 edições há cartas, sendo 6 com o título “Carta do editor” enquanto há uma que se intitula “Carta ao leitor”, há 19 textos intitulados “Nota de redação”, 4 “Nossa Realidade” e 12 com títulos que se referem ao conteúdo abordado na carta. Certificamos que a carta do editor não é apresentada em todas edições e há mudanças em sua apresentação e assinatura, evidenciando que, apesar da relevância desta na constituição de uma revista para o estabelecimento do diálogo entre o leitor e a instituição, não há a recorrência do gênero, o que chamou nossa atenção. Além disso, outras questões podem ser levantadas diante da alternância dos autores que assinam e da ausência de um responsável pela carta em outras edições. Nos anos de atuação, *Realidade* manteve-se sob a direção de Victor Civita e Roberto Civita, aquele assinou as cartas que apresentavam como título “Carta do editor” e este foi o responsável por assinar outras cartas que foram publicados com títulos sobre a temática da revista. Em relação às outras cartas publicadas, houve alteração dos chefes de redação, por isso são apresentadas notas assinadas por Paulo Mendonça e Alessandro Porro, visto que estes eram os responsáveis pela redação no período vigente.

Além das questões suscitadas, verifica-se que não há uma estabilidade dos títulos apresentados, tendo em vista que em algumas edições há um título que evoca o conteúdo desenvolvido, mas, em sua maioria, as cartas se intitulam “Carta do Editor”, “Nota da Redação” ou “Nossa Realidade”, o que nos motivou a selecionar as cartas com títulos distintos para assim verificarmos se ocorrem mudanças no texto de acordo com a mudança de titulação. Sobre o título nos textos inseridos na esfera jornalística, Marques Neto (1985) discute a relevância destes como verificação da parcialidade do discurso jornalístico.

Usar ou não títulos como instrumento para manifestação explícita da opinião é uma decisão que os jornais doutrinários não titubeiam em tomar. A vacilação existe na grande imprensa, ou seja, na imprensa burguesa, que converte a informação em mercadoria. Geralmente essas publicações procuram impostar uma certa imparcialidade que é superada imediatamente quando ocorrem momentos de polarização da opinião pública e o público leitor espera um posicionamento frontal da instituição jornalística que prestigia. Nessas ocasiões, não há como fugir do posicionamento aberto. Nos momentos de normalidade impera contudo uma atitude de ambiguidade, que é a de imprimir um certo sentido aos fatos, através dos seus títulos, agindo porém com cautela. (MARQUES DE MELO, 1985, p.69)

Em relação à revista *Fórum*, no processo de pesquisa, deparamo-nos com alterações no periódico visto que está em um meio tecnológico, condicionado a outras demandas de leitura. Destacamos que vamos nos dedicar à análise dos editoriais publicados na plataforma digital da revista a fim de evidenciarmos de que modo estes são concebidos neste

meio. No início da pesquisa, em março de 2019, a disposição do *site* permitia o acesso a edições anteriores que apresentavam a capa da edição e os textos em destaque, incluindo os editoriais, no entanto, não há mais este acesso tendo em vista a atualização do *site* que, desde abril de 2020, possibilitou o acesso aos textos de acordo com os assuntos em pauta e apresenta uma aba “Coluna”, em que é possível encontrar os artigos produzidos por especialistas e jornalistas da *Fórum*. Neste novo formato não identificamos um espaço dedicado aos editoriais, como ocorria na versão anterior e até mesmo na versão impressa. A seguir, tem-se o registro de como a revista dispõe seu conteúdo:

**Figura 4:** Disposição dos assuntos no site da revista *Fórum*



Fonte: Fórum, online<sup>9</sup>

**Figura 5:** Tópicos dos conteúdos apresentados no site da *Fórum*



Fonte: Fórum, online<sup>10</sup>

<sup>9</sup> Disponível em <https://revistaforum.com.br/>. Acesso em 31 ago. 2020.

<sup>10</sup> Disponível em <https://revistaforum.com.br/> Acesso em 31 ago. 2020.

Desse modo, para a seleção dos editoriais, foi utilizado o mecanismo de pesquisa no site, em que por meio do signo “editorial” foram encontrados os textos que mencionavam o termo e os editoriais publicados no site. Esse fato já nos remete a uma reflexão que posteriormente será retomada: qual o espaço do editorial na dinâmica jornalística digital, em se tratando de revistas? Neste momento, reproduzimos no quadro os editoriais encontrados a partir da busca realizada, em que consultamos 216 textos que traziam o signo “editorial”, no entanto, apenas os 29 textos mencionados a seguir contemplam textos identificados como gênero discursivo editorial por meio da menção no título de que se trata deste gênero e mediante a menção da “Redação” como autoria do texto.

**Tabela 3:** Editoriais da revista *Fórum*

DATA	TÍTULO	AUTORIA MENCIONADA
Publicado no site no dia 8 de fevereiro de 2012, refere-se à versão impressa 81.	“Editorial – A necessidade de se reinventar” <sup>11</sup>	Revista Fórum
Publicado no site no dia 9 de fevereiro de 2012, refere-se à versão impressa 82.	“Editorial – Ontem e amanhã em Porto Alegre” <sup>12</sup>	Revista Fórum
Publicado no site no dia 9 de fevereiro de 2012, refere-se à versão impressa 84.	“Editorial – A cultura, as identidades e o preconceito” <sup>13</sup>	Revista Fórum
Publicado no site no dia 9 de fevereiro de 2012, refere-se à versão impressa 85.	“Editorial – O valor da democracia” <sup>14</sup>	Revista Fórum
Publicado no site no dia 9 de fevereiro de 2012, refere-se à versão impressa 88.	“Editorial – O momento oportuno da democracia” <sup>15</sup>	Revista Fórum
Publicado no site no dia 9 de fevereiro de 2012, refere-se à versão impressa 89.	“Editorial – A atualidade de Florestan” <sup>16</sup>	Revista Fórum
Publicado no site no dia 9 de fevereiro de 2012, refere-se à versão impressa 91.	“Editorial – Sobre fatos e versões” <sup>17</sup>	Revista Fórum
Publicado no site no dia 9 de fevereiro de 2012, refere-se à versão impressa 92.	“Editorial – O ódio como legado” <sup>18</sup>	Revista Fórum
Publicado no site no dia 9 de fevereiro de 2012, refere-se à versão impressa 94.	“Editorial – Violências invisíveis” <sup>19</sup>	Revista Fórum

<sup>11</sup> Disponível em [https://revistaforum.com.br/noticias/editorial\\_-\\_a\\_necessidade\\_de\\_reinventar/](https://revistaforum.com.br/noticias/editorial_-_a_necessidade_de_reinventar/) Acesso em 31 ago. 2020.

<sup>12</sup> Disponível em <https://revistaforum.com.br/revista/82/editorial-ontem-e-amanha-em-porto-alegre/> Acesso em 31 ago. 2020.

<sup>13</sup> Disponível em <https://revistaforum.com.br/revista/84/editorial-a-cultura-as-identidades-e-o-preconceito/> Acesso em 31 ago. 2020.

<sup>14</sup> Disponível em <https://revistaforum.com.br/revista/85/editorial-o-valor-da-democracia/>. Acesso em 31 ago. 2020.

<sup>15</sup> Disponível em <https://revistaforum.com.br/revista/88/editorial-o-momento-oportuno-da-democracia-direta/>. Acesso em 31 ago. 2020.

<sup>16</sup> Disponível em <https://revistaforum.com.br/revista/89/editorial-a-atualidade-de-florestan/>. Acesso em 31 ago. 2020.

<sup>17</sup> Disponível em <https://revistaforum.com.br/revista/91/editorial-sobre-fatos-e-versoes/>. Acesso em 31 ago. 2020.

<sup>18</sup> Disponível em <https://revistaforum.com.br/revista/92/editorial-o-odio-como-legado/>. Acesso em 31 ago. 2020.

<sup>19</sup> Disponível em <https://revistaforum.com.br/revista/94/editorial-violencias-invisiveis-e-cotidianas/>. Acesso em 31 ago. 2020.

Publicado no site no dia 9 de fevereiro de 2012, refere-se à versão impressa 97.	“Editorial – As tragédias não deveriam deixar apenas marcas” <sup>20</sup>	Revista Fórum
Publicado no site no dia 9 de fevereiro de 2012, refere-se à versão impressa 98.	“Editorial – Fórum e seu novo papel” <sup>21</sup>	Revista Fórum
Publicado no site no dia 9 de fevereiro de 2012, refere-se à versão impressa 102.	“Editorial – Há 10 anos do mesmo lado” <sup>22</sup>	Revista Fórum
Publicado no site no dia 9 de fevereiro de 2012, refere-se à versão impressa 103.	“Editorial – As redes e a democracia” <sup>23</sup>	Revista Fórum
Publicado no site no dia 22 de fevereiro de 2012, refere-se à versão impressa 107.	“Editorial – O FMS e as novas formas de luta” <sup>24</sup>	Revista Fórum
Publicado no site no dia 09 de janeiro de 2013, refere-se à versão impressa 115.	“Editorial – A onda conservadora e a reforma política” <sup>25</sup>	Redação
Publicado dia 22 de junho de 2013	“Editorial – Às ruas contra o partido das mídias” <sup>26</sup>	Redação
Publicado dia 07 de outubro de 2020 Disponível em <a href="https://revistaforum.com.br/revista/94/editorial-violencias-invisiveis-e-cotidianas/">https://revistaforum.com.br/revista/94/editorial-violencias-invisiveis-e-cotidianas/</a> . Acesso em 31 ago. 2020.014	“Editorial: #MenosODIOMaisNordeste. Por um Brasil que se veja em sua diversidade” <sup>27</sup>	Redação
Publicado no dia 15 de março de 2015	“Editorial – O governo terá que escolher seu lado” <sup>28</sup>	Redação
Publicado dia 18 de março de 2016	“Editorial – Às ruas pela democracia” <sup>29</sup>	Redação
Publicado dia 23 de maio de 2018	“Editorial Fórum: Crise pode levar Brasil a um golpe dentro do golpe” <sup>30</sup>	Redação
Publicado dia 24 de maio de 2018	“Editorial da Fórum: Direção de movimentos se disputa nas ruas e nas lutas” <sup>31</sup>	Redação
Publicado dia 12 de março de 2020	Editorial da Fórum: Não vá a nenhum dos atos, da esquerda ou da extrema-direita <sup>32</sup>	Redação

<sup>20</sup> Disponível em <https://revistaforum.com.br/revista/97/editorial-as-tragedias-nao-deveriam-deixar-apenas-marcas/>. Acesso em 31 ago 2020.

<sup>21</sup> Disponível em <https://revistaforum.com.br/revista/98/editorial-forum-e-seu-novo-papel/>. Acesso em 31 ago 2020.

<sup>22</sup> Disponível em <https://revistaforum.com.br/revista/102/editorial-ha-dez-anos-do-mesmo-lado/>. Acesso em 31 ago 2020.

<sup>23</sup> Disponível em <https://revistaforum.com.br/revista/103/editorial-as-redes-e-a-democracia/>. Acesso em 31 ago 2020.

<sup>24</sup> Disponível em <https://revistaforum.com.br/revista/107/editorial-o-fsm-e-as-novas-formas-de-luta/>. Acesso em 31 ago 2020

<sup>25</sup> Disponível em <https://revistaforum.com.br/revista/editorial-a-onda-conservadora-e-a-reforma-politica/>. Acesso em 31 ago 2020.

<sup>26</sup> Disponível em <https://revistaforum.com.br/noticias/editorial-as-ruas-contra-o-partido-da-midia/>. Acesso em 31 ago 2020.

<sup>27</sup> Disponível em <https://revistaforum.com.br/noticias/editorial-menosodiodomaisnordeste-por-um-brasil-que-se-veja-em-sua-diversidade/>. Acesso em 31 ago 2020.

<sup>28</sup> Disponível em <https://revistaforum.com.br/noticias/editorial-governo-tera-de-escolher-seu-lado/>. Acesso em 31 ago 2020.

<sup>29</sup> Disponível em <https://revistaforum.com.br/noticias/editorial-as-ruas-pela-democracia/>. Acesso em 31 ago 2020.

<sup>30</sup> Disponível em <https://revistaforum.com.br/noticias/editorial-forum-crise-pode-levar-brasil-a-um-golpe-dentro-do-golpe/>. Acesso em 31 ago 2020.

<sup>31</sup> Disponível em <https://revistaforum.com.br/noticias/editorial-da-forum-direcao-de-movimentos-se-disputa-nas-ruas-e-nas-lutas/>. Acesso em 31 ago 2020.

<sup>32</sup> Disponível em <https://revistaforum.com.br/noticias/editorial-da-forum-nao-va-a-nenhum-dos-atos-da-esquerda-ou-da-extrema-direita/>. Acesso em 31 ago 2020

Publicado dia 04 de junho de 2020	Editorial: Em defesa da história da Fórum e do jornalismo de qualidade <sup>33</sup>	Diretor de Redação Renato Rovai
-----------------------------------	--	------------------------------------

**Fonte:** Quadro desenvolvido pela autora.

Diante dos editoriais apresentados, constata-se que o uso do gênero não é contemplado de modo frequente, visto que não há uma recorrência de publicação deste, o que entendemos que ocorre devido à inexistência de uma edição específica, mas sim conteúdos publicados, assim o *site* não dispõe de um espaço dedicado a esses textos. Ainda, embora haja reprodução de alguns editoriais que antecedem a mudança da revista para o meio digital, percebe-se que não há um acervo disponível, são dispostas apenas textos de edições isoladas recorrentes no ano de 2012, quando ocorreu a mudança para o meio digital. Essa ausência de um espaço específico para o gênero editorial no *site* jornalístico nos leva à hipótese de que no meio digital, devido à dinamicidade da publicação de conteúdos – divulgados no site a partir do que acontece na sociedade - e a ausência de números de revista mensalmente produzidos, não há necessidade de um gênero específico para o posicionamento da redação acerca de uma dada situação. Posteriormente, verificaremos que os editoriais foram propostos quando houve necessidade de um esclarecimento acerca de temas polêmicos na sociedade ou algum problema enfrentado pela empresa, mas a opinião da empresa jornalística fica subentendida na seleção de conteúdos no *site*.

Apresentamos a seguir análise das cartas do editor de *Realidade* - em suas edições 1, 10, 11, 13, 17, 52, 80, 91 e 119 - e dos editoriais da revista Fórum – nas edições impressas 81, 84, 102 e 115 reproduzidas no *site* e nas versões digitais publicadas em 22 jun. 2013, 18 mar. 2016, 12 mar. 2020 e 04 jun. 2020– a fim de contemplarmos os objetivos elencados neste trabalho: a verificação das estabilidades e instabilidades dos gêneros em suas publicações e as possíveis relações entre eles a partir da análise da construção estilística e composicional desses gêneros que compõem cada veículo; a compreensão desses em sua forma arquitetônica; a constatação da relação do autor com o público-alvo das revistas e com os valores ideológicos dominantes no contexto sócio-histórico em que os gêneros se materializam.

<sup>33</sup>Disponível

em

<https://revistaforum.com.br/?s=Editorial%3A+Em+defesa+da+hist%C3%B3ria+da+F%C3%B3rum+e+do+jornalismo+de+qualidade> . Acesso em 31 ago 2020.

#### 4.1 As cartas do editor na revista *Realidade*

As cartas do editor em *Realidade*, como já verificado no Quadro 1, não eram apresentadas em todas as edições, mas naquelas em que foram veiculadas eram dispostas antes ou ao lado do sumário, visando à apresentação da revista para o leitor na edição vigente. Aqui selecionamos nove cartas que apresentam momentos distintos da revista em situações em que foi apresentado um título relacionado ao tema e em que se optou pela apresentação do título como “Carta do Editor” e “Nota da Redação”.

Na primeira carta do editor da revista, apresentada na página 30 da seção 2, é reportada a entrada de *Realidade* no mercado editorial pelo diretor de redação Victor Civita, tendo em vista o momento de participação da editora *Abril* na imprensa e a necessidade de proporcionar ao leitor uma nova proposta de jornalismo. Desse modo, a carta faz menção aos objetivos da revista (“Pretendemos informar, divertir, estimular e servir a nossos leitores. Com seriedade, honestidade e entusiasmo [...]”), os quais demonstram explicitamente uma tentativa de convencer e estabelecer contato com o leitor, como se verifica com a escolha linguística do verbo “servir” em “servir a nossos leitores”, sugerindo a ideia de que a revista estaria disposta aos seus leitores.

Constata-se nesta carta, e comprova-se nas cartas do editor que serão discutidas a seguir, o público-alvo da revista que é previsto: “Será a revista dos homens e das mulheres inteligentes que desejam saber mais a respeito de tudo [...] dedicamos REALIDADE a centenas de milhares de brasileiros lúcidos, interessados em conhecer melhor o presente para viver melhor o futuro.”. O uso dos adjetivos “inteligentes” e “lúcidos” nos chama atenção, visto que estes signos evidenciam uma escolha de direcionar a revista a um público que, naquele momento, poderia ser os grupos que se pautavam em ideologias conservadoras e tradicionalistas do sistema político-econômico vigente, mas também poderia considerar os núcleos que suscitavam embate aos valores sociais e políticos que estavam em supremacia. Para Faro (1999), a revista se direciona a leitores presentes nos núcleos urbanos e inseridos nas classes sociais A e B:

[...] desse quadro é possível deduzir que o público leitor de *Realidade* era mesmo constituído majoritariamente por segmentos que hoje, possivelmente, seriam enquadrados nas classes A e B, concentrados em sua maior parte nas áreas urbanas. As demandas culturais desse público, tomadas aqui em seu sentido mais amplo, eram modernas no sentido de que se traduziam em exigências argumentadas em torno de questões éticas e institucionais. (p.97)

Na edição de número 10, que apresentou um título relacionado à proposta temática do texto, foi abordada a questão da posição social da mulher na época, assim, todas as reportagens e artigos da edição voltaram-se para este recorte. Desse modo, na carta do editor, assinada pelo diretor de redação Roberto Civita, apresentou-se como foram realizadas as reportagens, descrevem-se quais foram os jornalistas que desenvolveram o trabalho e demonstram-se as temáticas que discutiram. A seguir, a carta do editor da edição 10:

### **O TRABALHO QUE ELAS DERAM**

Seis meses atrás, em longa conversa ao pé da lareira, numa noite de inverno, começamos a discutir a posição e a importância da mulher em nosso país. Falamos da revolução tranquila e necessária — mas nem por isso menos dramática — que a mulher brasileira estava realizando. E decidimos dedicar uma edição especial de REALIDADE ao que ela é, ao que faz, ao que pensa e ao que quer.

Como primeiro passo, levamos quase três meses realizando uma grande pesquisa nacional. Entrevistamos 1.200 mulheres de todos os tipos, idades e mentalidades de Pernambuco ao Rio Grande do Sul. Tabulamos mais de cem mil respostas. E, nas páginas 20 a 28, orgulhamo-nos de apresentar as conclusões do maior estudo no gênero jamais realizado no Brasil.

Simultaneamente, três equipes saíram de viagem. Encarregados de preparar uma reportagem sobre o trabalho pioneiro das “novas” freiras, Luiz Fernando Mercadante e Geraldo Mori voaram antes para o Araguaia, depois para cidadezinhas empoeiradas de quatro Estados do Norte e Nordeste. Roberto Freire e David Zingg foram morar em Salvador a fim de realizar o perfil de uma típica mãe-de-santo. E Narciso Kalili e Cláudia Andujar passaram quase 20 dias no Rio Grande do Sul à procura de uma parteira “clássica”.

Enquanto isso, no Rio, Alessandro Porro, em busca da Ingrid Thulin nacional, falou com dezenas de cariocas famosas antes de decidir que a jovem atriz Ítala Nandi era a mulher certa. Néelson Di Rago — como todos os demais fotógrafos da revista — saiu à procura da grande foto que, para ele, significasse Amor Materno. E Paulo Henrique Amorim entrevistou centenas de universitárias... para, no fim, produzir uma reportagem tão grande que não coube nesta edição! Mas não nos limitamos a escrever a respeito de mulheres. Também convidamos três delas para colaborar na edição. Assim, Carmen da Silva passou um mês lendo milhares de cartas dirigidas a meia dúzia de revistas femininas para poder preparar seu artigo sobre Consultórios Sentimentais. Gilda Grillo, armada com um gravador, praticamente viveu uma semana com a mãe solteira “diferente” que ela achou. E Daisy Carta digeriu uma pilha de livros, ensaios e estatísticas antes de concluir pela superioridade natural das mulheres.

Paralelamente, em São Paulo, Carlos Azevedo e Luigi Mamprin visitaram 17 indústrias à procura de alguém que exemplificasse o sucesso que a mulher pode ter quando sabe trabalhar. José Carlos Marão passou três semanas falando com desquitadas. Eduardo Barreto e Jaime Figuerola fizeram um curso intensivo de medicina e biologia a fim de poderem preparar a reportagem Ela é Assim, nas páginas 36 a 43.

E eis o resultado. Tudo nesta edição — desde as cartas até o “Brasil Pergunta” — trata de mulheres. Trabalhando, amando, rezando, pensando, falando... sendo. Sabemos que o panorama traçado é apenas parcial, mas esperamos que sirva para mostrar o muito que elas já fizeram e o mais que ainda irão fazer.

Roberto Civita

Quando pensamos nos elementos que permitem definir tal enunciado como gênero discursivo carta do editor, já verificamos que as escolhas lexicais (ou seja, o estilo aqui evidenciado) demonstram um projeto de dizer que busca apresentar um conteúdo que será explorado no periódico e há uma tentativa explícita de convencer seu leitor de que ele foi bem articulado e, assim, é fundamental a sua leitura, como é evidenciado no trecho: “Simultaneamente, três equipes saíram de viagem. Encarregados de preparar uma reportagem sobre o trabalho pioneiro das “novas” freiras, Luiz Fernando Mercadante e Geraldo Mori voaram antes para o Araguaia, depois para cidadezinhas empoeiradas de quatro Estados do Norte e Nordeste.[...]”; é explicado ao leitor que houve o desdobramento da equipe de produção a fim de reforçar a ideia de dedicação da revista em apresentar o conteúdo de modo amplo, objetivo este que caracteriza *Realidade* (FARO, 1997).

Quando se pensa na arquitetura deste gênero, podemos analisar que no dado contexto as questões que estavam sendo discutidas no periódico enfrentavam embates ideológicos, com isso as escolhas feitas evidenciam um cuidado nas palavras para revelar a temática ali debatida e, até uma crítica. Como podemos verificar, desde o título já temos o uso da expressão “Trabalho que elas deram”, que é popularmente utilizada para definir quando algo gerou dificuldades na sua execução, para evidenciar as dificuldades na realização da edição e assim podemos verificar que tais escolhas buscam promover a persuasão do leitor de que houve muitas dificuldades e que então se tem um trabalho digno de exaltação e valorização.

Sabemos que na linguagem jornalística é comum nos depararmos com a autopromoção, pois, além de informar, há uma tentativa de persuasão de seu leitor da refração que é divulgada (MEDITSCH, 1997). Desse modo, no primeiro parágrafo, verificamos uma tentativa de justificar tal escolha da revista ao mencionar “começamos a discutir a posição e a importância da mulher em nosso país. Falamos da revolução tranquila e necessária — mas nem por isso menos dramática — que a mulher brasileira estava realizando. E decidimos dedicar uma edição especial de REALIDADE ao que ela é, ao que faz, ao que pensa e ao que quer”. A apresentação evidencia uma contextualização de como surgiu a ideia de dedicar uma edição para discutir a presença feminina, é possível ver até mesmo um tom típico de narrativas ao introduzir com uma descrição que remete a uma cena fictícia para sugerir que a discussão sobre a edição demandou tempo, dedicação e atenção dos redatores: “Seis meses atrás, em longa conversa ao pé da lareira, numa noite de inverno”.

No final, por meio de uma construção sintática que tenta exaltar a mulher - “sabemos que o panorama traçado é apenas parcial, mas esperamos que sirva para mostrar o

muito que elas já fizeram e o mais que ainda irão fazer” -, evidencia-se a reiteração da tentativa de exaltação da mulher naquele momento. No entanto, apresenta também valores em oposição a tais tentativas, uma vez que manifesta um discurso que ainda está carregado de ideologias patriarcais, como é evidente em “o sucesso que a mulher pode ter quando sabe trabalhar“. A escolha do signo “sabe”, anteposto a “trabalhar”, já remete ao discurso de que a figura feminina só tem o “sucesso” esperado quando está no campo do trabalho e detém de uma formação, uma vez que as demais mulheres não foram destacadas como representantes de sucesso na sociedade; outra leitura possível é considerar o pressuposto em “quando sabe trabalhar”: essa construção explícita que há situações em que a mulher não sabe trabalhar, que pode ser interpretado como “não trabalha direito”. Veja que se materializa, nesta carta do editor, um conflito ideológico sobre a atuação da mulher no campo de trabalho, o que é uma refração de discursos sobre a emancipação feminina que se atualizam no social.

Nos próximos parágrafos, quando é discutido como foram desenvolvidas as pesquisas para a reportagem, citam-se os repórteres e os locais visitados, mostrando que a revista buscou evidenciar a realidade das mulheres de várias regiões e grupos sociais, mas notamos que ainda há uma restrição em conceber a atuação da mulher na área jornalística, esfera em que está sendo retratada tal temática, uma vez que a reportagem é desenvolvida em sua maior parte por homens, fator que leva a ideologias que se contrastam no contexto.

Temos a evidência dos valores postos neste discurso, que estão voltados à tentativa de valorização social da mulher, mas ainda demonstram ideologias vigentes na época, que não propiciavam um ambiente de inclusão da voz feminina. Nesse sentido, a escolha por reportagens que revelam como é a vida de mães solteiras e como é a vida de mulheres que têm sucesso no trabalho e buscam sua independência tenta descentralizar as ideologias patriarcais, as quais impedem a liberdade da mulher e estabelecem padrões que necessitam de ser cumpridos, como matrimônio, maternidade e tarefas do lar; mas ainda vê-se uma centralização quando não há uma coerência entre a proposta de valorização da independência da mulher e o discurso patriarcal posto.

Neste ponto, podemos notar como se dão os embates ideológicos na cadeia discursiva, por meio de enunciados que retomam ideologias divergentes, visto que promovem a luta entre vozes que visam à independência da mulher e discursos patriarcais que circulavam na época. Com isso, a revista demonstra seu posicionamento em relação à sociedade e à temática, evidenciando que todo enunciado é dialógico por natureza (BAKHTIN, 2011).

Ao final, a edição reforça a ideia de retratar a mulher de modo “real” por meio do período “Trabalhando, amando, rezando, pensando, falando... sendo”, usando verbos nocionais na sua forma nominal de gerúndio para mostrar que a mulher em todos seus processos da vida merece ser vista e notada sobre outro olhar pela sociedade, mas ainda sob uma visão patriarcal que romantiza o cotidiano da mulher ao colocar quais as ações que determinam o que é ser mulher neste momento de modo positivo e naturalizado. No encerramento do período, temos um único verbo relacional “sendo” que demonstra que todas as ações expressas anteriormente constituem a posição da mulher na sociedade.

Após publicar a edição, a revista teve problemas devido à temática, tendo em vista que a imprensa no período ditatorial foi fortemente reprimida, e sofreu com a proibição da circulação da edição de número 10, como foi retratado na carta do editor a seguir da revista de número 11 de fevereiro de 1967.

#### **A apreensão de REALIDADE**

No penúltimo dia do ano passado, REALIDADE de janeiro foi apreendida em São Paulo, por decisão do juiz de Menores. Simultaneamente — e embora o juiz não tivesse qualquer jurisdição quanto aos exemplares destinados a outras comarcas — cerca da metade da tiragem da revista foi detida na gráfica onde é impressa. Finalmente, alguns dias depois, o juiz de Menores da Guanabara, também mandou apreender a revista. Nos dois casos, a alegação foi a mesma: tratava-se de uma edição “obscena” e “ofensiva à dignidade da mulher”. E, em ambos os casos, o único recurso cabível era se dirigir aos Tribunais Superiores. Assim, enquanto os nossos advogados preparavam suas defesas e a revista aguardava o pronunciamento da Justiça, centenas de milhares de leitores em todo o país ficaram proibidos de ver a edição especial que focalizava “A Mulher Brasileira, Hoje”.

O que havia de “obsceno” na edição apreendida? Os dois juízes de Menores não especificaram. Mas certas pessoas supõem que eram os desenhos científicos mostrando o funcionamento do corpo feminino. Alguns apontam uma estatística sobre o índice de abortos (incluída nos resultados da maior, mais variada e mais cuidadosa pesquisa de opinião e comportamento jamais realizada entre mulheres brasileiras). Outros mencionam uma entrevista com uma moça que não se envergonha de ser mãe solteira; a foto de uma prostituta que — pelo milagre da maternidade — confessa sua intenção de se regenerar; e o debate da última página, onde duas escritoras conhecidas apresentam opiniões divergentes sobre a importância da virgindade pré-matrimonial.

Finalmente, muitos pensam que uma determinada foto, publicada na reportagem uma parteira do interior, foi julgada “obscena” pelos defensores da moralidade pública.

Torna-se evidente, portanto, que a “obscenidade” — no sentido exato da palavra — não estava em jogo, pois a revista não continha sequer uma frase maliciosa, uma foto provocante, um desenho erótico ou um texto libidinoso. O que estava — e ainda está — na balança é uma atitude perante a vida, o mundo e a realidade brasileira.

Desde nosso primeiro número, em abril de 1966, manifestamos a opinião de que a única maneira de resolver problemas é tranquilizá-los. E nos meses que se seguiram a jovem equipe que faz esta revista procurou não perder de vista as dúvidas e problemas que são continuamente levantados, ponderados e debatidos no Brasil inteiro. A recepção foi entusiástica: em apenas seis meses,

REALIDADE alcançou a maior tiragem do país, com 475.000 exemplares e mais de um milhão e meio de leitores por edição.

A apreensão do número de janeiro constitui, assim, muito mais que uma simples ação punitiva contra qualquer vulgar publicação licenciada. Significa, essencialmente, que qualquer juiz de Menores pode impedir que uma revista circule em todo o país, apenas por não concordar com o seu ponto de vista. Significa que basta a simples opinião de uma autoridade administrativa para anular meses de trabalho e provocar vultosos prejuízos materiais. E significa, finalmente, que a liberdade da imprensa vê-se novamente em perigo, uma vez que este tipo de apreensão ameaça jornais e revistas que publicarem fatos, estatísticas e opiniões julgados inconvenientes a critério exclusivo de uma única pessoa.

Assim, embora pretendamos continuar debatendo os grandes problemas nacionais, deveremos supor que — de repente — não mais vão aparecer moças menores e grávidas diante dos juizes de Menores. Que a esmagadora maioria das jovens chega virgem ao casamento. Que mulheres casadas jamais apelam para a interrupção intencional da gravidez. Que há unanimidade da opinião pública a favor do desquite como melhor solução para um casal que vive sem amor. E que enfim — todos estes problemas só voltariam a existir se e quando fossem novamente levantados por REALIDADE.

É preciso repetir que nosso único objetivo — desde o primeiro número — foi fazer uma revista para homens e mulheres inteligentes que desejam saber mais a respeito de tudo. Queremos continuar informando, divertindo, estimulando e servindo aos nossos leitores. Com seriedade, honestidade e entusiasmo. Queremos continuar comunicando a nossa fé inabalável no Brasil e no seu povo, na liberdade do ser humano e nas realizações da livre iniciativa.

REALIDADE, enfim, só tem uma pretensão: ajudar a construir um Brasil moderno, próspero e feliz. E é isso que continuaremos tentando fazer.

(REALIDADE, 1967, p.3)

A carta do editor apresentada revela como foi concebida a edição sobre a mulheres e, mais do que isso, expõe quais ideologias eram valorizadas e exaltadas, tendo em vista que a temática sobre o feminino foi considerada, por seus críticos-censores, como ato “obsceno” e “desrespeito à dignidade da mulher”. Assim como na edição anterior, é apresentado um título que reitera a abordagem temática da edição e, aqui, há ainda a evidência da polissemia do substantivo “apreensão”, que pode se relacionar ao fato de como foi a recepção dos leitores em relação à edição apresentada, mas também é possível compreendê-lo a partir da retirada das revistas das bancas. No desenvolvimento da carta, as justificativas da retirada das revistas reproduzidas, como ao apresentar que “Outros mencionam uma entrevista com uma moça que não se envergonha de ser mãe solteira” ou “ uma determinada foto, publicada na reportagem uma parteira do interior, foi julgada “obscena” pelos defensores da moralidade pública” representam os valores concebidos pelas ideologias oficiais (machistas): a ideia de que a mulher<sup>34</sup> deveria seguir as imposições patriarcais, manter-se submissa ao homem e aos valores

<sup>34</sup> “Anterior a 1964 a mulher ainda se encontrava privada de autonomia tendo de obter autorização do marido ou pai para trabalhar, quase não se havia usufruído o direito de votar e dos direitos trabalhistas conquistado com Vargas em 1932, e se instalou a intervenção, onde programas de esterilização somados as faltas de informação sobre métodos contraceptivos, como a pílula anticoncepcional, restringindo ainda mais a pouca liberdade que a mulher tinha sobre o próprio corpo, ainda assim, a presença feminina no mercado de trabalho cresceu e muitos

machistas das instituições, a questão de que qualquer discussão envolvendo sexualidade é imprópria quando se trata da mulher e que revelar as escolhas individuais dessas é um ato de desrespeito à ideia de dignidade que naturalizaram sob uma perspectiva machista.

Tendo em vista que cada enunciado é um ato discursivo, suscita ou provoca respostas, podemos analisar que aqui nos deparamos com uma refutação ao ato de proibição. Ao analisar o discurso da revista, identificamos um tom de revolta e, sabendo que se trata de uma carta do editor e que o projeto de dizer estabelece uma relação direta com o seu leitor, há a tentativa de esclarecer a importância das discussões suscitadas pela revista e de como a atitude governamental demonstrou desrespeito à população, aspectos que explicitam a opinião da revista acerca da situação, como foi mencionado em “Torna-se evidente, portanto, que a “obscenidade” — no sentido exato da palavra — não estava em jogo, pois a revista não continha sequer uma frase maliciosa, uma foto provocante, um desenho erótico ou um texto libidinoso”. O uso das aspas já remete à retomada da voz do juiz de modo irônico, evidenciando que a revista desconsidera a afirmação e acredita que a justificativa de impedimento não estava pautada na forma como o conteúdo foi apresentado, mas nos valores patriarcais concebidos pelo juiz e pela sociedade no contexto sociopolítico. Esse confronto entre a revista e o posicionamento unilateral do juiz evidenciam a atuação de forças centrípetas sobre as ideologias da revista, visto que ocorreu a tentativa de impedir a veiculação do posicionamento da empresa e o discurso de autoridade do juiz, associado à concepção patriarcal da época, o que promoveu a centralização da concepção conservadora.

A força centrípeta contra os valores da revista foi recebida e respondida de modo irônico, quando o editor critica a postura do representante jurídico ao mencionar que provavelmente o juiz não vai se deparar com a gravidez na adolescência e que as mulheres vão se casar virgens, evidenciando que o ato de proibição mascara a realidade e não propicia uma reflexão pautada na realidade vivida pelas mulheres do Brasil da época, objetivo principal da revista: “Que a esmagadora maioria das jovens chega virgem ao casamento. Que mulheres casadas jamais apelam para a interrupção intencional da gravidez. Que há unanimidade da opinião pública a favor do desquite como melhor solução para um casal que vive sem amor. E que enfim — todos estes problemas só voltariam a existir se e quando fossem novamente levantados por REALIDADE”.

---

movimentos femininos surgiram, viram-se presas num dilema, ou levantariam para lutar 59 ARTIGO encarando todos os riscos direcionados ao seu sexo, ou calariam perante a ditadura e arriscariam uma vida permeada por medo, desesperança e morte.” (MADEIRA; OLIVEIRA, 2019, p.59)

O discurso nesta carta ainda reitera os objetivos centrais da revista, em uma busca de enfatizar o público-alvo e compenetrar que há o cumprimento de um suposto papel ético e responsável da revista. “Queremos continuar informando, divertindo, estimulando e servindo aos nossos leitores. Com seriedade, honestidade e entusiasmo. Queremos continuar comunicando a nossa fé inabalável no Brasil e no seu povo, na liberdade do ser humano e nas realizações da livre iniciativa.”. Esse período reitera os objetivos evidenciados na primeira edição e já constata que o projeto de dizer da revista está pautado nesta busca pelo convencimento do leitor do papel do periódico na construção da opinião pública, visto que a empresa corria o risco de ser reprimida caso destoasse dos valores concebidos pelo governo vigente. Como gênero discursivo carta do editor, entende-se que há como estabilidade esta relação direta com o leitor e a explícita intenção de convencê-lo sobre os objetivos da revista.

A carta a seguir foi apresentada na edição 13 e aborda o esclarecimento da revista sobre informações que foram divulgadas relacionando a editora *Veja* como instituição que está vinculada ao estrangeiro e foi favorecida pelas alterações na Lei de Imprensa, que na época permitiu a participação do estrangeiro no país. A apresentação da carta traz um vocativo como título – elemento que compõe o gênero discursivo carta – “Aos nossos leitores”, e evidencia a ampliação de uma interlocução entre o veículo e seus leitores.

#### **AOS NOSSOS LEITORES**

A EDITORA ABRIL, empresa brasileira responsável pela publicação de uma série de importantes revistas que circulam em todo o território nacional, tem sido alvo de ataques esporádicos colocando em dúvida a sua condição de organização genuinamente nacional.

Dada a total improcedência de tais insinuações, até hoje praticamente nos limitamos a ignorá-las. Isso, porém, não impediu que, no ano passado, quando o governo da República constituiu uma comissão de alto nível para investigar as atividades de empresas jornalísticas, solicitássemos que a comissão iniciasse seu trabalho pela EDITORA ABRIL. As verificações exaustivas daquelas autoridades confirmaram definitivamente que a ABRIL não tem e nunca teve qualquer participação de capitais estrangeiros.

Recentemente, quando da promulgação do decreto presidencial que modificou a Lei de Imprensa, permitindo que estrangeiros editem em nosso país publicações científicas, técnicas, culturais e artísticas, insinuou-se que a referida medida fora pleiteada pela EDITORA ABRIL. Esta incrível suposição exige réplica enérgica. O decreto em nada nos beneficiou. Obrigá-nos, isso sim, a aprimorar ainda mais o nosso trabalho, a fim de fazer frente aos eventuais competidores alienígenas.

Quanto a nós, somos uma empresa exclusivamente brasileira, fundada há 18 anos, em São Paulo. As origens foram humildes: uma sala, três pessoas e uma revistinha — O PATO DONALD. E a luta foi árdua: nos primeiros 13 anos, lançamos 19 publicações, mas somente 12 sobreviveram.

Crescemos com o país. Formamos uma grande equipe de profissionais altamente especializados — repórteres, artistas, fotógrafos, redatores, pesquisadores e outros técnicos, que produzem 20 publicações — desde as histórias em quadrinhos de Walt Disney a revistas para a indústria; da Bíblia a

um guia turístico; de um semanário dedicado à televisão, uma revista de moda e seis fotonovelas até uma publicação automobilística, uma grande revista feminina e a maior revista brasileira de interesse geral.

O objetivo destas publicações é servir — instruindo, divertindo, informando, estimulando os seus milhões de leitores em todos os cantos do país. Com seriedade, honestidade, entusiasmo e patriotismo. Com a consciência tranquila. E com o otimismo dos que confiam e trabalham.

(REALIDADE, 1967, p.3)

A tentativa de persuasão da revista que foi evidenciada nas cartas do editor das edições 1 e 10 se mantém e se mostra persistente neste texto, visto que o assunto abordado refuta informações que foram divulgadas sobre a *Abril*, instituição responsável por manter as publicações da revista. Desse modo, a revista apresenta a carta do editor como um mecanismo de defesa e faz uso de um discurso pautado na relevância da instituição no país, como se verifica com a afirmação de que a corporação é responsável pela publicação de “importantes revistas que circulam em todo o território”. Além disso, tem-se o uso de um discurso apelativo ao revelar a fundação e as dificuldades encontradas pela empresa para manter sua participação no país, verificando assim a recorrência de um enunciado que está posto para estabelecer a confiança do outro, espera-se uma resposta ativa de compreensão do leitor diante do contexto que foi postulado. O apelo se dá por meio de um tom persuasivo de como ocorreu o processo de desenvolvimento da *Abril*, ao mencionar “As origens foram humildes: uma sala, três pessoas e uma revistinha — O PATO DONALD. E a luta foi árdua[...]”.

O enunciado ainda reitera valores de nacionalismo e ufanismo comungados pela revista e dominantes no momento sócio-histórico vigente, visto que há menção de que a revista cresceu, assim como o Brasil se desenvolveu em “Crescemos com o país”. Este é um valor concebido pela revista visto que seu discurso se pauta na reiteração do papel social da revista, de sua importância para a sociedade e do comprometimento desta como instituição ética que busca evidenciar o conteúdo esperado para o público “lúcido”, como foi discutido no último parágrafo da carta em que são expostos ainda os objetivos da revista de “servir — instruindo, divertindo, informando, estimulando os seus milhões de leitores em todos os cantos do país. Com seriedade, honestidade, entusiasmo e patriotismo. Com a consciência tranquila. E com o otimismo dos que confiam e trabalham.”

O espaço comumente reservado para a carta do editor, na edição 17, exhibe uma “Nota de Redação”, fator que nos levantou questionamentos em relação ao que motivou a mudança e escolha pelo signo “nota”, que indica aquilo que assinala algo e que tem uma abordagem breve do tema, enfim, questionamo-nos se enuncia-se nesse caso outro gênero discursivo. A seguir, temos o texto apresentado:

### NOTA DA REDAÇÃO

Quando decidimos colocar um questionário para a juventude na edição do mês passado, acreditávamos na participação dos nossos jovens leitores. Mas confessamos que não esperávamos tanto entusiasmo, nem milhares de respostas em tão pouco tempo. São surpresas como estas que nos animam e nos encorajam a continuar fazendo uma revista participante, honesta e inteligente. Assim, agradecemos duplamente a todos os leitores que enviaram suas opiniões e sugestões: por mais uma demonstração de compreensão e entusiasmo, e pela importante contribuição que deram ao próximo número que será dedicado com carinho a um estudo amplo e minucioso de nossa juventude, hoje.

Como em qualquer outra atividade humana, numa revista também se enfrentam doenças e morte. A edição de agosto, que está em suas mãos neste momento, foi sacudida, inicialmente, pela morte de Lúcio Nunes, um dos expoentes do novo jornalismo brasileiro e redator que — durante muitos meses — dedicou-se à elaboração do “Roteiro”, seção que abre a revista. Quase ao mesmo tempo, Roberto Freire, que estava em Recife preparando a reportagem sobre menores desamparados que publicamos a partir da página 24, teve que ser hospitalizado. Apesar das advertências médicas, mas com a ajuda do fotógrafo Geraldo Mori, Freire continuou — de seu leito — entrevistando menores, psicólogos, sociólogos e autoridades.

Enquanto isso, José Carlos Marão recém-chegado da Amazônia, onde foi conhecer de perto o pequeno japonês que focalizamos na reportagem das páginas 100 a 104, caiu doente com febre altíssima: tinha contraído malária.

Felizmente, os dois repórteres já estão melhores. E embora o grande vazio deixado por Lúcio Nunes seja impossível de preencher, a lembrança do seu jornalismo sereno e objetivo continuará nos motivando a fazer uma revista cada vez melhor, refletindo nossa fé permanente no Brasil e no seu povo.

(REALIDADE, 1967, p.3)

A nota expressa o processo de produção da edição e divulga o falecimento de um integrante da redação da revista, o que pode ser uma das hipóteses do que motivou a alteração do título neste momento. Ademais, verifica-se que apesar de o título se alterar, há fatores estáveis em relação às cartas das outras edições que podem revelar que, apesar de ser nomeado como nota, o texto reportado na edição 17 compreende uma carta do editor, uma vez que há a menção do trabalho da revista e do processo de desenvolvimento da edição, além de ressaltar os princípios e objetivos de *Realidade*.

A discussão gira em torno do trabalho da revista e se inicia exaltando os bons resultados alcançados com a pesquisa voltada para os jovens e agradece a participação dos leitores no processo de divulgação do trabalho desenvolvido nas edições. Com isso menciona que o retorno ativo do leitor propicia a possibilidade de a revista continuar sustentando seus objetivos de ser “uma revista participante, honesta e inteligente”. Constata-se que, assim como verificado nas outras duas cartas analisadas, como valores ideológicos das cartas de *Realidade*, há a construção de um discurso que valora princípios de humildade, moral, ética – que dialogam com o público-alvo no momento sócio-histórico vigente - os quais são reiterados nas cartas e constata uma estabilidade que está vinculada à especificidade do gênero que pressupõe expor

o posicionamento da instituição mantendo a linha editorial proposta. Tal constatação ainda ressoa com o desfecho da nota apresentando que a revista possui uma “fé permanente no Brasil e no seu povo”, discurso que se relaciona ao contexto sócio-histórico e mantém o valor nacionalista concebido pela instituição.

Ao analisarmos as cartas, constatamos que o gênero possui estabilidades ao evidenciarmos que nelas há a exposição do posicionamento da revista, fator que também se aproxima do que é proposto nos editoriais que serão apresentados a seguir. Em contrapartida, podemos nos indagar sobre o projeto de dizer das cartas da edição 11 e 13 que, além de um posicionamento, apresentam esclarecimento, aos leitores, de algum fato que envolva a instituição, não mencionando as ideias centrais desenvolvidas nas matérias que compõem a edição. A seguir apresentamos a carta do editor publicada na edição 52 no ano de 1970.

#### **CARTA DO EDITOR**

Como é o Brasil de hoje? Como será o Brasil do futuro?

Para responder a estas perguntas é que nos lançamos à estimulante aventura deste número especial de REALIDADE. Fizemos pesquisas, colhemos depoimentos de brasileiros eminentes, ouvimos os jovens, o homem da rua, a mulher que trabalha, registramos fotograficamente a vida e a fisionomia múltipla do nosso povo.

Como é o Brasil?

É um país que se transforma, prodígio de unidade num quadro de contrastes vertiginosos. País de ontem, de sempre, de fascinantes amanhãs. Gente lúcida, ordeira, que aceita o pesado desafio de construir o seu destino.

Conhecer o Brasil, sentir-lhe as possibilidades, participar do grande esforço pelo seu desenvolvimento e pela consolidação da nossa sociedade tradicionalmente aberta, eis a motivação que levou a campo a equipe que realizou esta edição de REALIDADE.

Como será o Brasil de amanhã?

No que depender dos seus filhos mais conscientes e capazes, ele será livre, próspero e democrático. Nas palavras do presidente da República, transcritas no artigo que fecha o número e que traz a essência do pensamento do General Médici: "Creio nos milagres que os homens fazem com as próprias mãos. E nos milagres da vontade coletiva. E na solidariedade da família brasileira. Creio na alma generosa da mocidade. Creio na minha terra e no meu povo".

REALIDADE também acredita. E haver realizado essa missão de reconhecer e proclamar o Brasil atual constitui um ato de fé. A nossa própria fé no futuro do país.

Victor Civita

(REALIDADE, 1970, p. 3)

A carta inicia com uma pergunta retórica que remete à tentativa de compreensão do presente e do futuro do país, tal questionamento serve como introdução para o desenvolvimento da carta e apresentação da edição em questão. Assim como constatamos em outras cartas, vê-se a retratação de como a matéria da revista foi desenvolvida pelo grupo responsável com a justificativa do que motivou *Realidade*, como é possível notar com a

afirmação de verbos nocionais relacionados à produção jornalística “fizemos”, “colhemos”, “ouvimos” e “registramos”, os quais são colocados de modo enumerado indicando o fazer do jornalista.

Verificamos que a carta da edição 52, publicada em 1970, demonstra traços das alterações ocorridas na revista após a mudança da redação, como apresentamos na seção 2, visto que o contexto político enrijeceu a participação da imprensa na sociedade e, na carta, isso pode ser constatado com a retratação de uma temática genérica na edição - diferente do tom de denúncia das revistas anteriores -, tratando dos brasileiros e de sua participação para o “desenvolvimento” e “consolidação de uma sociedade tradicionalmente aberta”, escolha que dialoga com as imposições da situação histórica de promover o ideário de que o país estava em uma situação econômica e social positivas. Com a reprodução da afirmação do General Médici<sup>35</sup> que foi desenvolvida em uma reportagem da edição, essa constatação se confirma, visto que a fala do governante exalta o povo brasileiro e evidencia um discurso progressista destacando o papel do cidadão brasileiro e seu engajamento a fim de destacar que a “revolução” propiciava a participação do povo e garantiria benefícios se todos atuassem. Verifica-se que a reprodução do discurso político na carta e na reportagem da edição de *Realidade* visa centralizar os discursos permeados neste momento e garantir a participação da revista na imprensa brasileira<sup>36</sup>, o que se comprova com a afirmação “REALIDADE também acredita”, demonstrando que a revista neste momento comunga com o governante.

Ainda em relação ao discurso de Médici, podemos constatar o uso de signos do campo semântico religioso, como “milagre”, “creio” e “alma”, assim como a revista que faz uso de “fé”. Notamos que esta reiteração de signos comumente utilizados na esfera religiosa é ressignificada e neste momento busca aproximar o leitor e convencê-lo de que seu papel é necessário e há a confiabilidade do governo e da revista em relação à importância da população. Podemos identificar o heterodiscurso neste enunciado, seguindo a esteira das reflexões bakhtinianas, pois o discurso religioso, que pressupõe garantir a crença e estabelecer a atuação dos indivíduos, foi deslocado para o discurso político e, ainda, no caso do gênero carta do editor em *Realidade*, deslocou-se para o discurso jornalístico na tentativa de aproximar-se do leitor. A arquitetura do gênero também nos possibilita compreender essa relação entre a revista e seus leitores, podemos pensar a presença do diretor de redação como o autor na relação com

---

<sup>35</sup> Emílio Garrastazu Médici foi o terceiro General-Presidente do país na ditadura, entre 1969 e 1974. Sua participação política se deu desde o golpe em 1964, mas, após a doença e morte de Costa e Silva – presidente até então -, Médici assume a presidência por meio de eleições indiretas.

<sup>36</sup> Importante destacar que neste momento as revistas e periódicos em geral enviavam as edições para Brasília antes de serem publicadas, para que fosse aprovado pelo SNI (Sistema Nacional de Informações).

os leitores<sup>37</sup>. Na carta do editor, o autor representa o posicionamento da revista, podemos dizer que o enunciado do diretor da redação organiza-se objetivamente para a expressão do que a empresa jornalística deseja propor para seus leitores. A partir da tônica bakhtiniana em relação à organização dos enunciados, podemos entender que estes são intrinsecamente associados aos valores ideológicos do momento, como discutido e constatado com a tentativa da revista de se manter no mercado editorial.

Notamos, também, que a retomada de “fé” e “lucidez” esclarece e reitera os valores concebidos pela revista no contexto situado de que o Brasil estaria em constante progresso, mesmo que as discussões apresentadas nas edições não demonstrassem apenas esta visão da realidade. As escolhas do enunciado são valorativas, assim como postulou Bakhtin (2018), assim, ao depararmos com a retomadas destes signos nas cartas publicadas durante os anos em que a revista foi veiculada, compreendemos as ideologias da empresa jornalística. Na carta que apresentamos a seguir – carta 80 -, não há a retomada desses signos que valoram positivamente o “progresso”, mas identificamos que a tentativa de mostrar que o governo vigente preocupava-se com a sociedade se mantém.

#### **CARTA AO LEITOR**

REALIDADE reabre o debate sobre o nordeste. É um velho e às vezes cansativo debate, que já dura longos anos. Em certos períodos ele chega quase a morrer, para ressurgir em outras ocasiões, mais veemente, quase sempre dramático. Acontece geralmente nos anos de seca, quando as multidões flageladas ganham as estradas e as manchetes dos jornais.

Muito já se disse do nordeste, e de várias maneiras. A região já foi esquadrihada por sociólogos, economistas, antropólogos, historiadores, geógrafos, botânicos. E, desde uma vasta literatura que mostrou em bons e maus livros todo um imenso painel de pobreza e abandono até os estudos dos técnicos que o identificam como a principal área-problema do país, o nordeste tem sido retratado de todos os ângulos.

Já foi descrito como uma espécie de Saara brasileiro, onde legiões de famintos se arrastam numa interminável procissão de miséria. Ou como um paraíso tropical de praias encantadas, frutas exóticas, folclore riquíssimo, comidas típicas maravilhosas. Ultimamente, muitos o descrevem como uma potência industrial de crescimento fantástico, um novo nordeste de onde todos os problemas teriam sumido de repente.

Tanto se falou sobre o nordeste que voltar ao assunto é um desafio. Por isso, talvez, o trabalho que apresentamos nesta edição especial de REALIDADE seja um dos mais difíceis que já fizemos. Voltamos ao assunto no momento em que, mais uma vez, as preocupações nacionais se dirigem para a região, pois, apesar dos esforços de sucessivos governos, ela permanece na condição de área retardada, ainda não integrada no processo brasileiro de desenvolvimento. Através de iniciativas como o Proterra-Programa de Redistribuição de Terras e Estímulo à Agro-indústria do Norte e Nordeste, foi iniciada uma reforma agrária ainda tímida, mas que de qualquer forma começa a alterar uma estrutura velha e responsável pelos grandes problemas do

---

<sup>37</sup> Um traço estilístico da carta do editor é o estreitamento da relação entre leitor e autor.

nordeste, onde apenas 1,1% dos proprietários detém o controle de 47% das terras. O desenvolvimento industrial observado nos últimos anos, pela Sudene, não foi suficiente para arrancar a região do atraso, precisamente porque prevaleceu essa situação no campo, para o qual se voltam agora as atenções do governo. Afinal, é do campo, das terras áridas do sertão ou das terras férteis da Zona da Mata — todas mal divididas —, que partem as grandes levas de trabalhadores à procura dos empregos que a indústria não pode dar. Há 2,5 milhões de desempregados no nordeste, número superior ao da população de seus dois principais centros industriais, Recife e Salvador.

Números como estes demonstram que ainda resta um longo caminho a ser percorrido até que o nordeste chegue a superar a sua condição de subdesenvolvimento. Houve grandes avanços na última década, quando a região apresentou um crescimento econômico de 6,8% ao ano, superior à média nacional no mesmo período. Além disso, houve uma notável melhoria da infraestrutura regional, que em alguns setores, como transporte, energia elétrica, saúde, apresentou índices bastante significativos. As estradas pavimentadas, por exemplo, passaram de 1400 quilômetros em 1959 para cerca de 10000 em 1971. Tudo isso, porém, não foi suficiente para alterar de maneira sensível as disparidades em relação ao centro sul em desenvolvimento, principalmente no que se refere ao padrão de vida da população. Alguns exemplos:

Em 1960, um ano depois da criação da Sudene, cerca de 86% da população participava em 45% da renda total produzida na região enquanto em 1970, a mesma porcentagem da população, detinha 43%. Ao mesmo tempo, 4% da população que detinha há doze anos 30% da renda passou a se beneficiar com 52%.

A renda per capita atingiu em 1970, 207 dólares, segundo a Sudene. No campo, porém, essa renda cai para 136 dólares, mas ainda aí se verifica uma concentração muito grande: 79% dos habitantes da zona rural se situam na faixa dos 40 a 50 dólares.

No setor de saúde a desproporção é ainda muito grande. Enquanto a média nacional de leitos hospitalares é de 3,6 por 1 000 habitantes a do nordeste é de apenas 1,1. Em saneamento básico a desproporção é muito maior: o nordeste possui apenas 4,3% dos esgotos sanitários do país.

Em 1970, um ano de grande seca que pôs a nu todo um drama secular, o presidente Médici visitou o nordeste, espantou-se com o que viu e disse dramaticamente: “Há providências a tomar imediatamente, no mínimo para remediar tanta coisa que já deveria ter sido feita. E há coisas para fazer depois, para que o nordeste um dia não seja mais assim”.

Ao realizar este trabalho que representou quatro meses de pesquisas de uma grande equipe de repórteres, REALIDADE viu o muito que foi feito e se está fazendo para que o nordeste se incorpore definitivamente ao processo de desenvolvimento nacional. O assunto é apaixonante, mas foi tratado sem paixão, abordado com a objetividade do retrato.

E no retrato que trouxemos podem ser vistos sem distorções tanto os problemas, alguns tão velhos quanto a história da região, como os esforços que estão sendo feitos para solucioná-los. Na procura de dias melhores há todo um trabalho no sentido de aproveitamento mais racional das riquezas da região. Ao mesmo tempo que um repórter percorria quase 9 000 quilômetros para contar a história da seca, outro partia do sertão dos Inhamuns, onde não chove há três anos, para acompanhar a retirada de famílias sertanejas até Altamira, na Amazônia. Dentro e fora da região, foram percorridos 1 73 000 quilômetros, o equivalente a mais de quatro voltas em torno da Terra. No mapa do lado mostramos os roteiros seguidos nessa grande viagem. Em vermelho, os mais longos: Ruy Fernando Barboza e Jean Solari percorreram 9 930 quilômetros para documentar o encontro do velho e do novo nordeste; Edwaldo Pacote documentou o problema da seca e visitou os principais projetos de irrigação com o fotógrafo Oswaldo Maricato; e Domingos Meireles (12000 km), que fez a reportagem sobre o Jaguaribe, o maior rio seco do mundo, e acompanhou à Amazônia (num voo a jato) os retirantes da seca.

Como na Amazônia, o assunto nordeste também foi documentado em outros pontos fora de suas fronteiras. Em São Paulo, no Rio de Janeiro, Mato Grosso e Goiás os repórteres João Magalhães, Júlio César Montenegro, Carlos Moraes e José Carlos Bardawill completaram o retrato com reportagens que mostram como vivem os nordestinos - a maioria emigrantes pobres - fora de sua terra.  
MILTON COELHO (Diretor)

(REALIDADE, 1972, p. 6)

Em relação ao que foi expresso nas cartas anteriormente apresentadas, consideramos que nesta há um desenvolvimento mais amplo, o que pode ser denotado já pela extensão da carta. A revista buscou detalhar o que promoveu a escolha de desenvolver sobre o Nordeste novamente, pois ao mencionar que “REALIDADE reabre” concebemos que esta já foi uma discussão da revista. A temática da região em questão parece ser uma discussão apresentada nos anos anteriores e neste momento foi retomada devido às dificuldades sociais relacionadas ao desenvolvimento industrial do território que se mantiveram. A revista demonstra uma tentativa de suavizar a afirmação de que a população nordestina passava por problemas recorrentes devido a uma omissão do Estado, visto a ressalva “apesar dos esforços de sucessivos governos, ela permanece na condição de área retardada, ainda não integrada no processo brasileiro de desenvolvimento”, que tenta ressaltar que os governos estavam se preocupando, mas era um problema complexo ainda não solucionado. Este recurso relaciona-se ao momento em que a revista precisava ser aprovada pelo governo vigente para ser permitida a circulação da edição e, com isso, não poderiam apresentar nenhuma crítica explícita a qualquer ação governamental.

Como analisamos na carta da edição 52, em que havia a reprodução da fala do então presidente general Médici, na carta 80 também temos um depoimento do general apresentando que o Estado naquele momento buscava auxiliar o povo nordestino: “Há providências a tomar imediatamente, no mínimo para remediar tanta coisa que já deveria ter sido feita. E há coisas para fazer depois, para que o nordeste um dia não seja mais assim”. A reprodução da afirmação de Médici dialoga com o desenvolvimento do enunciado proposto na carta, visto que em seguida menciona-se que o governo “está fazendo” o possível para enquadrar o nordeste em uma região desenvolvida.

A carta desta edição detalha não só o desenvolvimento do trabalho de *Realidade* para a produção do conteúdo, recorrência que identificamos nas edições anteriores, mas notamos que nesta carta houve a apresentação de dados estatísticos e explicações que demonstram um projeto de dizer que visa justificar as afirmações sobre o subdesenvolvimento da região e a necessidade desta discussão. O detalhamento e a extensão para justificar a edição

demonstram uma instabilidade desse gênero nessa atualização em análise, pois apesar de se apresentar, em outras cartas, o conteúdo que será desenvolvido na edição, não encontramos em outras edições este detalhamento.

Outra instabilidade do gênero que identificamos foi em relação ao título – este em análise que não apresenta “carta do editor”, “nota de redação” ou um título que resuma o conteúdo discutido, mas temos “carta ao leitor”, que é um direcionamento aos leitores com a preposição “ao”, diferenciando também da seção “carta do leitor”, que é apresentada na sequência. Uma hipótese desta alternância é de que os títulos alteram a relação leitor-autor de acordo com o que será retratado e com o contexto situado, como nesta edição, em que já temos parte do conteúdo que será desenvolvido na edição apresentado na carta e, ainda, notamos um contexto em que era necessário justificar as escolhas da empresa jornalística para publicar os conteúdos. A escolha pelo título e a alteração da relação autor-leitor pode ser justificada também pela mudança do editor da revista, que nesta edição foi Milton Coelho, o qual assinou esta única carta ao longo dos anos de circulação de *Realidade*.

No texto apresentado a seguir, temos a apresentação da carta<sup>38</sup> com o título “Uma nova realidade”, que já conduz o leitor a uma ideia de mudança devido ao signo “nova”. Nesse contexto, “realidade” estabelece duplo sentido, visto que pode se referir à revista *Realidade* – tratando de uma novidade no periódico - ou ao contexto na sociedade – à realidade da população brasileira. Esse recurso reitera uma escolha já realizada pela revista em outras cartas aqui analisadas, demonstrando um traço estilístico da revista publicar as cartas com títulos que sugerem mais de uma possibilidade de interpretação.

#### **UMA NOVA REALIDADE**

REALIDADE sempre foi uma revista que inovou. Em abril de 1966 seu primeiro número surgiu com uma forma corajosa de abordar alguns assuntos polêmicos—e esgotou-se a revista. Após alguns anos de grande sucesso neste caminho, a revista resolveu partir para a linha dos grandes documentos — Amazônia, Cidades, Nordeste — em que cada edição aprofundava de tal forma o tema central do número que até hoje são exemplares disputados avidamente por estudantes, professores, pesquisadores universitários.

Entre os resultados positivos desses primeiros sete anos de vida estão doze prêmios: nove Prêmios Esso (de Jornalismo em 1966, de Reportagem em 1967 e 1968; de Informação Científica em 1967, 1968 e 1969; e mais três em 1972, de Melhor Equipe, Melhor Trabalho e Melhor Contribuição à Imprensa), o Prêmio SipMergenthaler, concedido a um de seus editores pela Sociedade Interamericana de Imprensa em 1968, e o Prêmio Sudene de Jornalismo de 1972 e 1973.

Mas o Brasil continua mudando. E há cada vez mais pessoas querendo saber mais sobre mais assuntos. Por isso optamos por uma nova fórmula que permitisse à revista não só continuar com os temas que lhe trouxeram fama

---

<sup>38</sup> Importante enfatizar que constatamos que o enunciado trata-se do gênero carta do editor devido à disposição do texto antes do desenvolvimento da edição, sempre entre as páginas 3 e 4.

como incluir outros novos. Assim é com muito orgulho que a Editora Abril lança agora esta nova revista. Uma revista que sempre inovou: REALIDADE.  
Victor Civita

(REALIDADE, 1973, p. 3)

A carta assinada pelo responsável da empresa, Victor Civita, foi desenvolvida com o objetivo de explicar uma alteração realizada no periódico, como um esclarecimento e apresentação para o leitor sobre as mudanças que já ocorreram, como foi mencionado no primeiro parágrafo em que o diretor esclarece a trajetória de Realidade até o momento da publicação. Em relação às cartas da revista, nota-se uma estabilidade em relação a outras assinadas pelo diretor, uma vez que quando é ele o autor responsável – evidência marcada pela assinatura da carta – tem-se a veiculação de uma explicação para o leitor. Esse fator demonstra que o gênero na revista se altera de acordo com a relação estabelecida entre o autor e os leitores, neste caso, Victor Civita e os leitores da revista *Realidade*, assim como ocorre quando temos outros locutores nas cartas. Neste caso, a forma arquitetônica do gênero influencia na forma composicional e na composição temática do enunciado.

Uma característica na carta de 1973 verificada em outras analisadas neste trabalho é a presença da justificativa e exaltação da revista a partir do trabalho realizado pela empresa. Neste momento, essa postura se deu mediante a menção aos prêmios que a revista ganhou até então. A citação sobre os temas polêmicos no início evidencia as fases por que a revista passou, como já discutimos na seção anterior, no entanto, verificamos que a transição da empresa aconteceu não só por uma decisão de apresentar e seguir uma linha de “documentação” sobre o Brasil, mas também devido ao momento sócio-histórico-cultural que exigia uma imprensa que compactuava com o governo vigente e não permitia a exposição de temas que destoassem dos valores concebidos na época.

Na última carta da revista *Realidade*, presente na edição 119, no ano de 1976 (penúltima revista que esteve em circulação), temos o título “Nossa Realidade”, que mais uma vez, retomando o traço estilístico da revista nas cartas das edições, possibilita a dupla interpretação em relação ao uso de “Realidade”, aqui grafado em letra maiúscula, que pode ser concebido como a revista ou a situação da sociedade. A carta foi assinada por Alessandro Porro, que fazia parte da redação da revista e assinou os textos publicados na seção direcionada à carta do editor desde novembro de 1975 até a publicação apresentada a seguir.

#### **Nossa Realidade**

O que acontece com uma mulher que resolve viajar sozinha pelo Brasil? Como é a "cantada" brasileira, do norte ao sul do país? Em suma: faltam apenas 24 anos para que chegue o 2000; o homem conquistou a lua; o câncer está para ser controlado; com a ajuda do satélite, você fala em um minuto com seu tio

que mora no Alasca: mas o que acontece, hoje, com uma mulher que resolve enfrentar — sozinha — seus irmãos brasileiros? Destas perguntas nasceu a reportagem que confiamos à jornalista Tania Quintiliano, editora da revista Nova, uma sensível especialista em comportamento humano. O resultado é surpreendente: Tania guarda dessa viagem um bilhete recebido de um anônimo admirador, enquanto comia — sozinha — em um restaurante do sul. A mensagem dizia: "Se esses olhos de águia, que veem além do horizonte, não me rejeitassem, sentar-me-ia à sua mesa e tocava suas mãos de pianista". Tudo isso ainda acontece quando faltam apenas 24 anos para o 2000, o homem já conquistou a lua etc. etc. Vocês acham engraçado? Eu acho maravilhoso: se ainda há homens que, em 1976, conseguem escrever bilhetinhos como esse, quer dizer que nada está perdido e que a vida é bela, e que o tempo da maldade ainda está longe. . .

Não concordo — desculpem — com os leitores que me escreveram para polemizar comigo, enquanto autor de uma entrevista realizada 15 anos atrás com o general Francisco Franco, em Madri. Na edição de dezembro de 1975, REALIDADE publicou a história desta entrevista, e a maneira extravagante com que ela foi realizada. Agora, alguns leitores me escrevem para condenar o tom claramente antifranquista da matéria, e outros — muito pelo contrário — afirmando que eu sou, claramente, um fã do falecido Caudillo espanhol. É sempre a mesma história: é difícil que gregos e troianos fiquem satisfeitos ao mesmo tempo. Quero somente acrescentar: quem achou que sou a favor da ditadura espanhola está profundamente enganado. Não gosto de ditaduras, nem espanholas, nem russas, nem chinesas, nem cubanas, nem paraguaias. . . E me pergunto o que houve com meus leitores: nenhuma das cartas (pró ou contra) veio assinada. Afinal, eu assinei o que escrevi, e acredito na necessidade de todos assumirem sua responsabilidade. Especialmente quando é para ofender os outros, chamando-os de "fascistas". . .

Nesta edição de REALIDADE, a matéria de capa é dedicada à "Zooteca", uma nova loteria baseada no antigo (e proibido) jogo do bicho. É uma maneira de acabar com uma prática clandestina e criminosa, dizem alguns. E outros afirmam: é vergonhoso que se deva aceitar um crime, legalizando-o para que ele seja controlado. Temos um grande exemplo histórico: a "lei seca", que provocou nos Estados Unidos o grande flagelo da fabricação e da distribuição de bebidas alcoólicas clandestinas. Somente quando a lei foi ab-rogada, o império de Al Capone acabou. Nos Estados Unidos todo mundo bebia, apesar das leis. No Brasil, todo mundo joga, apesar das leis. E se esse dinheiro, ao invés de cair nos bolsos de poucos Al Capones locais, vem administrado por organismos insuspeitos, para o bem da comunidade, então viva a "Zooteca". O problema é saber o que vai ser feito com o dinheiro que sai diretamente dos bolsos dos mais humildes e pobres contribuintes: se ele vai servir para construir escolas, hospitais, centros de lazer comunitários, então, repito, viva a "Zooteca".

ALESSANDRO PORRO

(REALIDADE, 1976, p. 5)

Nesta carta, percebemos que há três momentos: a apresentação da reportagem que discute sobre como as mulheres são tratadas nas diversas regiões do país, o esclarecimento sobre comentários feitos pelos leitores sobre reportagem da edição anterior e, em seguida, a exposição do tema em destaque no periódico naquele número: a zooteca. A carta inicia com uma pergunta retórica que já demonstra a interação do autor com seus leitores, uma especificidade das cartas de Alessandro Porro, visto que estabelece o diálogo direto com seu interlocutor como notamos em "Vocês acham engraçado?" ou "Desculpem".

Após a pergunta que abre a carta – “O que acontece com uma mulher que resolve viajar sozinha pelo Brasil?” - há a retratação da situação vivenciada pela repórter em que um homem abordou-a com um comentário que tinha como objetivo atrair a mulher. Para o diretor, que questiona o leitor com “Você achou engraçado?” devido às escolhas linguísticas atípicas para esta circunstância e que construíram um tom poético no comentário do indivíduo, o comportamento masculino foi surpreendente, tendo em vista o modo de tratamento considerado educado diante das palavras proferidas. Na reportagem, foram abordadas outras situações que demonstraram o desrespeito contra a mulher, por isso, na carta ele destaca essa situação que não era esperada, apesar da crítica feita à postura dos homens da época na matéria desenvolvida – a repórter Tânia Quintiliano foi abordada com comentários considerados “grosseiros” e “desagradáveis” (termos usados na reportagem da edição).

Esta apresentação de um comentário analisando o conteúdo exposto na revista é um meio de se estabelecer um diálogo aproximado com o leitor e constitui o projeto de dizer do editor no gênero. Notamos que há uma mudança em relação ao desenvolvimento da carta em comparação às anteriores, pois Alessandro Poro demonstra um maior contato com seu leitor. Isso se comprova com o comentário feito em seguida ao fazer um apelo aos leitores sobre a reportagem da edição anterior que gerou opiniões adversas e questionaram o posicionamento de Alessandro em relação a governos autoritários, enquanto a preocupação da edição foi retomar uma matéria antiga que fora realizada com o general Franco de “maneira extravagante”.

A partir dessa afirmação, evidenciamos que, ao polemizar com seus leitores, o editor posiciona-se e demonstra não compactuar com as críticas, revelando sua opinião acerca de ditaduras, sem mencionar o contexto brasileiro, mas permitindo que o leitor retome que ele não comungava com as ideologias de oposição vigentes no país, visto que afirma sobre outros governos comunistas e faz uso das reticências como uma representação de que é contra outras ditaduras e compactuava com o que ocorria no Brasil: “Não gosto de ditaduras, nem espanholas, nem russas, nem chinesas, nem cubanas, nem paraguaias. . .”. Ainda ao discutir sobre as cartas enviadas pelos leitores, Alessandro questiona a ausência de assinatura nos textos e mostra que seu posicionamento é sempre esclarecido e ele se responsabiliza pelos seus enunciados. O posicionamento do editor é explícito, há uso recorrente da 1ª pessoa do singular e não há generalizações quando está expondo seu posicionamento e estabelecendo um diálogo como leitor. Essa recorrência se altera quando no final da carta é apresentado o que a edição discutirá, o tom impessoal com o uso da 3ª pessoa do discurso já demonstra a apresentação do conteúdo sem comentários do próprio editor.

## 4.2 Os editoriais na revista *Fórum*

Os editoriais da revista *Fórum*, a qual iniciou na versão impressa e hoje atua apenas no meio virtual sem edições recorrentes, apresentam-se no site de modo infrequente e sem um local específico para consulta. Esse fato já nos conduz à hipótese de que o gênero editorial, que compõe o jornalismo opinativo, visto que evidencia o posicionamento da instituição, assume um outro formato quando transposto para o meio virtual, na contemporaneidade, diante de uma mudança no modo de recepção dos leitores que acessam os conteúdos de modo dinâmico. Essa evidência se pauta na ausência de uma seção para a apresentação dos editoriais, pois constatamos que a revista *Fórum* está em um outro formato, em que não há a concentração dos artigos de apenas uma edição, como é colocado em revistas impressas, mas os textos são publicados de acordo com o que acontece diariamente. Desse modo, não há necessidade de uma publicação recorrente de editoriais no site.

A dinâmica e a demanda do leitor também se modificaram, hoje temos o “Jornalismo 3.0” (ROJO, 2018), no contexto da hipermodernidade, em que a produção e o acesso a informações, opiniões e conteúdos modificou-se. Há diversas fontes e os leitores interagem com os conteúdos de outras formas, expondo seus comentários nos próprios sites e perfis das empresas ou grupos independentes. Nesse contexto, entendemos que para se manter no mercado editorial dinâmico contemporâneo a revista *Fórum* foi transposta para o site com o objetivo de ampliar esta interação com seu público e divulgar conteúdos diários. Identificamos que a organização das matérias se alterou –antes ocorria com uma seleção dos conteúdos de um determinado número e a revista impressa fornecia o todo de sentido -, pois os textos são publicados de acordo com os acontecimentos diários e temas divididos em seções no site, como apresentamos no capítulo anterior.

Neste momento, analisamos oito editoriais da revista, sendo, primeiramente, cinco retirados de edições da versão impressa e reproduzidos no site, e, em seguida, três publicados diretamente no meio digital em situações específicas. Com isso, será possível constatar as estabilidades do gênero em questão, além dos aspectos estilísticos e composicionais que o definem. A seguir, expomos o editorial da edição 102, da revista impressa, que foi reproduzido no site da instituição.

**Editorial – Há dez anos do mesmo lado**  
Por Revista *Fórum*

O atento leitor já deve ter percebido na capa que esta é a edição comemorativa dos 10 anos da **Fórum**. Por isso, está um pouco diferente. Em primeiro lugar, mais robusta. Ao invés de 52 páginas, tem 64. Além disso, menos inédita e mais histórica. Traz uma seleção das dez entrevistas que consideramos as mais importantes desta década, com uma contextualização daqueles que as realizaram.

Cada uma das entrevistas remete a um momento histórico.

A começar pela primeira, de Mano Brown, que de algum jeito tem potencial tanto para nos fazer pensar sobre o que era o Brasil de 2001 como qual era a expectativa que tínhamos do País. Por outro lado, é simbólica do ponto de vista da importância que a periferia tinha há dez anos e da importância que tem hoje. Tanto por conta da visibilidade alcançada por projetos de cultura, como pela ascendência social de 35 milhões de brasileiros.

Depois, há três que de alguma forma abordam o contexto do governo Lula, incluindo sua principal crise, a do mensalão. As de José Dirceu e de Ciro Gomes tratam fundamentalmente disso, mas a da filósofa Marilena Chauí também pode ser incluída neste rol, porque suas reflexões se concentram em uma avaliação sobre o que foi o primeiro mandato do ex-presidente.

As entrevistas realizadas com Yasser Arafat e Raul Reyes (líder morto das Farc) são importantes não só pela relevância dos personagens, mas pelo contexto que aconteceram. Em ambos os casos nossos repórteres estiveram com esses líderes pouco antes de suas mortes. E **Fórum** foi o último veículo brasileiro a publicar entrevistas com eles.

Afora essas, completam a edição mais quatro entrevistas. As de Saramago, Boaventura de Sousa Santos, Eduardo Galeano e Sebastião Salgado. Quatro intelectuais comprometidos com o seu tempo. Sendo que os três primeiros tiveram alguma vinculação com o Fórum Social Mundial, que de alguma forma é o pai e a mãe desta publicação.

Por isso, nesta edição, renovamos o nosso compromisso da edição número 1. Naquele número, a frase que fechava o editorial era:

“Há lados. Enquanto houver. Um. O valor das coisas. Não às coisas do valor. Gente.”

Permanecemos do mesmo lado.

(FÓRUM, online, 9 fev. 2012, grifos do autor)

Neste editorial, verifica-se que há a explanação sobre a comemoração de 10 anos da *Fórum* em uma edição comemorativa que retoma reportagens relevantes e que relembra as ideologias defendidas pelo grupo jornalístico. Evidencia-se a voz da instituição discorrendo sobre o que será apresentado no número de modo a resumir as seções, mas, ao mesmo tempo, enfatizando os valores comungados pela revista, fator que concretiza a análise estabelecida por Marques de Melo (1985) de que o editorial é um gênero que visa a apresentar de modo objetivo o conteúdo que será trabalhado e as ideologias defendidas pelo órgão jornalístico.

A *Fórum*, em seus objetivos, responsabiliza-se por tratar de questões políticas voltadas para a pluralidade social, como é apresentado no site da instituição. A partir deste editorial é possível compreender os valores ideológicos da instituição na frase que encerra o primeiro texto do gênero publicado pela revista “Há lados. Enquanto houver. Um. O valor das coisas. Não às coisas do valor. Gente.”. Aqui é evidente que o objetivo do grupo é contemplar o valor dos indivíduos, o que vai ao encontro do enfoque em recortes temáticos que envolvem

a pluralidade social ao mencionar que entre os “lados” existentes a revista privilegia “o valor das coisas” e a “gente” em sociedade. Chama-nos atenção a oposição de “enquanto houver”, que elenca o discurso de que ainda há liberdade para escolha de posicionamentos.

Este aspecto já nos revela as ideologias defendidas pela instituição, assim como a escolha pelas reportagens contempladas na edição, com autores especialistas e de grande renome no contexto cultural, social e político no Brasil e no mundo que promovem discussões sociais - como a menção às entrevistas de Saramago, Boaventura de Sousa Santos, Eduardo Galeano e Sebastião Salgado. Essa escolha denota a busca por garantir um discurso de autoridade que vai desenvolver um conteúdo relevante, fundamentado em pesquisas e verídico por meio do grupo de intelectuais indicados, os quais comungam com a ideologia de esquerda defendida pela empresa, visto que retratam em suas obras posicionamentos contra relações de poder e injustiça que a oposição instaura na sociedade.

Visto que se trata de uma edição comemorativa que retoma outras edições, o projeto de dizer de *Fórum* constata para o leitor que a revista mantém os valores elencados na primeira edição, os quais ressoam, ainda, após 10 anos, cumprindo com a linha editorial proposta.

No próximo texto, temos a reprodução do editorial que foi publicado na revista impressa de número 84 “Editorial – A necessidade de reinventar”, em que a redação da revista traz a discussão sobre a temática desenvolvida na edição sobre as mudanças ocorridas pela esquerda no país e comemoração de 10 anos do Fórum Mundial Social, o qual contribuiu para a discussão sobre a esquerda que foi proposta.

#### **Editorial – A necessidade de reinventar**

Por Redação

Na entrevista principal desta edição, Zé Celso Martinez Côrrea, um dos maiores nomes do teatro nacional, fala sobre arte, cultura, mas também faz observações importantes a respeito de política, principalmente no que diz respeito à esquerda. Para ele, há uma necessidade de reinvenção contínua, para que o discurso e a prática não fiquem apenas centrados na resistência, no endurecimento, mas também consigam propor alternativas que de fato possam ser diferenciadas, trazendo algo de novo e consistente ao debate.

E às vésperas de um emblemático Fórum Social Mundial que completa dez anos de seu processo, temos o que comemorar no sentido “criativo”. Os governos do campo progressista na América Latina estão seguindo um pouco da receita “antropofágica” de Oswald de Andrade: devorando conhecimento, tendências e ideologias para adaptá-las à realidade local. Com isso, avanços sociais significativos foram conquistados e o cenário hoje é bem distinto daquele que se apresentava na primeira edição do FSM, em 2000.

Mas é necessário continuar reinventando. Isso ficou claro, por exemplo, com a premência da discussão sobre meio ambiente, que ainda não foi incorporada

de forma plena pela esquerda, permitindo que haja um debate aparentemente técnico, mas que é na prática carregado de interesses econômicos que não os mesmos da sociedade.

O Fórum de 2010 será sem dúvida um espaço para se discutir essa reinvenção. E as eleições no ano que vem também serão outro momento importante em que as forças progressistas terão que discutir não só a consolidação de conquistas mas também os novos desafios que já se impõem, como a já citada questão ambiental e os que ainda não foram vencidos como o combate à homofobia e à discriminação, a efetivação da igualdade de gênero, a luta pela justiça social, entre tantos outros. Que a antropofagia de Oswald inspire a todos. (FÓRUM, online, 08 fev. 2012)

No editorial da edição 84, identificamos a apresentação do tema da edição e o posicionamento da revista, demonstrando a forma composicional do gênero, que possui essas estabilidades ao trazer um resumo da edição do periódico. Além disso, o tom impessoal pelo uso predominante da 3ª pessoa do discurso – apesar da presença de “temos” em um momento no texto - e a exposição de fatos, seguida de argumentos, revelam a arquitetônica do gênero visto a relação mais objetiva entre autor e leitor, este sendo os assinantes da revista impressa e aquele, a redação da revista.

Em relação aos valores ideológicos que são concebidos pela revista, identificamos neste editorial a defesa explícita à vertente de esquerda, que em outras edições também foi explicitada. Os valores relacionados ao social e que dialogam com o Fórum que originou a revista também são reiterados nesta edição e confirmados com a referência literária de Oswald de Andrade, quando temos que os governos “progressistas” estão buscando seguir Oswald “devorando conhecimento, tendências e ideologias para adaptá-las à realidade local”. Além disso, assume a necessidade de mudanças associadas ao valor ideológico concebido, e argumenta: “Isso ficou claro, por exemplo, com a premência da discussão sobre meio ambiente, que ainda não foi incorporada de forma plena pela esquerda”. O título resume de modo explícito essa discussão do editorial que está pautada no signo “reinventar”, já introduz a ideia central do texto, a de necessidade de renovação das propostas concebidas pelo Fórum Mundial Social ao longo dos anos de existência deste e, principalmente, neste ano de comemoração dos 10 anos do evento.

No editorial a seguir, temos como reflexão a concepção de cultura e identidade e como a sociedade brasileira ainda tem preconceito por aquilo que se relaciona com o popular. O texto foi divulgado na versão impressa da revista e reproduzido no site, e verificamos uma mudança quanto à referência de autoria, que aqui aparece como “Revista Fórum” enquanto nos demais editoriais temos “Redação”.

**Editorial: A cultura, as identidades e o preconceito**  
Por Revista Fórum

Talvez o leitor de Fórum tenha estranhado a capa da edição deste mês. Afinal, Gabi Amarantos que é um dos ícones do que se convencionou chamar “tecnobrega”, um ritmo que faz enorme sucesso na região Norte do país, em especial no Pará, mas é quase nada conhecido no Sul do país. Até porque cultura popular em geral merece pouco crédito ou reconhecimento de parte da mídia comercial. Em parte, porque um pedaço significativo de suas pautas tem relação direta com o jabá ou com interesses nem sempre muito claros de conglomerados midiáticos que fazem de conta que jornalismo cultural e entretenimento são a mesma coisa.

Assim, com um tratamento superficial, perdem-se chances preciosas de se entender a vastidão do Brasil. Goste-se ou não de um ritmo ou de um tipo de música, é preciso ver e analisar aquilo que ele representa. O tecnobrega, por exemplo, não só é uma evidência daquilo que Mário de Andrade cunhou como antropofagia, ou seja, a capacidade do brasileiro assimilar e reinventar o que vem de fora, como também diz respeito às múltiplas identidades do povo amazônico. É esse o canal que muitos músicos e letristas quase anônimos têm para fazer sua voz chegar ao resto do país, ainda que tantos se façam de surdos e se recusem a ouvir.

Aliás, falando em olhos e ouvidos fechados, o imbróglio das Malvinas está sendo tratado como algo menor pela mídia comercial brazuca. O preconceito com tudo que diga respeito à afirmação dos países latino-americanos em relação às grandes economias do Norte é algo doentio. Em nome dessa subserviência, esconde-se a realidade. No caso das Malvinas, como o leitor poderá perceber na boa reportagem de Antonio Martins, a razão está completamente ao lado dos hermanos. E por isso, parte da mídia britânica se coloca à favor da demanda do governo de Cristina Kirchner. Mas por aqui, o que vale é o preconceito. E em nome dele, a razão nunca estará ao lado de um governo mais nacionalista e de centro-esquerda.

(FÓRUM, online, 9 fev. 2012)

Neste editorial, temos um enunciado que apresenta estabilidades, como o título referindo-se ao conteúdo discutido na edição, à capa e ao conteúdo em destaque, além de apresentar a autoria da redação da revista. Para expor o tema da edição, a revista já menciona a referência da capa com uma interlocução entre *Fórum* e o leitor para demonstrar que este talvez tenha se surpreendido com a escolha de trazer uma cantora de “tecnobrega” na capa como tema central deste número. Essa informação, além de evidenciar o estabelecimento de um diálogo com o leitor, demonstra a tentativa de romper com um preconceito que existe na mídia em colocar em evidência a cultura considerada “popular”, demonstrando o caráter crítico que será discutido na edição em relação ao que a mídia comercial seleciona para vender e divulgar na sociedade.

Com ênfase nesta discussão, a revista demonstra uma crítica ao tom de entretenimento que outras empresas jornalistas dão aos conteúdos culturais de modo a torná-los superficiais ao mencionar “com interesses nem sempre muito claros de conglomerados midiáticos que fazem de conta que jornalismo cultural e entretenimento são a mesma coisa”. É possível identificar como uma estabilidade do gênero editorial a defesa e a justificativa que a revista apresenta para o tema ser relevante de discussão quando menciona que “Goste-se ou não

de um ritmo ou de um tipo de música, é preciso ver e analisar aquilo que ele representa”, demonstrando a necessidade de discussão do tema para valorizar a cultura do país e não restringir e valorizar apenas determinadas manifestações culturais, fator que também reforça o posicionamento da revista em relação à valorização da cultura popular e à crítica ao conteúdo que a cultura de massa dissemina.

Outros aspectos estilísticos, como o uso da 3ª pessoa para se referir à revista “o leitor de Fórum”, foram identificados e demonstra-se o uso de uma linguagem objetiva para a apresentação da discussão, não há um detalhamento, pois, o objetivo é se referir às temáticas principais que a edição apresentará. Ainda em relação à discussão de cultura e identidade, é utilizada outra referência literária - inclusive do período modernista, como identificamos no último editorial analisado – para se referir ao modo como os artistas devem atuar no Brasil para que sua arte seja valorizada e acessada pela população: “daquilo que Mário de Andrade cunhou como antropofagia, ou seja, a capacidade do brasileiro assimilar e reinventar o que vem de fora”.

Relacionando os aspectos de cultura, identidade e preconceito que foram mencionados no título, o editorial ainda apresenta uma outra circunstância em que o preconceito a outra posição política impede o esclarecimento da população, coma menção dos problemas políticos em Maldivas que não eram discutidos no Brasil devido à posição centro-esquerda. Uma recorrência do editorial que se pode notar neste momento é a afirmação de que o conteúdo foi bem abordado ao mencionar “boa reportagem”, garantindo que o leitor terá acesso a um bom conteúdo. Assim, a revista, nesse gênero, apresenta um autoelogio, ou seja, uma propaganda de si.

No editorial a seguir, o qual também foi divulgado na edição impressa – número 115 – e depois transposto para a versão digital, deparamo-nos com a menção de que o texto foi escrito pela “Redação”, evidenciando que não há uma estabilidade nessa indicação de autoria - como hipótese, entendemos que a revista não considera diferença entre mencionar “Revista Fórum” ou “Redação”. A seguir, o editorial 115:

#### **Editorial – A onda conservadora e a reforma política**

Por Redação

De tempos em tempos, políticos conservadores tentam adaptar e “modernizar” seus discursos e práticas, tentando conquistar e angariar novos apoiadores para seus projetos de poder. Mas, no fundo, somente reciclam o figurino que já foi vestido por outros em um passado às vezes nem tão remoto.

Nesse aspecto, personagens como Jânio Quadros parecem ser os faróis de políticos que se pretendem inovadores. É possível ver a reprodução de suas atitudes de cunho proibicionista e moralista em diversas administrações municipais Brasil afora, assim como em projetos de parlamentares que buscam

votos assegurando a defesa da “moral”. E o espectro do ex-presidente também ronda em outras paragens, inspirando um certo autoritarismo travestido de autossuficiência de políticos que pretendem se bastar, sem contar com apoios partidários sólidos e prescindindo de articulações com a sociedade civil.

A existência de figuras assim não chega a ser novidade e é comum em ambientes democráticos. O problema é quando existe um ideário que se baseia quase exclusivamente em proibições, em vez de tratar de regulações e de educação. E muitos acham que isso resolve uma série de questões, quando, na verdade, interdita os debates necessários sobre temas como o acesso das pessoas ao espaço público e o fracasso da política antidrogas. Os veículos de comunicação, em um cenário de concentração midiática, também não colaboram com as discussões que precisam ser feitas, ajudando a manter inalterado o *status quo* que favorece os de sempre.

Uma das razões pelas quais a sociedade aceita de forma quase passiva proibições e leis restritivas que atingem outros direitos reside no atual sistema político. Outros países precisaram enfrentar crises econômicas para reconhecerem a quase falência de suas estruturas representativas, nas quais os cidadãos não se veem contemplados. Aqui, os sinais são mais sutis, mas aparecem por todos os lados.

A agenda da reforma política é urgente e, sem ela, muito do esforço empreendido para dar solidez às instituições no período pós-redemocratização pode ter sido em vão. A onda proibitiva que periga virar moda na classe política só torna mais evidente essa realidade.

(FÓRUM, online, 9 jan. 2013)

Neste editorial, evidenciamos que há uma reflexão sobre o contexto político brasileiro, mas não há uma menção direta ao conteúdo abordado ou a uma reportagem específica como notamos em outros editoriais do grupo. Há uma recorrência de tema quando notamos que a revista mais uma vez menciona sobre o papel das mídias no contexto político, discurso que revela a tentativa de convencer o leitor sobre a concepção de que Fórum trata os temas de modo plural e reflexivo, sem tratar de modo superficial um conteúdo, como vimos em “Os veículos de comunicação, em um cenário de concentração midiática, também não colaboram com as discussões que precisam ser feitas, ajudando a manter inalterado o *status quo* que favorece os de sempre”. O trecho citado demonstra que os veículos de comunicação, além de não esclarecerem, impedem a efetiva reforma política que a revista propõe.

Para sustentar a opinião apresentada em relação à instauração de governos que pautam suas ações em proibições e apenas revestem-se de novos argumentos, há a referência a Jânio Quadros para justificar que se trata de um processo histórico que precisa ser rompido e que o ex-presidente atua de tal modo em outro momento histórico. Ao discutir sobre as decisões políticas no país, a revista menciona o moralismo associado a proibições de políticas sociais e, com isso, evidencia seu posicionamento discordando do que é proposto nas diversas localidades do país “É possível ver a reprodução de suas atitudes de cunho proibicionista e moralista em diversas administrações municipais Brasil afora, assim como em projetos de parlamentares que buscam votos assegurando a defesa da “moral””.

No texto a seguir, também notamos a recorrência dessa discussão de um tema sem mencionar explicitamente textos que foram discutidos e publicados na semana. Além disso, dialoga com o que foi proposto na edição 115 com a defesa de uma reforma política “A onda proibitiva que periga virar moda na classe política só torna mais evidente essa realidade”. A seguir, o editorial publicado no site da revista Fórum – o número da revista também circulou de forma impressa:

#### **Editorial: às ruas contra o partido da mídia**

O pronunciamento da presidenta Dilma Rousseff, ontem, apontou para muitas direções. Mas foi uma das raras vezes em que alguns temas essenciais para o país foram abordados em discursos oficiais da atual mandatária, como a reforma política e a necessidade de diálogo com os movimentos sociais. Estes que, até agora, tiveram um tratamento mais do que distante por parte do governo.

Pode ser o início de um ponto de virada no mandato da presidenta, mas tudo vai depender das ações concretas que serão tomadas daqui para a frente. Contudo, é impossível não notar uma lacuna no discurso de ontem. A democratização da comunicação, questão negligenciada em boa parte dos oito anos de Lula e que estagnou – ou regrediu – ainda mais na gestão Dilma. Para quem sentiu a ausência do assunto nas palavras da presidenta, a entrevista do ministro das Comunicações Paulo Bernardo à revista *Veja* foi mais do que um balde de água fria. É a certeza de que, se não houver uma mudança radical nessa área, a tendência é que o que já é ruim possa piorar.

No abre <sup>39</sup>da entrevista, Bernardo é apresentado como um “daqueles raros e bons petistas que abandonaram o radicalismo no discurso e na prática”. Na entrevista, talvez o principal trecho esteja no final, quando o repórter pergunta sobre por que razão “o seu partido insiste na defesa de medidas para controlar a mídia”. O ministro responde dizendo que “algumas pessoas acham que nós podemos fazer, por exemplo, regulação da mídia impressa”. Depois, segue: “Quando se fala nisso, é a militância que extrapola, e eu posso dizer que está errada, que está falando besteira. Se ela não gosta da capa da revista, da manchete de jornal, quer que eu faça regulação. Isso não existe. Não vai ter regulação para isso”.

Curiosamente, Bernardo cita o que a militância do seu partido “entende errado”, mas não faz questão nenhuma de falar sobre o que o seu partido e seus militantes “entendem certo”. São pontos como o monopólio dos meios de comunicação, a propriedade cruzada, o papel das teles, a luta pela diversidade informativa... Nada disso tem qualquer relação com “censura” da mídia impressa. Reduzir as demandas do PT, ou melhor, de boa parte da esquerda a isso é contribuir para a desinformação. Ou má-fé.

Além disso, Bernardo faz questão de mostrar intimidade com a presidenta e, apesar de admitir ser cobrado por ela, cita um episódio trivial para ilustrar sua proximidade. Conta que Dilma o alertou para comprar um “presente bom” para o aniversário de sua esposa, a ministra da Casa Civil Gleisi Hoffmann. E diz ter comprado um colar de pérolas.

Não é à toa que uma entrevista como essa tenha saído agora. A mídia tradicional não diz, mas a narrativa que ela conta sobre os protestos não a inclui como personagem. Foi ela, mídia tradicional, em várias manifestações pelo Brasil, hostilizada por grande parte das pessoas que foram às ruas. Em São Paulo, *Veja* foi xingada, a Globo também. Tanto que os repórteres da emissora saem para a cobertura sem seus cubos ou prismas nos microfones, ou então

---

<sup>39</sup> No site da revista esta dessa forma, mas supomos ser um desvio de digitação e que na verdade o correto é “Na abertura da entrevista”.

veem à distância os fatos por helicópteros. Os veículos tradicionais fingem que não, mas são alvo. E, quem diria, Paulo Bernardo faz as vezes de protetor. É preciso que se inclua, de forma urgente, a democratização da comunicação na pauta dos protestos, nas ruas e em todas as redes. Que se discuta, de forma saudável, como garantir a pluralidade de meios e de canais no Brasil. Sem pressão social, é certo que nada sairá dos gabinetes de Brasília nesse sentido. Caso o cenário não se modifique, nossa democracia continuará sem pernas. E sem voz(es).  
(FÓRUM, online, 22 jun. 2013)

O editorial foi publicado em um momento de tensão política e social no Brasil, marcado pelas manifestações de junho de 2013, que inicialmente reivindicaram o aumento da tarifa do transporte público nas diversas regiões do país e, posteriormente, estendeu-se para a reivindicação de reformas políticas e sociais por parte do Estado. Os manifestantes direcionavam suas críticas também aos meios de comunicação<sup>40</sup>, como foi reiterado no editorial: “A mídia tradicional não diz, mas a narrativa que ela conta sobre os protestos não a inclui como personagem. Foi ela, mídia tradicional, em várias manifestações pelo Brasil, hostilizada por grande parte das pessoas que foram às ruas”.

O editorial demonstra o posicionamento da revista em relação às ocorrências ligadas ao jornalismo e aos meios de comunicação neste momento e, especificamente, o posicionamento do ministro das Comunicações diante do pronunciamento da presidenta Dilma Rousseff. A revista menciona que o ministro demonstrou a defesa dos meios de comunicação tradicionais, pois estes estavam sendo atacados durante as manifestações. A defesa de *Fórum* acerca da liberdade de imprensa encerra o texto com uma metáfora de que a democracia estará atada caso não haja de fato a garantia da liberdade de cada meio de comunicação expor seu posicionamento. Esta discussão no editorial demonstra um tom opinativo sobre uma situação ocorrida na sociedade, mas não ao conteúdo da edição publicada neste mês, o que demonstra uma estabilidade em relação ao editorial analisado anteriormente quando não ocorreu também a citação das reportagens desenvolvidas, mas foi explicitado um posicionamento da revista sobre um tema.

No editorial a seguir, apresentado em março de 2016, momento em que ocorriam movimentos pró-impeachment da presidenta Dilma Rousseff, a *Fórum* expressa seu posicionamento diante da situação posta e expressa sua indignação aos discursos de ódio

---

<sup>40</sup> “A grande mídia teve um papel bastante ambíguo nas manifestações de 2013. Habituada a, historicamente, criminalizar os movimentos sociais, o que vinha ocorrendo desde a ditadura até recentemente, de acordo com algumas pesquisas das ciências sociais, ela dispensou um tratamento inicial adverso às recentes manifestações e aos manifestantes, após um deslumbre em relação às vozes da rua e, finalmente, uma atitude que revela não saber claramente como agir em relação à criminalização ou não dos manifestantes, como no caso do Black Bloc. Por parte de manifestantes, quase de uma forma generalizada, houve reações explícitas aos comprometimentos políticos tradicionais da grande mídia” (SCHERRER-WARREN, 2014, p. 420)

promovidos neste momento, reiterando assim seus valores e ideologias propostos. Este texto já foi publicado em um momento em que a revista havia migrado completamente para o site e deixado de publicar periódicos mensais para divulgar conteúdos diários no endereço digital.

**Editorial – Às ruas, pela democracia**

**Estaremos sempre do lado que rejeita o ódio. Do lado que vai lutar em todas as ruas e em todas as redes contra o fascismo, o golpismo e todas as formas de opressão. Porque a gente não tem medo de ter lado**

*Por revista Fórum*

No primeiro editorial da revista **Fórum** escrevemos: “há lados. Enquanto houver. Um”.

A **Fórum** não vai fazer de conta num momento tão decisivo da história nacional.

Nosso lado é o da luta democrática, dos movimentos, dos mais pobres, dos direitos humanos, das garantias individuais, das lutas de gênero, dos LGBTs, de todas as etnias, de todas as cores.

Estaremos sempre do lado que rejeita o ódio.

Do lado que vai lutar em todas as ruas e em todas as redes contra o fascismo, o golpismo e todas as formas de opressão.

Porque a gente não tem medo de ter lado.

Nossa concepção de mundo e de jornalismo é definida pelo lado que escolhemos.

**Fórum** está hoje em luta pela democracia. E se junta aos milhares de brasileiros que estarão nas ruas.

Porque a nossa incompleta democracia brasileira está sob ataque e em risco.

Como nunca esteve nos últimos 30 anos.

Não são personalidades, um projeto político ou um governo que podem sucumbir.

Somos nós e algumas gerações de brasileiros que estão sob ameaça de voltar à noite escura que este país parecia ter deixado para trás.

As cenas violentas praticadas e filmadas nesses dias na Avenida Paulista são uma pálida amostra do que virá.

Porque eles são muito piores que isso.

Mostrar nossa força hoje é essencial. É fundamental.

É dia de ocupar todas as ruas, todas as redes, todos os espaços possíveis em defesa dos nossos direitos.

É o momento de mostrar que somos muitos.

E que eles não passarão.

Não vai ter golpe.

(FÓRUM, online, 18 mar. 2016, grifos do autor)

O editorial, apesar de retratar um posicionamento e aqui evidenciar uma especificidade deste gênero discursivo de apresentar o que estava em pauta naquele momento, aproxima-se e dialoga com um manifesto, visto que há um convite no título de que a sociedade vá às ruas para participar das mobilizações e há uma argumentação apelativa que sensibiliza o leitor, manifestando a revolta da revista diante da realidade posta na sociedade brasileira, como evidenciado em “Mostrar nossa força hoje é essencial. É fundamental. É dia de ocupar todas as ruas, todas as redes, todos os espaços possíveis em defesa dos nossos direitos.”. O enunciado apresentado traz períodos curtos e apelativos, visto que objetiva ressaltar que a realidade naquele momento era inaceitável e poderia promover graves problemas futuros.

Ainda, *Fórum* retoma e dialoga com outros enunciados já articulados pela revista ao reiterar o período, “no primeiro editorial da revista **Fórum** escrevemos: “há lados. Enquanto houver. Um.”, o qual foi analisado no editorial apresentado anteriormente, mas agora com outro sentido, visto a irrepetibilidade e vivacidade dos enunciados, de como estes estabelecem relação com o contexto de acordo com os valores sociais vigentes. Desse modo, aqui o enunciado foi reiterado para introduzir que a *Fórum* tem lado, possui um posicionamento e vai manter seus princípios diante do momento de luta pela democracia do país. É denotado que há o pressuposto de que há instituições jornalísticas que não se posicionam, ao mencionar que “Porque a gente não tem medo de ter lado. Nossa concepção de mundo e de jornalismo é definida pelo lado que escolhemos.”.

No editorial apresentado tem-se a convocação para que os leitores participem dos movimentos que estão visando à luta pela democracia, fator que, apesar de se distanciar da estabilidade do gênero editorial de apresentar o que será discutido nos textos publicados na semana, apresenta a visão da revista diante da situação. Já no editorial publicado em março de 2020 verifica-se que *Fórum* estabelece um alerta à sociedade diante da convocação de manifestações em um contexto de disseminação do coronavírus.

#### **Editorial da Fórum: Não vá a nenhum dos atos, da esquerda ou da extrema-direita**

Por Redação

Diante do gravíssimo quadro de saúde pública, com a declaração da Organização Mundial de Saúde (OMS) da pandemia de coronavírus, a **Fórum** faz um apelo para que todas os movimentos responsáveis pelos atos convocados neste mês de março sejam imediatamente desmobilizados.

Torna-se irresponsável e anticientífico a manutenção de eventos que aglomerem centenas ou milhares de pessoas, enquanto no mundo regiões e países inteiros são mantidos isolados para evitar um desastre ainda maior decorrente da rápida propagação do SARS-CoV-2, o novo Coronavírus, responsável pela doença Covid-19.

A ameaça de uma propagação descontrolada do coronavírus na sociedade brasileira é real, ainda mais diante de um presidente que trata um assunto tão sério da mesma maneira como se habituou a destratar uma grande parcela da população, com piadas e fake news.

A **Fórum** acredita que a principal responsabilidade sobre a saúde pública é do governo. Mas, em relação aos atos, neste momento é preciso que haja uma conscientização e envolvimento também dos movimentos sociais, da sociedade civil e de cada um dos brasileiros, para que pessoas importantes para nós – ou até nós mesmos – não entrem nas tristes estatísticas mundiais do coronavírus.

Diante disso, a **Fórum** pede a cada um de seus leitores: Não vá a nenhum dos atos convocados para os dias 14, 15 ou 18 de março, da esquerda ou da extrema-direita.

(FÓRUM, online, 12 mar. 2020, grifos do autor)

O editorial remete ao contexto contemporâneo de pandemia em um momento em que ainda não havia ocorrido o grande contágio da população no Brasil, alertando à sociedade sobre a necessidade de não promover manifestações políticas neste momento tendo em vista o grave risco de contaminação. A revista, por meio do editorial, visa a cumprir com seu papel ético de alertar e assim reitera que mesmo a favor dos movimentos sociais, como declara, demonstra que este não é o momento e ainda contempla que esses, seja de posicionamentos que inclusive o grupo não comunga, não devem ocorrer. Verifica-se também que por meio do editorial a instituição reitera a irresponsabilidade do representante político do Brasil que não atua de modo constitucional e estabelece os meios de informação podem auxiliar a população por meio do esclarecimento do contexto.

A forma composicional do editorial, que contempla a apresentação de conteúdos da edição e posicionamento do periódico, além de ter uma interpelação indireta com o leitor neste caso específico não foi contemplada, visto que há traços de gêneros que suscitam um apelo, como uma manifestação de um pedido – “a **Fórum** faz um apelo”-, que identificamos também no último período em “Diante disso, a **Fórum** pede a cada um de seus leitores: Não vá a nenhum dos atos convocados para os dias 14, 15 ou 18 de março, da esquerda ou da extrema-direita.”. Notamos que essa alternância no gênero é desencadeada pelo seu modo de circulação, que agora se dá no meio digital e trata-se do espaço de posicionamento da revista diante de temas relevantes como o contexto da pandemia, o que demonstra que as alterações no meio de divulgação interferem no modo como o gênero se compõe, na interação entre a redação da revista e os leitores - agora internautas - e no estilo dos enunciados.

Essa alteração na forma composicional, arquitetônica e estilística do gênero também foi constatada no enunciado a seguir, publicado em junho de 2020, em que a *Fórum* traz um esclarecimento ao público sobre a acusação de disseminação de fake News no site da empresa:

**Editorial: Em defesa da história da Fórum e do jornalismo de qualidade**  
Por Redação

O texto a seguir foi encaminhado nesta quarta-feira (3) à deputada federal Lídice da Mata, relatora da CPMI das Fake News, e a parlamentares que compõem a comissão, em decorrência de um erro num relatório que está em processo de análise e revisão.

São Paulo, 3 de junho de 2020

Carta à deputada Lídice da Mata (PSB-BA), relatora da CPMI das Fake News  
Nesta quarta-feira (3) a Revista Fórum foi surpreendida ao ser citada em uma reportagem do Globo como “divulgadora de notícias falsas”, o que não condiz com 19 anos de história da publicação, cuja seriedade e compromisso social são reconhecidos no Brasil e também na América Latina por entidades de comunicação, professores universitários e jornalistas de diferentes meios.

A reportagem utiliza como base um relatório produzido a pedido da CPMI das Fake News, elaborado pelos consultores legislativos Cristiano Aguiar Lopes e Daniel Chamorro Petersen, que solicitaram à Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (Secom), pela Lei de Acesso à Informação (LAI), quais sites teriam veiculado publicidade do governo federal por meio de mídias programáticas via Google.

Tal foi a surpresa é que este relatório faz referência a um anexo com 843 canais considerados inadequados que teriam veiculado publicidade governamental, entre eles sites de notícias falsas.

Causa espanto a inclusão da Fórum nesta lista. No relatório, não há qualquer menção ao critério que levou a essa inclusão.

A Fórum vem denunciando há tempos a tentativa de silenciamento de sites com uma visão de mundo à esquerda por agências de checagens, que comparam veículos que têm décadas de atuação com blogs apócrifos recém-lançados e que, estes, sim, disseminam desinformação, ódio e teorias anticientíficas e negacionistas. No caso deste relatório é ainda mais grave, coloca a Fórum ao lado de sites de jogos de azar e de pornografia.

Em junho de 2018 a Fórum já sofreu danos à sua imagem por conta de uma polêmica classificação sobre o rosário enviado a Lula pelo Papa Francisco. As agências Lupa e Aos Fatos foram “checar” a informação e rapidamente lhe pregaram o selo de “FALSA”, baseando-se numa primeira nota do site VaticanNews, que depois, entretanto, seria retificada duas vezes por ordem direta do Papa Francisco.

As duas agências atualizaram a informação, mas Aos Fatos e, num primeiro momento, também a Lupa mantiveram o selo. No dia 13, depois que o assessor do Papa, Juan Grabois publicou uma carta no Facebook dando a sua versão do ocorrido, a Lupa mudou o selo para “DE OLHO” e acrescentou um texto explicativo com uma placa de “ATENÇÃO”. A Fórum sofreu punição no Facebook por conta da classificação. A partir daí se iniciou um processo de perseguição dessas agências de checagem ao conteúdo da Fórum. Porque quem havia errado no caso e quem deveria ter corrigido seu conteúdo eram eles e não a Revista Fórum.

Os métodos utilizados pelas agências vêm sendo contestados por diversos pesquisadores da área de comunicação. Quem checa os checadores? Quem escolhe o que será checado? Afinal a própria escolha da checagem já denota uma parcialidade. Quem os financia?

O jornalista Hugo Souza, por exemplo, contestou, em 23 de maio, a agência Aos Fatos, sobre uma checagem das “propostas” de Michel Temer no segundo aniversário do seu governo – ou seria do golpe? Para a agência, não, pois já havia cravado o selo de “exagerado” nessa definição do “impeachment”. Sendo assim quem vai definir se em 2016 foi golpe ou impeachment? As agências de checagem?

Fórum foi apurar por que o veículo estaria classificado como “notícias falsas” pelo citado relatório. As únicas referências “falsas” à Fórum que teriam sido utilizadas no relatório dizem respeito à polêmica do terço do Papa; uma sobre referências nazistas entre apoiadores de Bolsonaro; gritos de Fora Bolsonaro em um jogo de futebol; uma matéria sobre artigo publicado no The New York Times que denunciava o processo de lawfare sofrido pelo ex-presidente Lula; e uma matéria de maio de 2017, que se trata de uma reprodução de outro veículo, onde é citada a fonte.

Sobre a matéria que dizia que apoiadores de Bolsonaro tinham feito saudação nazista, ela foi retificada 18 minutos depois da publicação, inclusive teve seu título alterado e incluída a seguinte informação: “Observação: Esta matéria foi atualizada logo após a sua publicação para adequação do título ao texto.” A matéria alerta sobre a maneira como os apoiadores de Jair Bolsonaro saúdam o presidente, lembrando saudações nazistas. Em outro momento, durante ato em frente ao Palácio do Planalto, paraquedistas fardados com gritos de “Bolsonaro somos nós” fizeram uma adaptação de Heil Hitler, uma saudação nazista. Em vídeo recente, o presidente utilizou-se de copos de leite, outro símbolo apontado por pesquisadores como nazista. Vale lembrar ainda do

vídeo do ex-secretário da Cultura, Roberto Alvim, semelhante ao do ministro de Adolf Hitler da Propaganda da Alemanha Nazista, Joseph Goebbels. São várias referências trazendo esse conteúdo.

Em relação à matéria sobre o The New York Times trata-se de um artigo publicado no jornal, assinado por Mark Weisbrot, em janeiro de 2018, onde o autor aponta que, ao agir de forma partidária, o ex-juiz Sergio Moro colocava a democracia brasileira à beira do abismo. “A evidência contra Lula está muito abaixo dos padrões que seriam levados a sério nos EUA”, dizia. A própria agência admite que o “New York Times publicou, sim, um texto do economista Mark Weisbrot, intitulado ‘A democracia do Brasil empurrada para o abismo’, criticando duramente o processo contra Lula”. Mas que não se tratava de um editorial do jornal. Em nenhum momento a Fórum afirmou isso, mas sim que o artigo havia sido publicado no diário norte-americano.

Outra checagem relacionada à Fórum é em relação a um vídeo que mostraria Jair Bolsonaro sendo expulso do estádio Mané Garrincha, em Brasília sob gritos de “Fora, Bolsonaro!”, no jogo entre Flamengo x Atlético Paranaense, em 16 de fevereiro de 2020. A agência afirma que o vídeo que havia viralizado nas redes sociais era falso. Fórum também afirmou isso em sua matéria, que foi atualizada e o leitor, informado. Este trecho foi incluído no mesmo dia: “Fórum apurou que de fato houve gritos de ‘Fora Bolsonaro’ no jogo entre Flamengo x Atlético Paranaense, mas como o vídeo que havia sido postado não era de hoje, o retiramos do post.” Fórum, portanto, retirou o vídeo, mas manteve a matéria, fiel aos fatos com outras referências.

Vale lembrar que a Fórum dispõe em todas as suas publicações de um canal de comunicação com o leitor, onde é possível comunicar erro, disponibiliza telefones e contatos no site. A Fórum tem 12 jornalistas profissionais trabalhando, seu editor, que assina este texto, é doutor em comunicação pela UFABC e mestre pela USP e autor de vários livros. Fórum também é uma das maiores audiências na internet no segmento de jornalismo on line. Diariamente são cerca de 70 matérias publicadas, entre reportagens, artigos, entrevistas e notas.

Enfim, Fórum não foi procurada em nenhum momento para se defender antes que fosse incluída como parte de uma nefasta organização criminosa que produz fake news, nem pelos consultores e nem pela relatoria desta comissão. Solicitamos neste sentido que este relatório seja excluído do site do Senado e que esse direito à defesa nos seja concedido com a urgência devida.

Estamos absolutamente à disposição da CPMI.

Diretor de Redação

Renato Rovai

(FÓRUM, online, 04 jun. 2020)

Neste editorial, para esclarecer ao público a acusação, a revista traz a reprodução da carta enviada à deputada federal, o que demonstra o objetivo de comprovar para os leitores a insatisfação de Fórum em relação às afirmações feitas sobre as fake News. O título “Editorial: Em defesa da história da Fórum e do jornalismo de qualidade” pressupõe a temática que será discutida: a defesa de que Fórum realiza um jornalismo de excelência, e deixa evidente que será desenvolvido um editorial, no entanto, tem-se um parágrafo que introduz a situação da revista diante da acusação de fake News e em seguida a carta do diretor da redação. Apesar de mencionar no título ser um “editorial”, podemos afirmar que o gênero se aproxima de uma nota de esclarecimento para o leitor com os argumentos pautados nos conteúdos apresentados pela revista anteriormente, demonstrando que este é um espaço da revista se posicionar e se defender

acerca da situação. Logo, constata-se a heterogeneidade dos gêneros do discurso postulada pelas reflexões bakhtinianas, pois apesar de os editoriais demonstrarem determinadas estabilidades, como o título remeter ao editorial e ser um texto divulgado pela redação da revista, esses sofrem alterações a depender da finalidade discursiva no modo de circulação digital, no caso o site do grupo jornalístico.

O enunciado desta publicação carrega o discurso de compromisso da empresa com seus leitores por meio da reiteração de reportagens e artigos publicados, que foram refutados pela agência de checagem por desenvolverem alguma informação falsa, a fim de mostrar que a revista identificou os deslizes e os corrigiu, não havendo justificativas plausíveis para inserir a revista em uma lista de disseminadores de fake News. Isso é evidente quando a revista retoma a reportagem que relatava sobre a saudação nazista dos apoiadores do presidente da República Jair Bolsonaro e esclarece que “ela foi retificada 18 minutos depois da publicação”, assim como justifica que o vídeo falso publicado sobre os apoiadores do presidente foi retirado e o leitores informados de que se tratava de uma fake News. Ainda, quando o grupo organizou seus artigos a partir de outras fontes e foi verificado que não era uma informação verídica, esclareceu que logo informou seus leitores, chamando a atenção para a interação direta entre o veículo e seu público-alvo “Vale lembrar que a Fórum dispõe em todas as suas publicações de um canal de comunicação com o leitor, onde é possível comunicar erro, disponibiliza telefones e contatos no site”.

O periódico argumenta que foi acusado injustamente, visto que os erros, quando houve, já haviam sido resolvidos e não serviriam de motivo para a revista ser inserida na lista da agência. Acerca dessa inserção, nota-se que o discurso e o tom de revolta do diretor se dão, além da acusação, pelo modo como esta foi realizada, visto a ocorrência de parcialidade ao acusar *Fórum* de fake News devido à retratação de situações relacionadas ao governo vigente. O diretor explicitou à deputada que a revista vinha denunciando “há tempos a tentativa de silenciamento de sites com uma visão de mundo à esquerda por agências de checagens”, o que demonstra um embate ideológico entre os discursos “à esquerda” política, comungados pela revista, e outros posicionamentos opostos que não permitem a refutação de seus discursos e, ainda, pautam-se em inverdades, como podemos evidenciar quando o editor afirma que as agências “comparam veículos que têm décadas de atuação com blogs apócrifos recém-lançados e que, estes, sim, disseminam desinformação, ódio e teorias anticientíficas e negacionistas”.

Ao analisarmos a temática que compõe a carta enviada, notamos que há a reiteração dos valores da revista, procedimento recorrente nos outros editoriais, o que

demonstra uma estabilidade deste gênero em Fórum. Esta constatação pode ser verificada quando na carta o editor afirma que a revista “tem 12 jornalistas profissionais trabalhando, seu editor, que assina este texto, é doutor em comunicação pela UFABC e mestre pela USP e autor de vários livros” e “é uma das maiores audiências na internet no segmento de jornalismo online” ressaltando que a revista se preocupa com a qualidade jornalística de seus conteúdos, ou seja, por meio de especialistas, oferece um conteúdo produzido sob os valores de um jornalismo que se pauta pela objetivo de informar e fazer refletir.

Diante da análise apresentada, verificamos que os gêneros carta do editor e editorial nas revistas *Realidade* e *Fórum*, respectivamente, cumprem com o projeto de dizer previsto para esses gêneros no campo do Jornalismo: apresentar o conteúdo da edição e veicular um posicionamento da revista em relação à temática abordada. Ainda, compreendemos que ambos gêneros servem de espaço para esclarecimentos e um contato direto entre a redação da empresa e o seu leitor-alvo.

Em relação à carta do editor na revista *Realidade*, foi possível identificar que em relação aos aspectos composicionais, o gênero organiza-se em enunciados curtos, dispostos na terceira página da revista, com uma apresentação do conteúdo principal da edição, geralmente relacionado à capa. Os aspectos arquitetônicos demonstram que a interação entre a revista e o leitor ocorre de modo direto, visto as escolhas linguísticas que convidam os cidadãos à leitura do periódico. Além disso, no contexto ditatorial em que a revista estava inserida, verificamos que o gênero sofreu interferências pois a revista precisava de veicular um discurso convincente que comungasse com os valores da época, o que comprova as reflexões bakhtinianas acerca das alterações e instabilidades de um gênero decorrentes do meio ideológico situado.

No caso dos editoriais da revista *Fórum*, identificamos como aspecto composicional do gênero a introdução de parágrafos com uma apresentação do conteúdo da edição, a organização de um texto constituído de enunciados impessoais – visto o uso preferencialmente de verbos na 3ª pessoa- e o estabelecimento de uma relação indireta com o leitor, pressupondo seu vínculo com este que escolheu ler a revista. Importante ressaltar que estes aspectos contemplam os pressupostos do jornalismo que associa o gênero editorial a essas especificidades.

Notamos que também há diferenças entre a carta do editor e o editorial, visto que a carta veicula um discurso com um direcionamento explícito ao leitor, enquanto há no editorial a relevância de uma impessoalidade. No entanto, as instabilidades, como as encontradas na revista *Fórum* no meio digital, mostram que a alternância de um gênero se concretiza a partir

das interferências ideológicas e sociais. Como instabilidade, podemos notar a mudança de assinatura associada aos títulos das cartas na revista *Realidade*, pois, quando intitulada “Carta do editor”, tinha-se a rubrica de Victor Civita, enquanto nos outros editoriais que receberam outros títulos a assinatura era de um responsável pela redação. Em relação a isso, verificamos também que, quando a revista publicava os textos assinados por Victor Civita, era apresentado um discurso pretensiosamente neutro e sem vínculos com polêmicas do momento, o que demonstra como a revista tinha uma preocupação com sua participação na imprensa. Esse fator demonstra que as instabilidades do gênero são decorrentes também do contexto sócio-histórico vigente.

Na revista *Fórum*, os editoriais publicados no meio digital sofreram alteração quando não se referiam a uma edição especificamente. Com isso, deparamo-nos com uma problematização de que o gênero, apesar de ainda ser intitulado como editorial – como analisado nos textos publicados em 2020 – apresenta-se com outras especificidades que se aproximam de um manifesto que a empresa faz para trazer um esclarecimento ao leitor. Esta evidência demonstra uma alternância do gênero editorial devido à mudança no modo de circulação, o qual fica disposto agora em um site e não se refere a uma única edição.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, nosso objetivo foi analisar as estabilidades e instabilidades dos gêneros editorial e carta do editor, os quais se constituem na esfera jornalística, assim como verificar o estilo, a forma composicional e arquitetônica destes gêneros em cada veículo e quais as relações destes textos diante das proximidades evidenciadas. Inicialmente, ao propormos a análise desses gêneros nas revistas *Realidade* e *Fórum*, tínhamos como hipótese encontrar características próprias que permitiam uma evidente distinção dos gêneros, apesar de reconhecermos que ambos os textos objetivam apresentar o conteúdo desenvolvido em uma edição da revista. No entanto, nas primeiras análises da pesquisa, notamos que as especificidades dos gêneros os aproximavam, o que desencadeou a hipótese de que os gêneros possuem projetos de dizer semelhantes e a distinção desses enunciados se dá de acordo com o estilo de cada revista.

Neste percurso, para o cumprimento destes objetivos, pautamo-nos nas reflexões do Círculo de Bakhtin acerca dos conceitos de enunciado concreto, gêneros do discurso, forma composicional, forma arquitetônica, estilo e ideologia. Na seção 1, discorremos acerca da teoria dialógica, a qual subsidiou a análise apresentada na seção 3, principalmente para esclarecer a relação existente entre os gêneros e porque podemos classificá-los como distintos. As reflexões bakhtinianas percorridas na seção 1 permitiram traçarmos a metodologia para a nossa posterior análise por meio do cotejamento entre os textos das revistas *Realidade* e *Fórum*.

Os objetivos contemplados no trabalho contribuem para os estudos e reflexões da teoria bakhtiniana do discurso visto que buscamos compreender a circulação e constituição dos gêneros discursivos na esfera jornalística. Além do desenvolvimento da perspectiva em que nos pautamos na seção 1, a análise do *corpus* permitiu outra contribuição relevante para os estudos bakhtinianos do discurso em relação ao espaço dos gêneros carta do editor e editorial em revista no jornalismo contemporâneo. Essa constatação se pautou nas reflexões tecidas na seção 1 e nas análises apresentadas na seção 3, uma vez que ao analisar o gênero editorial sob perspectivas temáticas e temporais distintas evidenciamos que, conforme a mudança de circulação e de relação entre leitor e enunciatador, o gênero sofre mudanças significativas, como o que ocorreu na revista *Fórum* que atualmente tem sua circulação na internet e não possui uma edição específica para divulgar as informações, mas tem conteúdos publicados de modo recorrente, o que motivou a alteração na dinâmica de publicação dos editoriais que agora se

organizam de modo a trazer um esclarecimento para o leitor e convidá-lo a ler o conteúdo do site.

Na seção 2, dedicamo-nos ao estudo da esfera jornalística para compreender como são concebidos os gêneros e quais as distinções que os jornalistas apresentam em relação aos dois gêneros em pauta, que visam a um objetivo em comum: apresentação da discussão que a revista vai propor e o posicionamento do periódico. Neste momento, foi possível então constatar que para o jornalismo os textos em análise são gêneros diferentes e que por isso era necessário apontar no *corpus* como se davam essas diferenças na prática jornalística em foco. Enquanto a carta do editor é voltada para um *merchandising* da revista, uma autopromoção do periódico, o editorial objetiva a apresentação dos conteúdos abordados na edição.

Ainda na seção 2, contextualizamos sobre as revistas *Fórum* e *Realidade*, especificando como é conduzido o trabalho editorial, tempo de circulação e temáticas em suas edições, para que fosse possível realizar a análise dos textos selecionados. Na seção 3, a partir destas discussões, desenvolvemos a análise de nove cartas do editor da revista *Realidade*, que foram selecionadas de acordo com as fases de publicação do periódico entre 1966 e 1976 e com as instabilidades notadas, como a mudança de título e assinatura. Após a análise das cartas em *Realidade*, apresentamos a análise de editoriais da revista *Fórum*, com oito textos que foram selecionados diante de algumas instabilidades demarcadas previamente como a mudança de título também e o modo de circulação – editoriais da revista impressa reproduzidos no site e editoriais publicados diretamente no endereço digital da revista.

É importante ressaltar que *Realidade*, por meio das cartas do editor, buscava cumprir com os pressupostos da época para manter-se ativa na imprensa brasileira e por isso reitera em seus enunciados valores nacionalistas, mas que buscavam descentralizar as ideologias tradicionais comungadas na época, como foi evidenciado pela discordância apresentada na carta do editor sobre a apreensão das revistas. Do mesmo modo, *Fórum*, mediante os editoriais, reforça sua participação e importância social e evidencia que seus valores estão politicamente associados à valorização das questões sociais e um posicionamento crítico marcado pela resistência, visto as escolhas temáticas e o modo como foram abordadas as questões. A revista, ainda, demonstra que sua proposta editorial pautada no Fórum Mundial Social se manteve ao longo dos anos diante das mudanças políticas ocorridas.

As cartas do editor da revista *Realidade* apontaram como estabilidade alguns aspectos que fazem parte da forma composicional do gênero, como a assinatura do editor responsável e a interlocução direta com o leitor, aspectos que estão presentes na maioria das

edições. Além disso, a apresentação do conteúdo da edição associado ao *merchandising* do periódico foi recorrente nos anos de publicação de revista, visto que a carta promovia o autoelogio da empresa em relação ao trabalho desenvolvido pelos editores. A organização da revista também evidencia a presença do gênero com o título “carta do editor” sempre nas páginas 3 ou 4 dos números do periódico.

Essas recorrências que caracterizam o gênero carta do editor foram questionadas quando nos deparamos com instabilidades como a ausência de assinatura em determinadas edições e a mudança do título “Carta do editor” para outro com indicativo do tema da edição ou expresso como “Nota de Redação”. Ainda, notamos que em alguns momentos o espaço dedicado à carta foi substituído por outro texto que se assemelhava a uma nota de esclarecimento, o que concluímos ser motivado por uma decisão dos editores de, no espaço dedicado às cartas, ser possível esclarecer algum fato para os leitores por meio de outro gênero. Com isso, constatamos que a forma composicional do gênero se altera em diálogo com novos gêneros com finalidades semelhantes, os quais não cumprem a função de uma carta, aproximam-se apenas em relação à interação da revista com seus leitores. .

Os gêneros discursivos carta do editor e editorial são textos opinativos que inseridos na esfera jornalística objetivam promover a formação de opinião pública e manifestar o posicionamento das instituições diante da realidade social vinculada. Desse modo, diante da discussão aqui posta, podemos já buscar responder à primeira questão elencada na problematização da pesquisa, pois verificamos que, apesar das especificidades de cada um, os gêneros possuem especificidades que os aproximam, como a constatação de esclarecimento sobre alguma decisão ou fato que envolva a revista e o apelo ao leitor que aparecem nos editoriais da *Fórum* e também são recursos utilizados por *Realidade*.

Outrossim, cabe ressaltar que em diferentes momentos sócio-históricos e em veículos distintos a esfera jornalística reitera seu papel formador, pois, assim como foi analisado em *Fórum*, constata-se que os editoriais não são recorrentes atualmente pois não há uma edição específica como havia na imprensa, assim os editoriais no site servem como um mecanismo de esclarecimento para a sociedade quando a revista tem a necessidade de se posicionar publicamente. Na revista *Fórum*, notamos que os editoriais geralmente apresentavam o conteúdo abordado na edição do mês, quando na versão impressa, e evidenciavam para o leitor o posicionamento do periódico em relação ao tema enfatizado. Os textos possuem títulos que resumem o conteúdo desenvolvido e junto aparece o signo “Editorial”, indicando para o leitor

o texto exposto. Os editoriais apresentavam a autoria como “Revista Fórum” e “Redação”, sem uma assinatura, o que contempla a forma composicional do gênero.

As estabilidades do editorial em *Fórum* aproximam-se a outros gêneros quando temos os textos divulgados no site da empresa, o que motivou uma alteração em relação ao modo como se desenvolveu o texto que ainda recebe como título “Editorial”. Diferente do desenvolvimento do tema da edição, na versão digital temos a revista apresentando os temas relevantes e considerados necessários para a revista se posicionar. Além disso, notamos uma necessidade de autopromoção e esclarecimento da revista sobre situações polêmicas envolvendo a empresa, o que demonstra que o editorial neste espaço sofreu alterações na sua forma composicional e arquitetônica. Esta constatação nos levantou à seguinte questão: o que é um editorial da revista Fórum neste meio digital? Entendemos que como não há uma edição específica, pois a revista não é publicada em um compilado de conteúdos, mas sim de modo recorrente, como um site de informações, o editorial tornou-se o gênero voltado à autoexplicação e promoção da revista, o que se mantém é a evidência do posicionamento da empresa em relação ao tema debatido.

Diante das estabilidades e instabilidades dos gêneros analisados, estabelecemos algumas considerações em relação às aproximações da carta do editor e do editorial em revista. Sendo assim, apesar das distinções, evidenciamos que as revistas por meio destes gêneros discursivos buscam falar de si para seu público-alvo, o que altera é a relação com o leitor que na carta demarca uma interlocução explícita enquanto no editorial este tom é indireto. Constatamos também que o título é usado em ambos os gêneros como um meio de apresentação do tema que será debatido além de apresentar um indicativo para o leitor com “Carta do editor” ou “Editorial” para demarcar qual o gênero expresso.

Em relação à escolha da revista por carta ou editorial, por meio das análises podemos dizer que esta decisão está vinculada aos interesses de cada revista em estabelecer uma relação com seu leitor e ao estilo de cada veículo. No caso de *Realidade*, podemos dizer que a “Carta do editor” era o gênero que a revista utilizava para se vincular mais estreitamente ao leitor e promover a revista diante de um contexto de censura da imprensa. Já a revista *Fórum*, ao optar pelo editorial, demonstra vincular-se à recorrência deste gênero em outras revistas de cunho tradicional e no campo jornalístico e, com isso, mostrar o seu espaço no mercado editorial.

Com isso, podemos dizer que os gêneros opinativos no jornalismo, neste caso a carta do editor e o editorial, são fundamentais pois são o espaço privilegiado do posicionamento

da empresa. Sabemos que todo enunciado é ideológico e materializa as ideologias do interlocutor, mas é no editorial e na carta do editor que o leitor de revistas tem acesso direto e explícito aos valores assumidos pelo periódico. Essa relevância é evidente quando notamos que, apesar de o jornalismo em revista vivenciar um momento de mudança na interação entre autor e leitor, com diferentes mídias sendo utilizados para a veiculação da comunicação jornalística, temos revistas como *Fórum* que fazem uso deste gênero discursivo mesmo sem um “número” da revista (com uma edição e conteúdos relacionados a um mês ou semana).

Sendo assim, ressaltamos a relevância deste trabalho para os estudos acerca dos gêneros discursivos, uma vez que se busca compreender como a carta do editor e o editorial se aproximam e se distanciam na esfera jornalística e como se dá a atuação destes enunciados no corpo social, em momentos históricos diferentes do jornalismo brasileiro. Ainda, evidenciamos a importância da reflexão sobre o espaço dos gêneros jornalísticos na contemporaneidade, os quais permitem o acesso da sociedade a informações e opiniões, que dialogicamente a constituem, em um momento de mudanças no uso de diferentes meios de comunicação que dissolveram gêneros, mas também promoveram o surgimento e ressignificação de tantos outros, como ocorreu com o editorial e a carta do editor.

## REFERÊNCIAS

AARÃO REIS, D. **Ditadura e democracia no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p.261-306.

\_\_\_\_\_. Os estudos literários hoje. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p.359-366.

\_\_\_\_\_. Metodologia das Ciências Humanas. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p.393-410.

\_\_\_\_\_. **Teoria do romance I: A estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

\_\_\_\_\_. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 3.ed. São Carlos: Pedro & João, 2017

BRAIT, Beth. Estilo. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005, p.79-102.

\_\_\_\_\_. Enunciado/ enunciado concreto/ enunciação. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005, p.61-77.

\_\_\_\_\_. Análise e teoria do discurso. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006, p.9-32.

BUBNOVA, Tatiana. O que poderia significar o “Grande Tempo”. **Bakhtiniana**. São Paulo, vol. 10(2), mai./ago. 2015, p. 05-16.

CAVALCANTI, Jauranice Rodrigues. **No “mundo dos jornalistas”: interdiscursividade, identidade, ethos e gêneros**. Campinas, 2006, Tese (Doutora em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2019.

CRISTÓVÃO, Assunção. **Fazendo gênero em jornalismo: os projetos editoriais da Folha de S. Paulo em perspectiva dialógica**. Araraquara, 2011, 412 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2011.

DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. Coordenação de textos de Carla Bassanesi. São Paulo: Contexto, 1997.

DISCINI, Norma. Contribuição para uma estilística discursiva. In: PAULA, Luciane; STAFUZZA, Grêmisa (Orgs.). **Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável**. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p.115-148.

FARACO, Carlos Alberto. A ideologia no/do Círculo de Bakhtin. In: PAULA, Luciane; STAFUZZA, Grêmisa (Orgs.). **Círculo de Bakhtin: pensamento interacional**. Campinas: Mercado de Letras, 2013. p.67-182.

\_\_\_\_\_. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar, 2003.

FARO, José Salvador. **Revista Realidade, 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira**. São Paulo: Editora ULBRA, 1999. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ensinodareportagem/artigos/revistarealidade.pdf>. Acesso em 12 de jun 2020.

\_\_\_\_\_. A revista Realidade nos anos da mobilização democrática: reportagem e Estado autoritário. **Estudos em Jornalismo e Mídia. Florianópolis**, vol. 11, Nº 1, jan.-jun. 2014.

FICO, C. **Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar**. Revista Brasileira de História vol.24 no.47. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

FONSECA, Francisco. **Mídia, poder e democracia: teoria e práxis dos meios de comunicação**. Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília,n.6, 2011. Disponível em . Acesso em 12 jun. 2020.

FÓRUM. **Sobre a revista**. Disponível em <https://revistaforum.com.br/sobre-a-revista>. Acesso em 26 mai 2020.

FÓRUM SOCIAL MUNDIAL. **Sobre o Fórum Social Mundial**. Disponível em <https://fsm2016.org/en/sinformer/a-propos-du-forum-social-mondial/>. Acesso em 20 set. 2020.

FREITAS, M. T. A; JOBIM e SOUZA, S. e KRAMER, S. (Orgs.) **Ciências Humanas e Pesquisa – Leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003.

GERALDI, J. W. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: GEGE. **Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012. p. 19-39.

GUILARDI-LUCENA, Maria Inês (Org). **Representações do feminino**. Campinas: Átomo, 2003

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. 2005. Disponível em <http://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2017/10/Teoria-e-T%C3%A9cnica-do-TextoJornal%C3%ADstico.pdf>. Acesso em 30 jun 2020.

\_\_\_\_\_. **Linguagem jornalística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 151-166.

MADEIRA, Laura Andressa Carvalho; OLIVEIRA, Syndley Jorrany Conceição de. “EU SOU MULHER”: A luta das mulheres na ditadura civil militar no Brasil durante a segunda metade do século XX. **Das Amazônias**. Rio Branco – Acre, v.2, n.1, (jan-jul) 2019, p. 57-70.

MARCHEZAN, Renata Coelho. Diálogo. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 115-129.

MARQUES DE MELO., José. **A opinião no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. **Indústria Cultural, Jornalismo, Jornalistas**. Revista Brasileira de Comunicação, Ano XIV. nº 65, julho-dezembro, 1991.

MEDITSCH, Eduardo. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** 1997. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>. Acesso em 30 jun 2020.

MENDONÇA, Marina Célia. Desafios metodológicos para os estudos bakhtinianos. In: GEGE. **Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012. p. 107-119.

MORAES, V. (2010). **Realidade (re)vista: O papel do intelectual na concepção de um projeto revolucionário**. 2010. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 200, p. 168-176.

\_\_\_\_\_. Algumas anotações para pensar a questão do método em Bakhtin. In: GEGE. **Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012. p. 151-168.

PONZIO, Augusto. **No Círculo de Bakhtin**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2016.

REALIDADE. **Carta do Editor**. São Paulo, n.1, abril de 1966, p.3. Disponível em [http://memoria.bn.br/pdf/213659/per213659\\_1966\\_00001.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/213659/per213659_1966_00001.pdf) . Acesso em 30 nov 2019.

\_\_\_\_\_. **O trabalho que elas deram**. São Paulo, n.10, janeiro 1967. Disponível em [http://memoria.bn.br/pdf/213659/per213659\\_1967\\_00010.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/213659/per213659_1967_00010.pdf) . Acesso em 30 nov 2019.

\_\_\_\_\_. **A apreensão de REALIDADE**. São Paulo, n.11, fevereiro 1967. Disponível em [http://memoria.bn.br/pdf/213659/per213659\\_1967\\_00011.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/213659/per213659_1967_00011.pdf). Acesso em 30 nov 2019.

\_\_\_\_\_. **Aos nossos leitores**. São Paulo, n.13, abril de 1967. Disponível em [http://memoria.bn.br/pdf/213659/per213659\\_1967\\_00013.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/213659/per213659_1967_00013.pdf). Acesso em 30 nov 2019.

\_\_\_\_\_. **Nota de Redação.** São Paulo, n.17, agosto de 1967. Disponível em [http://memoria.bn.br/pdf/213659/per213659\\_1967\\_00017.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/213659/per213659_1967_00017.pdf). Acesso em 30 nov 2019.

\_\_\_\_\_. **Carta do editor.** São Paulo, n.50, maio de 1970. Disponível em [http://memoria.bn.br/pdf/213659/per213659\\_1970\\_00050.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/213659/per213659_1970_00050.pdf). Acesso em 30 nov 2019.

\_\_\_\_\_. **Carta ao leitor.** São Paulo, n. 80, novembro de 1972. Disponível em [http://memoria.bn.br/pdf/213659/per213659\\_1972\\_00080.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/213659/per213659_1972_00080.pdf). Acesso em 30 nov 2019.

\_\_\_\_\_. **Uma nova realidade.** São Paulo, n. 91, outubro de 1973. Disponível em [http://memoria.bn.br/pdf/213659/per213659\\_1973\\_00091.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/213659/per213659_1973_00091.pdf). Acesso em 30 nov 2019.

\_\_\_\_\_. **Nossa Realidade.** São Paulo, n. 119, fevereiro de 1976. Disponível em [http://memoria.bn.br/pdf/213659/per213659\\_1976\\_00119.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/213659/per213659_1976_00119.pdf). Acesso em 30 nov 2019.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline M. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROJO, Roxane; MELO, Rosineide de. **Letramentos contemporâneos e a arquitetura Bakhtiniana.** *D.E.L.T.A.*, 33.4, 2017 (1271-1289)

RODRIGUES, Rosângela Hammes. **A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo.** São Paulo, 2001, 347 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista.** São Paulo: Contexto, 2004.

SCHERER-WARREN, Ilse. Manifestações de rua no Brasil 2013: encontros e desencontros na política. **Cafajeste. CRH**, Salvador, v. 27, n. 71, pág. 417-429, agosto de 2014. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-49792014000200012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792014000200012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 02 de fevereiro de 2021.

SILVA, Suelen Sales. **O percurso sócio-histórico de uma tradição discursiva: da carta ao editorial.** Rio de Janeiro, 2011, 220 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Línguas Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

SOBRAL, Adail. Ato, atividade e evento. In: BRAIT, Beth(org.). **Bakhtin: conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2005, p.11-36.

\_\_\_\_\_. Ético e Estético: Na vida, na arte e nas Ciências Humanas. In: BRAIT, Beth(org.). **Bakhtin: conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2005, p.103-122.

\_\_\_\_\_. Filosofias (e filosofia) em Bakhtin. In: BRAIT, Beth(org.). **Bakhtin: conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2005, p.123-150.

TORRES, Fernando Marcondes de. REVISTA REALIDADE (1966 -1976): Modelo de reportagem transitório entre as revistas ilustradas e de informação. **Acta Científica**, São Paulo, vol. 2, n.9, jul./dez. 2005.

VILAS BOAS, Sergio. **O estilo magazine: o texto em revista**. São Paulo: Summus, 1996.

VILLAR, Mauro de Salles (Org.). **Dicionário Houaiss Conciso**. São Paulo: Moderna, 2011.

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **A palavra na vida e a palavra na poesia**. Tradução, notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

\_\_\_\_\_. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Tradução, organização e notas de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013, p. 131-156.